



# RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Dossiê “30 anos do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom” | V.12, N.2 | 2021.2



PPG  
UFOP COM

CONJUR

nrtv  
Núcleo de Rádio e TV

INTERCOM  
GP Rádio e Mídia Sonora

**RADIOFONIAS**  
REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

ISSN: 2675-8067

**Dossiê “30 anos do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom”**

V.12, N.2 | 2021.2

**Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, antiga Rádio-Leituras (ISSN 2179-6033), é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Núcleo de Rádio e TV (NRTV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Conta com o apoio do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O objetivo da publicação é ser um espaço para análise e reflexão sobre o rádio, a mídia sonora, o rádio-jornalismo e os processos de convergência que dialoguem direta ou indiretamente com as diversas modalidades de comunicação sonora. A revista pretende promover debates e estimular o desenvolvimento e difusão de conhecimento científico, contribuindo, juntamente com outros esforços e iniciativas, para o crescimento do campo dos estudos radiofônicos e da mídia sonora como um todo. Desta forma, a publicação encoraja a abordagem de questões metodológicas e conceituais relativas ao estudo do rádio e da mídia sonora, estimulando também a interdisciplinaridade nas propostas e o diálogo com pesquisadores de outros países. Radiofonias prioriza publicações decorrentes de pesquisas em nível de pós-graduação e inéditas. Destina-se a pesquisadores, professores, profissionais e estudantes de comunicação e especificamente de rádio.

## **RADIOFONIAS**

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo e do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

realização:

**PPG COM**  
U F O P  
Comunicação e Temporalidades

**nrtv**  
Núcleo de Rádio e TV

**CONJOR**  
Convergência e Jornalismo

apoio:



**INTERCOM**  
GP de Rádio e Mídia Sonora

## Equipe Editorial / Editorial Board / Equipo Editorial

**Eduardo Vicente (Editor Convidado)** | Universidade de São Paulo (USP), Brasil

**Debora Cristina Lopez** | Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

**Marcelo Kischinhevsky** | Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

**Lena Benzecry** | Pós-Doutoranda ECO-UFRJ

**Emanuelle Oliveira e Lara Machado** | Graduandas ECO-UFRJ

## Conselho Editorial / Editorial Board / Consejo Editorial

**Belén Monclús**

Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), Espanha

**Daniel Martín Pena**

Universidad de Extremadura (UEx), Espanha

**Doris Fagundes Haussen**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil

**Eduardo Meditsch**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Eduardo Vicente**

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

**José Luis Fernández**

Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina

**Luciano Klöckner**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

**Luiz Artur Ferraretto**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

**Madalena Oliveira**

Universidade do Minho (UMinho), Portugal

**Mágda Rodrigues da Cunha**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

**Manuel Fernández Sande**

Universidad Complutense de Madrid, Espanha

**Marcelo Freire**

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

**María del Pilar Martínez-Costa**

Universidad de Navarra, Espanha

**Mia Lindgren**

Swinburne University of Technology, Austrália

**Monica Rebecca Ferrari Nunes**

Escola Sup. de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP)

**Nair Prata**, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

**Nélia Rodrigues Del Bianco**

Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade de Brasília (UnB), Brasil

**Othon Fernando Jambeiro**

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Sonia Virginia Moreira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

**Tiziano Bonini**

Università di Siena, Itália.

## Pareceristas nesta edição

Adriana Barsotti

Universidade Federal Fluminense

Alvaro Bufarah Junior

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Ana Baum

Universidade Federal Fluminense

Carlos Jáuregui

Universidade Federal de Ouro Preto

Daniel Gambaro

Universidade Anhembi Morumbi

Débora Silva Costa

Universidade Federal do Ceará

Ed Wilson Ferreira Araújo

Universidade Federal do Maranhão

Eduardo Vicente

Universidade de São Paulo

Giovana Borges Mesquita

Universidade Federal de Pernambuco

Graziela de Mello Vianna

Universidade Federal de Minas Gerais

Izani Mustafá

Universidade Federal do Maranhão

João Paulo Malerba

Universidade Rural do Rio de Janeiro

José Eugenio de Oliveira Menezes

Faculdade Cásper Líbero

Galvão Júnior

Universidade de Taubaté

Luciano Victor Barros Maluly

Universidade de São Paulo

Madalena Oliveira

Universidade do Minho

Mágda Rodrigues da Cunha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Marcelo Freire

Universidade Federal de Ouro Preto

Márcia Vidal

Universidade Federal do Ceará

Marizandra Rutilli

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Nélia Del Bianco

Universidade de Brasília

Paulo Fernando de Carvalho Lopes

Universidade Federal do Piauí

Sérgio Pinheiro da Silva

Universidade São Judas Tadeu

Vera Lucia Spacil Raddatz

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Vinícius Dorne

Universidade Federal de Uberlândia

Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

Universidade Federal de Pelotas

## Diagramação

[www.lenabenz-comunica.com](http://www.lenabenz-comunica.com)

Capa sobre fotos de: [canva.com](https://www.canva.com)

## Editora:

Universidade Federal de Ouro Preto

R. Diogo de Vasconcelos, 122.

Pilar | Ouro Preto | Minas Gerais

CEP 35400-000

## SUMÁRIO

	PÁG.
<b>APRESENTAÇÃO</b>	
<b>Estudos radiofônicos para além de efemérides</b>	2
Eduardo Vicente (editor convidado), Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky e Lena Benzecry	
<b>DOSSIÊ “30 ANOS DO GP RÁDIO E MÍDIA SONORA DA INTERCOM”</b>	
<b>Conceitos de rádio: múltiplos olhares ressignificando e atualizando definições</b>	10
Luiz Artur Ferraretto	
<b>Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão</b>	30
Mágda Cunha	
<b>Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa</b>	47
Nair Prata	
<b>30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom</b>	82
Nelia Rodrigues Del Bianco e Valci Regina Musquer Zuculoto	
<b>Memória e perfil das contribuições do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom para os estudos sobre o Serviço Público de Radiodifusão Sonora do Brasil</b>	110
Elton Bruno Barbosa Pinheiro	
<b>Rádio e Pânico, 1998: na análise da invasão marciana, a primeira experiência de pesquisa em rede</b>	135
Eduardo Meditsch	
<b>O escritor e o rádio – Sete romances de Erico Verissimo</b>	154
Doris Fagundes Haussen	
<b>ENTREVISTA</b>	
<b>Sonia Virgínia Moreira: Do espectro radiofônico aos espaços geográficos da Comunicação, uma pensadora que desbravou fronteiras</b>	167
Marcelo Kischinhevsky, Debora Cristina Lopez, Eduardo Vicente e Lena Benzecry	
<b>ARTIGOS LIVRES</b>	
<b>Rádio Unama FM – Uma experiência de produção de conteúdo em uma universidade particular da Amazônia</b>	177
Rodolfo Silva Marques, Ivana Oliveira e Mário Camarão França Neto	
<b>RESENHA</b>	
<b>Vozes no radiojornalismo</b>	200
Luana Viana	

## APRESENTAÇÃO

# Estudos radiofônicos para além de efemérides

*Eduardo Vicente, Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky e Lena Benzecry*

Indiscutivelmente, o rádio tem uma longa e apaixonante história em nosso país. Que se mede, entre outros fatores, pela quantidade de iniciativas, cada uma a seu modo pioneira, e que demarcam o início de sua trajetória entre nós. Temos os experimentos do padre Landell de Moura, desenvolvidos ainda no fim do século XIX (FORNARI, 1984); o extraordinário trabalho da Rádio Clube de Pernambuco, iniciado em 1919 (FERRARETTO, 2021); as transmissões realizadas pela Westinghouse desde o Morro do Sumaré, no Rio de Janeiro, em 1922; a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Edgard Roquette-Pinto e Henrique Morize, no ano seguinte...

### >> Como citar este texto

VICENTE, Eduardo; LOPEZ, Debora Cristina.; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Estudos radiofônicos para além de efemérides. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana - MG, v. 12, n. 02, p. 02-09, mai./ago. 2021.

### Sobre a Equipe Editorial

#### Eduardo Vicente (Editor Convidado)

[eduvicente@usp.br](mailto:eduvicente@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0002-1130-0637>

Professor associado do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e do PPG em Meios e Processos Audiovisuais da mesma instituição. Editor da *Novos Olhares*, revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos midiáticos ([www.revistas.usp.br/novosolhares](http://www.revistas.usp.br/novosolhares)).

#### Debora Cristina Lopez

<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, é professora dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná e de Ouro Preto, onde também leciona na graduação de Jornalismo. Coordena os Grupos de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e Convergência e Jornalismo (ConJor), além do Laboratório de Inovação em Jornalismo, ambos na UFOP.

#### Marcelo Kischinhevsky

<https://orcid.org/0000-0002-4838-2162>

Doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é diretor do Núcleo de Rádio e TV da mesma instituição, onde leciona nos cursos de Jornalismo e Rádio e TV e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicação (ECO/UFRJ).

#### Lena Benzecry

<https://orcid.org/0000-0003-1258-8123>

Doutora pela ECO/UFRJ, atualmente é pesquisadora do Núcleo de Rádio e TV na mesma instituição.

Independentemente do marco que se estabeleça, a relação amorosa entre o Brasil e o rádio já é centenária, e a presença do veículo na sociedade brasileira sempre se deu de forma bastante intensa.

Um momento definidor dessa presença foi o Decreto nº 21.111, promulgado pelo governo de Getúlio Vargas, que regulamentou a publicidade radiofônica no país (ORTRIWANO, 1985) e deu um impulso fundamental ao seu desenvolvimento dentro de um modelo comercial, em que a atuação do Estado, no entanto, fazia-se sentir com muito vigor. Escrevendo em 1941 para a revista *Cultura Política*, Álvaro Salgado, um dos ideólogos do regime estado-novista para o setor radiofônico, oferece-nos o que parece ser uma posição oficial do governo sobre esta questão: “É cedo para a radiodifusão exclusivamente oficial. O que nos convém, o mais eficiente no momento, é a rádio controlada ao lado de algumas estações oficiais” (SALGADO, 1941, p. 40).

Essa presença do Estado será a grande marca do rádio brasileiro na fase do espetáculo (décadas de 1930 a 1950), tanto através da Rádio Nacional, estatizada em 1940 (SAROLDI & MOREIRA, 1984) e que se torna, a partir daí, a grande protagonista do rádio brasileiro no período, quanto pelo programa Hora do Brasil (depois Voz do Brasil), produzido pelo governo Vargas a partir de 1935 e veiculado obrigatoriamente, ainda hoje, por todas as emissoras do país

Porém, mesmo que o viés ideológico da ação estatal não possa ser ignorado, é preciso reconhecer que ela colocou o rádio como o grande artífice da cultura brasileira e um dos principais fatores de unificação de um país de dimensões continentais. Assim, através de um rádio que tinha essa preocupação de falar a todo o Brasil, foram se “reunindo num grande abraço corações de Norte a Sul”, como propunha a canção *Cantores do rádio*, de 1936, de Lamartine Babo, João de Barro e Alberto Ribeiro.

Já a partir dos anos 1960, com a chegada da televisão, o rádio acaba se distanciando dos programas mais ligados ao entretenimento que haviam sido a base de sua programação nas décadas imediatamente anteriores – como a radionovela e os programas de auditório, agora adaptados ao meio televisivo – e entra em sua fase de segmentação (FERRARETTO, 2012), principalmente em termos etários e socioeconômicos...

Sabemos que essa breve história do rádio, apresentada aqui de forma muito resumida, já é bem familiar aos leitores da **Radiofonias**. Mas a motivação principal para iniciarmos a apresentação da edição atual dessa forma é justamente a de lembrar que, se essa história já é bem conhecida, isso se deve, em grande medida, aos pesquisadores de rádio do país, muitos dos quais foram ou são integrantes do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), criado em 1991. Um Grupo que, além de reconstruir a história do nosso rádio, buscando determinar seus desvios, tendências e consequências, bem como recuperar as trajetórias de pioneiros e desbravadores, viveu e vive as importantes mudanças no veículo e na sociedade nacional sentidas ao longo desses seus 30 anos de existência, protagonizando a consolidação dos estudos radiofônicos no Brasil.

Sonia Virgínia Moreira (2005) lembra que a primeira e a segunda fases da pesquisa em rádio no país contavam, predominantemente, com manuais de redação e produções de caráter memorialístico. Para a autora, é a partir dos anos 1990 que se fortalecem os trabalhos mais acadêmicos, que buscam refletir sobre o meio, sua percepção, seus impactos. O GP Rádio e Mídia Sonora nasce nesse cenário e reúne, a partir da iniciativa da própria Sonia e de Doris Fagundes Haussen, pesquisadoras e pesquisadores apaixonados pelo meio.

Com o passar dos anos, chegam novos integrantes, e o olhar sobre o meio – teórico, metodológico e da definição do objeto de estudos em si – amplia-se. O Grupo de Trabalho em Rádio original expande seu olhar e se torna o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora. A realização de pesquisas coletivas, a relação com o fazer radiofônico e sonoro, a formação de pesquisadores e a construção de interfaces com outras áreas serão os pontos de destaque da trajetória do grupo, que se revelam com vigor em suas produções: livros, cursos, séries sonoras, mesas especiais e centenas de trabalhos publicados em anais de eventos.

Além de produções coletivas acadêmicas e sonoras, um outro destaque foi a atuação do grupo na construção da Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil, que questionava o Ministério das Comunicações sobre

a tecnologia a ser adotada para a implantação do rádio digital no Brasil. O movimento, que envolveu a assinatura de 72 pesquisadores brasileiros, levou à revisão da decisão do Ministério depois de uma reunião com uma comissão de pesquisadores, composta por Luiz Artur Ferraretto, Nair Prata e Nelia Del Bianco. O fato, ocorrido em 2007, representa a capacidade de articulação do GP e seu olhar atento às questões do rádio e mídia sonora no país.

No cenário mais recente, as múltiplas facetas desse rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2014), que se manifesta especialmente através das webrádios e podcasts, ganham destaque nos trabalhos do Grupo, bem como a crescente atenção às demandas identitárias, especialmente étnicas e de gênero, que têm se manifestado nesse novo e plural universo sonoro.

Muito da trajetória e das pesquisas aqui esboçadas será lembrado nesta edição da **Radiofonias** através do dossiê comemorativo “30 anos de estudos radiofônicos – O papel do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom”, que celebra a efeméride desse Grupo do qual participam não somente os editores desta revista, mas também perto de uma centena de pesquisadores de rádio e mídias sonoras do país. Para o dossiê, tivemos a alegria de contar com sete contribuições de oito autores que, além de serem alguns dos mais importantes pesquisadores dessa área no país, são também participantes e, em sua maioria, ex-coordenadores do Grupo. Os textos oferecem uma visão bastante abrangente dos impactos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom sobre o desenvolvimento dos estudos sobre rádio e mídia sonora no país, bem como ilustram algumas das principais vertentes de suas pesquisas.

Luiz Artur Ferraretto, professor da UFRGS, por exemplo, discute em “Conceitos de rádio: múltiplos olhares ressignificando e atualizando definições”, a importância das reflexões realizadas no âmbito do Grupo através de uma recuperação histórica das contribuições de pesquisadores brasileiros a respeito da ressignificação da palavra rádio e da atualização de seu conceito em função da cultura da convergência, de Henry Jenkins, e dos processos de midiamorfose,

conforme Roger Fidler, e remediação, a partir de Jay Bolter e Richard Grusin. Em seu percurso, Ferraretto, constata a validade de pensar o meio como criação cultural em uma analogia com o proposto por Otto Groth a respeito do jornalismo.

Já Mágda Cunha, professora da PUC do Rio Grande do Sul, reflete em “Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão”, sobre as contribuições oferecidas pelo Grupo ao longo de seus 30 anos. Com esse objetivo, ela analisa os estudos sobre rádio e mídia sonora em suas três fases distintas: recuperação da história, consolidação e expansão a partir da relação com as tecnologias contemporâneas de comunicação. A perspectiva proposta parte do princípio de que estes três eixos definem a trajetória das investigações na área e estabelecem uma relação relevante com o ecossistema de mídia. Na percepção da autora, os pesquisadores, em sua tentativa de abarcar o objeto em um ambiente dinâmico de transformações, estabelecem momentos de resistência e reposicionamento dos estudos.

Nair Prata, docente da UFOP, em “Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa”, busca entender qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil e os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora a partir tanto da reflexão sobre a trajetória, ações e publicações do Grupo, quanto a partir dos depoimentos de sua coordenadora atual e dos nove ex-coordenadores. Partindo das duas questões que norteiam sua investigação – Qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil 30 anos depois da criação do GP? Quais os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora? – os resultados da pesquisa apontam para um mapa consolidado dos estudos radiofônicos no Brasil e para um grupo de pesquisa vigoroso, fraterno e profícuo, mas que enfrenta grandes desafios, inclusive a própria diminuição do seu principal objeto de investigação, o rádio.

Nelia Rodrigues Del Bianco e Valci Regina Mousquer Zuculoto, respectivamente professoras da UnB e da UFSC, através do texto “30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom”, discutem o

processo de produção do conhecimento sobre o rádio brasileiro no âmbito do Grupo a partir da análise das 25 pesquisas e obras coletivas que produziu entre 1997 e 2020. As autoras destacam, em sua análise, as pesquisas que tiveram origem em um escopo estruturado coletivamente e buscam problematizar os desafios para a construção de parâmetros científicos na condução de estudos coletivos, como a convergência de interesses individuais, o papel dos participantes e das lideranças, a padronização de resultados e o compromisso com o rigor e a fidedignidade dos dados.

Já Elton Bruno Barbosa, professor da UnB, em "Memória e perfil das contribuições do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom para os estudos sobre o Serviço Público de Radiodifusão Sonora do Brasil", estabelece um perfil das contribuições do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora para os estudos sobre o serviço público de radiodifusão sonora do Brasil, área que enfrenta, historicamente, desafios multidimensionais de natureza conceitual, social, cultural, política, normativa e tecnológica, fortemente relacionados às condições de origem de suas emissoras. Marcadas, principalmente, pelas relações contíguas com os governos vigentes em diferentes épocas e por variados níveis de injunções do sistema estatal e comercial de radiodifusão em suas trajetórias.

Eduardo Meditsch, docente (como Zuculoto) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, recupera, em "Rádio e Pânico, 1998: na análise da invasão marciana, a primeira experiência de pesquisa em rede", a memória da primeira pesquisa em rede realizada pelo Grupo, que resultou também na publicação de seu primeiro livro coletivo. Trata-se da análise da peça de radioteatro A Guerra dos Mundos, de 1938, dirigida por Orson Welles para a CBS norte-americana. A pesquisa foi realizada por ocasião do sexagésimo aniversário do programa, que provocou pânico entre os ouvintes e foi um ponto de inflexão na carreira de Welles. Para o autor, essa pesquisa representou um salto qualitativo para o Grupo, que passou a operar também como rede em função de objetivos científicos definidos coletivamente.

Por fim, Doris Fagundes Haussen, professora aposentada da UFRGS e pesquisadora do CNPq associada à PUCRS, analisa, em "O escritor e o rádio – sete romances de Erico Veríssimo", a presença do rádio em obras daquele autor publicadas entre 1933 e 1943, período em que o veículo era implantado e desenvolvido no país. Ao longo de sua análise, ela procura demonstrar como o rádio foi incorporado na produção literária e, ao mesmo tempo, refletir sobre os imaginários circulantes sobre a nova tecnologia à época. Seu estudo baseia-se na contribuição de autores como Edgar Morin, Juremir Machado da Silva, Beatriz Sarlo e Simone de Beauvoir, além de abordar 58 passagens das obras de Veríssimo, nas quais o veículo é percebido, principalmente, como novidade tecnológica e símbolo de status.

Fechando o dossiê, uma entrevista de Sônia Virgínia Moreira, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ e uma das fundadoras do Grupo, que fala sobre sua criação, sua trajetória e perspectivas para o futuro dos estudos radiofônicos.

A edição traz ainda um artigo de tema livre e uma resenha. No artigo, "Rádio Unama FM – Uma experiência de produção de conteúdo em uma universidade particular da Amazônia", Rodolfo Silva Marques, Ivana Oliveira e Mário Camarão França Neto, todos docentes da Unama, apresentam aos nossos leitores a experiência da Rádio Unama FM, que entrou no ar em 2005. Para o desenvolvimento da análise, são utilizados os métodos da revisão de literatura e do estudo de caso, enquadrando a emissora como educativa, de perfil universitário, sediada em uma instituição particular de ensino superior da Amazônia.

Já a resenha, de autoria de Luana Viana, doutoranda da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), apresenta aos nossos leitores o livro *A seleção das fontes no rádio expandido*, de Luã José Vaz Chagas, publicado em 2020 pela Editora da Universidade Federal do Mato Grosso (Edufmt), e que se constitui numa importante indicação de leitura para esses tempos de propagação de fake news e disparos irresponsáveis de mensagens que estremecem nossa democracia.

Esperamos que a leitura desta edição agrade a todas e todos e, nesses tempos de desinformação e de tantos ataques à diversidade, à democracia e ao meio acadêmico, reforce a crença no poder informativo e unificador do rádio bem como na capacidade da ciência e do pensamento científico em abordar e oferecer soluções para os muitos dilemas e desafios de nossa sociedade. Desejamos muitas felicidades ao Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom e que os anos vindouros tragam novas comemorações de suas efemérides, trabalhos e conquistas.

### Referências bibliográficas

FERRARETTO, Luiz Artur. Por que o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-13, jan.-dez. 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic On-Line**, Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação, Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012.

FORNARI, Ernani. **O incrível Padre Landell de Moura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Compartilhar, etiquetar: Interações no rádio social. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 11, n. 30. São Paulo, janeiro de 2014

MOREIRA, Sonia. Virgínia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

SALGADO, Álvaro F. Radiodifusão, Fator Social. **Revista Cultura Política**, Ano 1, n. 6. Rio de Janeiro: DIP, 1941.

SAROLDI, Luiz C.; MOREIRA, Sônia V. **Rádio Nacional: O Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

## DOSSIÊ – 30 ANOS DO GP RÁDIO E MÍDIA SONORA

### **Conceitos de rádio: múltiplos olhares ressignificando e atualizando definições**

*Radio concepts: multiple looks redefining and updating  
definitions*

*Conceptos de radio: múltiples miradas redefiniendo y  
actualizando definiciones*

---

Luiz Artur Ferraretto

#### **Resumo**

Recuperação histórica das contribuições de pesquisadores brasileiros a respeito da ressignificação da palavra rádio e da atualização do conceito em função da cultura da convergência (JENKINS, 2008) e dos processos de midiamorfose (FIDLER, 1998) e de remediação (BOLTER; GRUSIN, 1999). Constata a validade de pensar o meio como criação cultural em analogia com o proposto por Groth (2006) a respeito do jornalismo. Concentra o foco sobre as formulações de Eduardo Meditsch (2001a, 2001b, 2010), Debora Lopez (2010) e Marcelo Kischinhevsky (2016, 2017), colocando tais proposições em seu contexto de época. Para tal, utiliza periodização da história do rádio brasileiro proposta pelo autor (2012), conforme parâmetros metodológicos sugeridos por Heller (1997). Demonstra particularidades e a importância das reflexões a respeito no âmbito do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 1991 a 2021.

**Palavras-chave:** Rádio; rádio como instituição social; rádio como criação cultural; rádio hipermediático, rádio expandido.

---

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 23/06/2021 aceito em: 28/09/2021.

>> **Como citar este texto:**

FERRARETTO, Luiz Artur. Conceitos de rádio: múltiplos olhares ressignificando e atualizando definições. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 10-29, maio/ago. 2021.

#### **Sobre o autor**

Luiz Artur Ferraretto

[luiz.ferraretto@uol.com.br](mailto:luiz.ferraretto@uol.com.br)

<https://orcid.org/0000-0001-9888-8834>

Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mesma instituição onde atua como professor no curso de Jornalismo. Foi coordenador do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (2007-2010). Autor dos livros *Rádio: Teoria e prática*, *Rádio – O veículo, a história e a técnica* e *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20*, entre outros.

### **Abstract**

Historical recovery of the contributions of Brazilian researchers regarding the resignification of the word radio and the updating of its concept in face of convergence culture (JENKINS, 2008) and the processes of mediamorphosis (FIDLER, 1998) and remediation (BOLTER; GRUSIN, 1999). It notes the validity of thinking of the radio as cultural creation in an analogy with that proposed by Groth (2006) about journalism. It focuses on the formulations of Eduardo Meditsch (2001a, 2001b, 2010), Debora Lopez (2010) and Marcelo Kischinhevsky (2016, 2017), placing such propositions in their period context. As a basis for this, use the periodization for the history of Brazilian radio proposed by the author (2012), according to the methodological parameters suggested by Agnes Heller (1997). It demonstrates the particularities and the importance of the discussions within the Research Group Rádio e Mídia Sonora of the Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), from 1991 to 2021.

**Keywords:** Radio; radio as a social institution; radio as a cultural creation; hypermedia radio; expanded radio.

### **Resumen**

Recuperación histórica de los aportes de investigadores brasileños sobre la resignificación de la palabra radio y la actualización de su concepto en función de la cultura de la convergencia (JENKINS, 2008) y de los procesos de midiamorfosis (FIDLER, 1998) y remediación (BOLTER; GRUSIN, 1999). Señala la validez de pensar el medio como creación cultural en una analogía con la propuesta de Groth (2006) sobre el periodismo. Centrase en las formulaciones de Eduardo Meditsch (2001a, 2001b, 2010), Debora López (2010) y Marcelo Kischinhevsky (2016, 2017), situando tales proposiciones en su contexto de época. Como base para eso, utiliza la periodización para la historia de la radio brasileña propuesta por el autor (2012), de acuerdo con los parámetros metodológicos sugeridos por Agnes Heller (1997). Demuestra las particularidades y la importancia de las reflexiones realizadas al respecto dentro del Grupo de Investigación Rádio e Mídia Sonora de la Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 1991 a 2021.

**Palabras clave:** Radio; la radio como institución social; la radio como creación cultural; radio hipermedia; radio expandida.

## Introdução

Sem dúvida, pensar conceitualmente o rádio configura-se como a principal contribuição teórica do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), fórum de estudos que completou 30 anos de existência em 2021. Em importância, tal iniciativa sobrepõe-se a dezenas de outras voltadas a analisar e descrever particularidades de emissoras e de seus conteúdos; registrar e estudar momentos históricos envolvendo estações, profissionais e programas; ou pensar a conformação cultural, econômica e jurídica do meio. Não se trata aqui de uma afirmação leviana, nem se pretende uma descrição laudatória. Qualquer aspecto da pesquisa a respeito do rádio passa, obrigatoriamente, por uma compreensão essencial de como esse se conforma e de qual o contexto e as condições para que isso se dê. Nesta linha de raciocínio, procurando articulá-las, vai se refletir sobre as contribuições de Eduardo Meditsch (2001a, 2001b, 2010), Debora Lopez (2010) e Marcelo Kischinhevsky (2016, 2017), que ressignificam conceitualmente a palavra *rádio* em função da cultura da convergência (JENKINS, 2008) e dos processos de midiamorfose (FIDLER, 1998) e de remediação (BOLTER; GRUSIN, 1999). No marco teórico, é preciso ainda registrar a influência das proposições de Otto Groth (FAUS BELAU, 1966; GROTH, 2006) a respeito do jornalismo na analogia proposta por Meditsch (2010).

Antes do trabalho de reflexão realizado pelos pesquisadores citados, a palavra *rádio* assume diversos significados em termos de senso comum, algo registrado nos dicionários ao longo do tempo. Em língua inglesa, há um percurso etimológico descrito anteriormente (FERRARETTO, 2012, p. 40-41) e cujas alterações influenciam a maneira como esse vocábulo passa a ser usado em outros países, entre os quais o Brasil. Como registra Alexander Jamieson (1828, p. 458), trata-se de uma apropriação do vocábulo latino *radio* – “(1) Brilhar e lançar raios e feixes de raios de luz a distância. (2) Resplandecer, reluzir.” –, enquanto a variante *radius* está associada tanto à luz que se propaga a partir de um ponto central quanto ao elemento geométrico, o comprimento ou a distância

percorrida em linha reta entre o centro e o perímetro de um círculo ou a superfície de uma esfera e, daí, à ideia de distância atingida. Assim, origina-se o verbo inglês *to radiate* – emitir raios. De acordo com o *Oxford English dictionary* (2009), a palavra é usada com esse sentido no século 17 e, mais tarde, no 19, para a transmissão de qualquer tipo de energia na forma de raios ou de ondas, ponto de partida para a sua utilização futura relacionada ao meio rádio:

Como prefixo, segundo a mesma fonte, *radio-* vai formar palavras substituindo a expressão “*wireless*” a partir de 1881 e adquire, na década de 1900, significado independente como sinônimo destas, dos aparelhos empregados e mesmo da mensagem específica transmitida através de telegrafia ou de telefonia por ondas eletromagnéticas. O *Oxford* registra que a palavra *radio* só passa a ser usada em relação ao meio de comunicação específico em 1922, embora Lee De Forest, um dos cientistas pioneiros deste campo, a tenha utilizado em sentido semelhante em um artigo publicado no ano de 1907. (FERRARETTO, 2012, p. 41).

Em português, as descrições do *Lello universal* (GRAVE; COELHO NETTO, 193-, v. 2, p. 820) para a palavra rádio ainda se referem à anatomia – “o menor dos dois ossos que constituem o antebraço”<sup>1</sup> e à física e à química – “metal extremamente raro” e “produto da transformação do átomo de urânio”. Nesse particular, em certa medida, reproduzem de modo ampliado o que aparece no *Dicionário prático ilustrado* (SÉGUIER, 1910). No entanto, indo ao encontro do registrado aproximadamente 100 anos antes por Jamieson (1828, p. 458), o *Lello universal* já inclui outros vocábulos. É o caso de *radiofonia* – “Transmissão da voz e de outros sons, utilizando-se as propriedades das ondas eletromagnéticas” – e de *radiofônico* – “Relativo à radiofonia” –, ambos derivados do latim *radius* – raio – e do grego *phoné* – voz, som (GRAVE; COELHO NETTO, 1930s, v. 2, p. 821). Traz também descrições para *radiotelegrafia* – “Telegrafia sem fios” –, *radiotelegrafia* – “Telegrafia sem fios” – e seus correlatos (GRAVE; COELHO NETTO, 1930s, v. 2, p. 822).

Como se pode notar, essas descrições correspondem ao ponto inicial da transição tecnológica de sistemas de comunicação por ondas eletromagnéticas

---

<sup>1</sup> Este e os demais trechos de textos anteriores ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990* (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008, p. 14-22) tiveram sua grafia adaptada às normas atuais. Foram corrigidos, ainda, erros na utilização do idioma e/ou eventuais falhas de composição.

a conectar dois pontos, que se alternam nas funções de emissor e receptor, para o rádio em si: “Meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas” (FERRARETTO, 2000, p. 23). Tal descrição tecnológica teve vigência e propriedade da virada dos anos 1910 para a década de 1920 até o início do século 21, parecendo que as bases tecnológicas do meio estavam assentadas e nada mais poderia ocorrer. Ledo engano. Os processos de convergência e de conexão já estavam em curso e haveria que compreender um novo rádio, fruto da mais forte metamorfose de sua história, na qual “novos elementos embaralham a caracterização estabelecida exclusivamente a partir da sonoridade” (KISCHINHEVSKY; MODESTO, 2014, p. 13), tudo isso sem que deixasse de ser uma instituição social relevante a oferecer produtos culturais.

#### **Estado da questão: por que repensar o conceito de rádio?**

No início do século 21, uma afirmação, em especial, de Mariano Cebrián-Herreros (2001, p. 47) influencia fortemente alguns pesquisadores brasileiros: “Do ponto de vista da difusão já não se pode falar do rádio no singular, mas sim, para ser preciso, há que se insistir em uma concepção plural: os rádios”. A partir daí, reforça-se um processo de reflexão iniciado na década de 1990, sob o impacto da convergência da comunicação de massa e da telefonia fixa com inovações então recém-introduzidas no país – a TV por assinatura, a telefonia móvel e a internet –, processo descrito, na época, por Murilo César Ramos (1994, p. 4) como o “fato mais significativo, do ponto de vista da economia política dos meios”. Desse campo teórico específico – a crítica da economia política da comunicação –, vem a identificação, por Valério Cruz Brittos (1999, 2002), de um novo momento, em que cada conteúdo concorre com todos os outros, independentemente de ter ou não finalidade massiva. Como resultado dessas e de outras proposições, dentro do Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, o meio começa a ser repensado por um viés no qual, em um primeiro momento, ainda predomina uma visão mais tecnológica, na linha das pistas oferecidas por Cebrián-Herreros, adaptando-se essas à realidade do Brasil:

Escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas [...] [*o meio*] também se amalgama à TV por assinatura, seja por cabo ou DTH (*direct to home*); ao satélite, em uma modalidade paga exclusivamente dedicada ao áudio ou em outra, gratuita, pela captação, via antena parabólica, de sinais sem codificação de cadeias de emissoras em AM ou FM; e à internet, onde aparece com a rede mundial de computadores ora substituindo a função das antigas emissões em OC, ora oferecendo oportunidade para o surgimento das chamadas *web radios* ou, até mesmo, servindo de suporte a alternativas sonoras assíncronicas como o *podcasting*. Tal pluralidade pode ser estendida aos modos de processamento de sinais – analógico ou digital –, à definição legal da emissora – comercial, educativa ou comunitária –, ao conteúdo – jornalismo, popular, musical, cultural, religioso... –, enfim vive-se uma realidade, para usar a expressão de Valério Cruz Brittos, onde prepondera intensa multiplicidade da oferta. Tudo, ainda, tendo de considerar estratégias empresariais de complementaridade entre meios diversos sob controle de um mesmo grupo econômico ou mesmo aquela migração da própria audiência de uma mídia a outra na combinação de conteúdos semelhantes ou não proporcionada pela esfera comunicacional em que a sociedade humana se transformou. (FERRARETTO, 2007, p. 2-3).

A ideia de um processo restrito ao tecnológico e, de certo modo, por extensão, ao econômico começa a ser rompida sob a influência de Henry Jenkins (2008, p. 27-28), que trabalha três conceitos: (1) *convergência*, em referência "ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam"; (2) *cultura participativa*, contrastando "com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores"; e (3) *inteligência coletiva*, baseando-se em Pierre Lévy e remetendo à ideia de que ninguém consegue saber tudo, mas apenas uma parte do todo, uns podendo interagir com os outros, associando recursos e habilidades. A respeito dessa articulação e com referência ao que é central em sua obra, cabe repetir alerta feito em outra oportunidade:

É necessária uma ponderação em relação ao que o autor chama, em dado momento, de cultura participativa e, em um contexto mais amplo, de convergente. Contrapõe-se, aqui, o argumento de que não apenas a habilidade franqueia maior ou menor acesso do cidadão a este novo mundo, mas são determinantes as suas condições socioeconômicas. (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010b, p. 175).

De modo geral, uma constatação de Jenkins (2008, p. 28) é fundamental para compreender o processo em que o ser humano ingressa no final do século 20: "A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros". Fica claro, assim, que a convergência transcende o tecnológico, fazendo parte de vários âmbitos da vida social. Especificamente, outra observação do autor aponta para um artefato a ganhar centralidade, nas décadas de 2000 e 2010: a de que o telefone celular se tornara "o equivalente eletrônico do canivete suíço" (JENKINS, 2008, p. 29). O então diretor do programa de Estudos de Mídia Comparada do Massachusetts Institute of Technology admitia, ainda, a superação da ideia de que os novos meios iriam substituir os antigos: "o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas" (JENKINS, 2008, p. 30-31).

Nesta linha de raciocínio, é preciso registrar a contribuição de Roger Fidler (1998), que repercute entre os pesquisadores de rádio, ao ponto de sua *midiamorfose* gerar a ideia de *radiomorfose*, apresentada por Nair Prata (2009, p. 79) para demonstrar que o meio se transformara, adaptando-se ao advento tanto da televisão, no passado, quanto da internet e de outras tecnologias digitais, na contemporaneidade. A proposta de Fidler contempla um inter-relacionamento entre os meios novos e os que lhes precedem:

Ao estudar o sistema de comunicação como um todo, veremos que os novos meios não surgem por geração espontânea, nem de modo independente. Aparecem gradualmente pela metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas de meios de comunicação, as antigas geralmente não deixam de existir, mas continuam evoluindo e se adaptando. (FIDLER, 1998, p. 57).

Anteriormente (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010b), com base no que Fidler (1998, p. 66) chama de *princípios da midiamorfose*, observou-se também o ocorrido com o meio rádio sob a influência da TV e, posteriormente, da internet. Em ambos os casos, foram identificados os princípios de *coevolução e coexistência* com o novo e de *metamorfose*:

A TV surge do acréscimo proporcionado pela imagem aos conteúdos radiofônicos. A internet incorpora tudo de todos os meios anteriores. O rádio, no passado, adapta-se à televisão, fugindo da concorrência pela segmentação do conteúdo e pela alteração do seu *prime time*, que passa da noite para a manhã, e, graças à transistorização, pela mobilidade do receptor. E, na contemporaneidade, usa a *web* como fonte de conteúdo e suporte de transmissão. (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010b, p. 175).

O princípio de *propagação*, caracterizado pela ideia de que as formas novas carregam os traços dominantes das que lhe são anteriores, está presente na transposição de conteúdo para a TV – obviamente, acrescido de imagem – e na constante utilização do áudio na internet, tanto em *web* rádios quanto em *podcasts*. O de *sobrevivência* do meio remete para a necessidade de adaptação e evolução: “O rádio tem, assim, procurado se amalgamar à internet e ao celular, mesmo que emissoras mais tradicionais demonstrem dificuldade em reconhecer esta tendência” (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010b, p. 175). Trata-se de um processo que vai ao encontro também dos princípios de *oportunidade e necessidade*, afinal, sem a banda larga, não teriam surgido as possibilidades oferecidas para a produção e veiculação de material de emissoras de rádio via internet. As disparidades em alguns avanços – por exemplo, a migração das estações para a frequência modulada – confirmam o princípio da *adoção postergada*, segundo o qual novas tecnologias podem tardar mais do que o esperado para se converterem em um sucesso: “Tendem a requerer ao menos uma geração (20-30 anos) para progredirem da demonstração do conceito a sua adoção generalizada” (FIDLER, 1998, p. 66).

Outra reflexão relevante é a encetada por Jay David Bolter e Richard Grusin (1999, p. 45) em torno do processo de remediação – “a representação de um meio em outro” –, algo característico das então novas mídias digitais, mas que se manifesta de diversas maneiras, dependendo do grau de competição ou rivalidade entre o mais recente e o que lhe antecede. Os autores identificam, ainda, uma dupla lógica em que os meios se relacionam, o novo remediando e sendo remediado por seus predecessores, algo que pode funcionar de modo implícito ou explícito (BOLTER; GRUSIN, 1999, p. 55).

[...] um meio é aquilo que remedia. É aquilo que se apropria das técnicas, formas e significado social de outros meios de comunicação e procura rivalizar com eles ou remodelá-los em nome da realidade. Em nossa cultura, um meio nunca pode operar isoladamente, porque precisa estabelecer relações de respeito ou de rivalidade com outros meios. (BOLTER; GRUSIN, 1999, p. 66).

Relacionando *convergência e remediação*, João Canavilhas (2012, p. 9-10) opõe-se à postulação de Bolter e Grusin (1999, p. 224) de que a primeira é a segunda com outro nome:

[...] é verdade que em ambos os casos falamos de conteúdos resultantes de outros usados pelos meios anteriores, mas há uma diferença importante entre os dois conceitos: enquanto a convergência implica necessariamente uma nova linguagem que integre os conteúdos anteriores, a remediação pode ser uma acumulação de conteúdos de diferentes origens distribuídos numa mesma plataforma. Nesse sentido, a convergência é sempre uma remediação, mas nem todas as remediações podem ser consideradas uma convergência porque esta última implica integração e não uma mera acumulação de conteúdo.

Reivindica-se que a diferenciação defendida pelo professor português pode ajudar a posicionar os conceitos de *rádio hipermidiático* e *rádio expandido*, auxiliando na demonstração, como será visto, das suas complementaridades. Com objetivo semelhante, importa ainda compreender qual a essência do pensamento de Otto Groth (2006, p. 187) a respeito do jornalismo, base de uma analogia usada por Eduardo Meditsch (2010) para descrever o rádio como uma criação cultural: "Jornais e revistas são obras culturais – o termo "cultura" é entendido aqui em termos abrangentes, como o conjunto de criações humanas de sentido que está em constante crescimento e mutação". Do mesmo autor, principal defensor do jornalismo como ciência, vale lembrar para o pretendido nesta reflexão:

Todo jornalismo é ação individual e social, estando, por isso, sujeito às normas da ação individual e social. Todo jornalismo estende sua obra sobre a totalidade da cultura e da sociedade, influencia o espírito público, a configuração de todas as entidades sociais e sistemas culturais. A sociedade e a cultura, por um lado, e o jornal e a revista como atuantes nelas e parte delas, por outro, encontram-se numa constante interação em termos de pensamento, sentimento e vontade. (GROTH, 2006, p. 214).

Obviamente, há outros percursos teóricos com contribuições relevantes que poderiam ser elencados. No entanto, acredita-se que os aqui citados se

relacionam mais diretamente com esses três conceitos, os mais importantes – reitera-se – desenvolvidos dentro do Grupo de Estudos de Rádio e Mídia Sonora da Intercom e, por isso, objetos desta reflexão.

### **Alguns apontamentos metodológicos e teóricos**

Resulta um tanto complicado posicionar esta análise, usando-se Michael Schudson (1993) como referência. Extrapolando o descrito pelo autor a respeito dos estudos históricos na área de comunicação, pode se considerar certo enquadramento na chamada *história das instituições*, embora se extrapole em muito o habitualmente trabalhado nesse tipo de pesquisa. De fato, não se trata de responder “de que modo se desenvolveu esta (ou aquela) instituição de comunicação de massa”, tomada tal instituição em “um sentido preliminar”, ou se trabalhar com “histórias de jornais, revistas e companhias de publicidade individualizadas” ou com “corporações de radiodifusão e de autoridades e companhias cinematográficas” (SCHUDSON, 1993, p. 215). De forma mais ampla, busca-se o que Schudson (1993, p. 216) diz estar ausente nessas pesquisas: o objetivo de “oferecer uma compreensão geral do lugar da comunicação na experiência humana ou na transformação social”. Acredita-se que refletir sobre a contribuição da pesquisa científica na definição de conceitos de rádio vá exatamente nesse sentido. Portanto, aqui, se vai considerar o rádio como a instituição ampla, embora sejam também instituições esta, essa ou aquela emissora específica. Não se pode desconsiderar, assim, certo trânsito pelas outras categorias identificadas por Schudson (1993, p. 213-218): a *macro-história*, que procura responder como a evolução dos meios esclarece a própria natureza humana, no sentido das alterações sofridas pela sociedade; e a *história propriamente dita*, relacionando a história dos meios de comunicação com a história cultural, política, econômica ou social e tentando entender como se dá a influência da primeira sobre a segunda e vice-versa.

Na história do meio, consideram-se, em especial, duas das fases da periodização apresentada em trabalho anterior (FERRARETTO, 2012), no qual se consideravam as recomendações metodológicas de Heller (1997, p. 130) e se

identificavam, assim, *cortes* – pontos de ruptura nos quais “ocorreu algo decisivo que transformou outro acontecimento ou uma série deles em *passados* e produziu outros *futuros*”. São essas: a *fase de segmentação*, do final da década de 1950 até o início do século 21, quando se torna hegemônico posicionar a rádio em um nicho de mercado; e a *fase de convergência*, de meados da década de 1990 até a atualidade, em que se amalgamam comunicação de massa, informática e telecomunicações nos âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e dos conteúdos. A operar como pontos de corte, aparecem a introdução e a gradativa consolidação, em momentos diversos, da telefonia móvel, da internet e de tecnologias derivadas. Observa-se que, nos períodos anteriores, a ideia ou o conceito de rádio não se alterou, predominando a já citada descrição baseada na transmissão a distância, por ondas eletromagnéticas, de mensagens de áudio voltadas a audiências massivas. Para lembrar, trata-se das *fases de implantação*, do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930, quando se dá a instalação das estações pioneiras, organizadas sob a forma de entidades associativas; e de *difusão*, do início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960, na qual predomina a ideia do mercado tomado como um todo, ao qual se oferece um conteúdo o mais abrangente possível.

Cabe observar ainda que, nesse modelo, o *de convergência* assemelha-se, em grande medida, ao descrito por Valério Cruz Brittos (1999, 2002) como *fase da multiplicidade da oferta*, um período no qual ocorre um aumento da quantidade de agentes, provocando maior concorrência e, por fim, acréscimo substancial de produtos disponíveis. A partir dos escritos desse autor, constata-se que, no rádio do início do século 20:

a) verifica-se uma passagem de uma lógica de oferta a uma lógica de demanda, presente, por exemplo, na oferta, via internet, de arquivos com gravações de material já transmitido ou na constante participação do ouvinte pelo telefone (por voz, ao vivo ou gravada, ou por mensagem escrita), correio eletrônico, redes sociais, *chats* etc.;

b) ocorrem manifestações de transição do modelo de comunicação ponto-massa, usado por todas as estações de rádio que transmitem em ondas hertzianas, para o ponto-ponto, próprio dos conteúdos disponibilizados no sistema de *podcasting* a comprovar uma ainda latente flexibilização, por este viés, na forma do consumo de conteúdos sonoros;

c) multiplicam-se ações empresariais no sentido de disponibilizar o conteúdo radiofônico nos mais diversos suportes tecnológicos (computadores, *notebooks*, *palm tops*, *MP3 players*, celulares...);

d) [...] identifica-se, também, a exemplo do verificado com a TV, uma sinergia do rádio com outros meios dentro de um mesmo grupo empresarial. (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010a, p. 2).

Nessa linha, cabe lembrar que, ao defender a validade da multiplicidade da oferta para o meio, o próprio Valério Brittos (2002, p. 42) observara "um alargamento do que é rádio":

[...] o próprio conceito de rádio muda, por considerar-se emissora toda transmissão de um mesmo áudio para mais de um grupo remoto de consumidores, independentemente da tecnologia usada, e materializar-se a possibilidade [...] de aliar-se ao som, a difusão de textos e até mesmo de imagens em movimento, neste caso via internet. (BRITTOS, 2002, p. 41-42).

Assentadas essas bases, pode-se passar, então, à descrição e à reflexão a respeito dos conceitos propostos para o rádio por Eduardo Meditsch (2001a, 2001b, 2010), Debora Lopez (2010) e Marcelo Kischinhevsky (2016, 2017) e, talvez o mais relevante, à complementaridade desses.

### **Três conceitos em articulação**

Efetivamente, o que é um conceito? Sem grande esforço de busca teórico-metodológica e em nível de senso comum, pode-se dizer que se trata de "uma ideia concebida pelo espírito, acerca de coisa, de pessoa", diferenciando-se de *juízo*, "efeito de julgar, confrontando os elementos, as circunstâncias, as particularidades etc.", e de *opinião*, "um modo de ver, livre e pessoal, não repousando às vezes em fundamento certo" (NASCENTES, 1981, p. 189). Indo em direção à filosofia e, portanto, à ciência, verifica-se que um *conceito* é a representação de um objeto

pelo pensamento, descrevendo seus predicados gerais:

[...] designa uma ideia abstrata e geral sob a qual podemos unir diversos elementos. Só em parte é sinônimo de *ideia*, palavra mais vaga, que designa tudo o que podemos pensar ou que contém uma apreciação pessoal: aquilo que podemos pensar de algo. Enquanto ideia abstrata construída pelo espírito, o conceito comporta, como elementos de sua construção: a) a *compreensão* ou o conjunto dos caracteres que constituem a definição do conceito [...]; b) a *extensão* ou o conjunto dos elementos particulares dos seres aos quais se estende esse conceito. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996. p. 48).

Esses pressupostos são atendidos pelas propostas de Meditsch (2001a, 2001b, 2010), Lopez (2010) e Kischinhevsky (2016, 2017), ganhando maior consistência quando os três conceitos são colocados em articulação, dando conta do intenso processo de midiamorfose (FIDLER, 1998) do rádio desde a década de 1990. Para se chegar a tal, é preciso, no entanto, partir da resistência à compreensão de que, na virada para o século 21, o rádio ia se tornando algo plural, como já propugnava Cebrián-Herreros (2001, p. 47). O principal argumento a favor da manutenção da ideia então vigente – e, mesmo que pareça contraditório, também para a sua negação – passa pelo curso de doutorado de Eduardo Meditsch desenvolvido, de 1992 a 1997, na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, e é reforçado por um artigo do pesquisador apresentado no 24º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, realizado na cidade de Campo Grande (MS), em 2001, mesmo ano em que a versão da sua tese ganha maior abrangência, por ter sido publicada como livro no Brasil. Baseando-se nos resultados da pesquisa realizada durante o seu doutorado, Meditsch (2001b, p. 5) define a especificidade do rádio a partir de três características:

[...] é um meio de comunicação sonoro, invisível e que emite em tempo real. Se não for feito de som não é rádio, se tiver imagem junto não é mais rádio, se não emitir em real (o tempo da vida real do ouvinte e da sociedade em que está inserido) é fonografia, também não é rádio [...]. É uma definição radical, mas permite entender que o rádio continua rádio (como meio de comunicação) quando não transmitido por onda de radiofrequência. E distinguir uma web radio (em que ouvir só o som basta) de um site sobre rádio (que pode incluir transmissão de rádio) ou de um site fonográfico.

Em sua tese, Meditsch descreve o rádio informativo – uma forma ampliada de ver o radiojornalismo – como uma *instituição social*. Junto com os escritos de

Groth (2006) – a já citada ideia de jornais e revistas como obras culturais –, tal proposição vai servir de base para uma mudança na sua maneira de ver o meio:

Há mais de uma década, começamos a questionar o conceito de rádio atrelado a uma determinada tecnologia, procurando demonstrar que melhor do que isso seria pensar o rádio como uma instituição social, caracterizada por uma determinada proposta de uso social para um conjunto de tecnologias, cristalizada numa instituição. Consideramos hoje melhor ainda pensar esta *instituição social* como uma *criação cultural*, com suas leis próprias e sua forma específica de mediação sociotécnica, numa analogia ao que propõe a ciência do jornalismo para definir o jornal. Assim como a existência de um jornal não se restringe ao calhamaço de papel impresso que foi publicado hoje, nem ao que foi publicado ontem, mas se vincula a uma ideia objetivada e apoiada numa instituição social, que permeia e supera a edição de cada dia, a existência de uma emissora de rádio em particular, e do rádio em geral como instituição, não pode mais ser atrelada à natureza dos equipamentos de transmissão e recepção utilizados para lhe dar vida, mas sim à especificidade do fluxo sonoro que proporciona e às relações socioculturais que a partir dele se estabelecem. (MEDITSCH, 2010, p. 204).

No artigo apresentado, anos antes, no congresso de 2001, Meditsch fazia uma previsão, indicando possibilidades de aperfeiçoamento constante provocadas por novas tecnologias, o que permite uma ponte com conceitos de *rádio hipermidiático* (LOPEZ, 2010) e de *rádio expandido* (KISCHINHEVSKY, 2016, 2017):

Minha aposta é que o rádio assim definido – um meio de comunicação que transmite informação sonora, invisível, em tempo real – vai continuar existindo, na era da internet e até depois dela, e vai ser aperfeiçoado pelas novas tecnologias que estão por aí e ainda por vir, sem deixar de ser o que é. E não faço esta aposta apenas por ser um radioapaixonado, como quase todos os que trabalham com o meio, mas também por constatar que a utilidade deste tipo de serviço não está e nem será superada tão cedo em nossa civilização. Cada vez mais, as pessoas vão precisar ser informadas em tempo real a respeito do que está acontecendo, no lugar em que se encontrem, sem paralisar as suas demais atividades ou monopolizar a sua atenção para receber esta informação. (MEDITSCH, 2001b, p. 5).

Do final dos anos 2000 até meados da década seguinte, essa *instituição social* que, usando Meditsch (2001b, 2010) como referência, segue se aperfeiçoando graças a novas tecnologias e continua sendo constantemente transformada como *criação cultural* ganha duas descrições a identificar conceitualmente tais mudanças. A primeira delas, de Debora Lopez (2010, p. 119), destaca a essência do áudio como base do meio:

Trata-se do rádio hipermediático, que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco. Embora a produção do rádio através de múltiplas plataformas e linguagens seja crucial para o jornalista, para a emissora atrair uma nova parcela do público, o rádio em si precisa se manter como tal. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar um aprofundamento, uma multiplicidade de linguagens – seja através do rádio digital ou do suporte web da emissora.

A autora ressalta que, em sua configuração, o rádio hipermediático “vai além da transmissão em antena” (LOPEZ, 2010, p. 140-141), mas o “conteúdo multiplataforma, embora importante, não se apresenta como fundamental”, constituindo-se em “uma produção complementar, de aprofundamento, detalhamento, memória ou utilidade pública”. O conceito emana de um estudo sobre os processos de convergência de duas redes dedicadas ao jornalismo – a Central Brasileira de Notícias (CBN) e a BandNews – e com sede em São Paulo. É, assim, uma espécie de retrato do realizado pelas cabeças de ambas as cadeias radiofônicas no terreno da convergência, com resultados extrapolados para o meio em si. Talvez esteja aí a principal diferença em relação ao conceito proposto por Marcelo Kischinhevsky (2016, p. 13-14), mais descritivo do processo geral que leva a isso:

O rádio é hoje um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música. A escuta se dá em frequência modulada (FM), ondas médias (AM), curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (*podcasting* ou através da busca em arquivos ou diretórios). Se o transistor já havia deslocado o rádio da sala de estar, empurrando-o para o quarto, a cozinha e as ruas, agora o rádio a pilha tem novos companheiros, que permitem não apenas a escuta em múltiplos ambientes e temporalidades, mas também a produção, a edição e a veiculação de áudios com agilidade crescente e muitas vezes sem fronteiras.

Usando a já citada diferenciação apresentada por João Canavilhas (2012) entre convergência e remediação, fatores considerados por Lopez (2010) e por Kischinhevsky (2016, 2017), pode-se aventar uma leve distinção entre os conceitos de rádio propostos. O de hipermediático parece pender mais para a ideia de convergência, uma nova linguagem que integra formas anteriores de

apresentação de conteúdos, enquanto o de expandido vai, por vezes, com maior pendor, na direção da remediação, uma acumulação de conteúdos de diferentes origens. Nessa última ponderação, cabe explicar que, ao fazê-la, se considera a possibilidade crescente de a recepção migrar majoritariamente para o aparelho celular – uma espécie de nova plataforma<sup>2</sup> em aproximação com o ponderado por Canavilhas –, integrando, em um mesmo aplicativo – além do áudio –, fotografias, infográficos, textos e vídeos. De forma mais objetiva, pode-se trabalhar com ambos os conceitos, como o fazem diversos pesquisadores: ao se expandir, o rádio passa a ser hipermediático<sup>3</sup>. Acrescente-se: sem deixar de ser uma instituição social relevante, constantemente recriada culturalmente.

### **Considerações finais**

Aqui, procurou-se demonstrar a complementaridade das propostas conceituais desenvolvidas por Eduardo Meditsch (2001a, 2001b, 2010), Debora Lopez (2010) e Marcelo Kischinhevsky (2016, 2017) para os estudos de rádio no Brasil, destacando a importância dessas no conjunto de reflexões produzidas pelo Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 1991 a 2021. O tema e suas possibilidades não se esgotam no definido por tais conceitos a respeito do rádio sob o impacto da cultura da convergência (JENKINS, 2008) e dos processos de midiamorfose (FIDLER, 1998) e de remediação (BOLTER; GRUSIN, 1999). Há questões a serem respondidas a médio e a longo prazos. Por exemplo, o *podcast* será enquadrado, como já reivindicado (FERRARETTO, 2014, p. 19), na categoria rádio ou vai seguir curso próprio como outro tipo de produto cultural?

Pode ser necessário repensar como a própria instituição social rádio vai se configurar em sociedades, como a brasileira, sob ameaça de retrocesso no

---

<sup>2</sup> Obviamente, emprega-se aqui a ideia de plataforma em um sentido amplo, qualificando suportes: “Não se trata de uma extensão arbitrária, pois a noção de plataforma sublinha o que se disponibiliza através do aparato tecnológico” (NEIVA, 2013, p. 436).

<sup>3</sup> É o caso, por exemplo, de Helen Brittos de Pinto Fontes (2021), orientanda do próprio Marcelo Kischinhevsky no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que apresenta essa aproximação em seu projeto de tese de doutorado.

Estado democrático de direito e de intensa concentração de propriedade na indústria de radiodifusão sonora, em particular, e na de comunicação de massa, como um todo. Afinal, nada existe fora de seu contexto. Como o afirmado por Groth (2006, p. 214) a respeito do jornalismo, vale fazer uma paráfrase para indicar que o rádio também estende sua obra sobre a totalidade da cultura e da sociedade, influenciando o espírito público, a configuração de todas as entidades sociais e sistemas culturais, mas também sendo influenciado pelo entorno no qual se desenvolve. Cabe, portanto, encarar constatações como a de Daniel Gambaro (2019, p. 428), um dos novos pesquisadores a se aventurar pelo terreno do estudo aprofundado do rádio como instituição social: "Talvez estejamos próximos de um momento em que muitas dessas relações, essas conexões que resultam em usos e práticas, serão desfeitas. É possível que a tecnologia de transmissão e recepção hertziana, carregada com seus modos de uso [...], seja totalmente substituída por novos actantes".

A título de constatação, fica ainda certa dúvida a encaminhar uma certeza. Se os conceitos de *rádio hipermidiático* e *expandido* são descritivos de dado momento e provocados por alterações no ambiente comunicacional e na sociedade humana verificadas nos últimos 30 anos, o meio poderia ter sido definido, anteriormente, como *instituição social* ou *criação cultural*, realidades fáceis de serem identificadas já, ao longo da década de 1920, quando as emissoras começaram a se consolidar como algo presente no cotidiano da população. No entanto, faltava o embasamento que só a ciência pode oferecer para a construção de uma reflexão tão simples e, ao mesmo, tão consistente a respeito. Isso, no Brasil, só ocorre mesmo a partir de 1991, quando, dentro da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, se estrutura o Grupo de Trabalho Rádio, embrião do atual Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, nisso residindo boa parte de sua importância.

## Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: MIT Press, 1999.

BRITTOS, Valério Cruz. A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, ano 20, n. 31, p. 9-34, 1999.

BRITTOS, Valério Cruz. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. **Verso & Reverso**, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.

CANAVILHAS, João. Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. **Brazilian Journalism Research**, Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, v. 8, n. 1, p. 7-21, 2012.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

FAUS BELAU, Ángel. **La ciencia periodística de Otto Groth**. Pamplona: Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra, 1966.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FERRARETTO, Luiz Artur. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, 2007, Santos. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. CD-ROM.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/418/332>.

FERRARETTO, Luiz Artur. Roberto Landell de Moura, o pioneiro brasileiro das telecomunicações. In: KLÖCKNER, Luciano; CACHAFEIRO, Manolo Silveiro (Org.). **Por que o padre Roberto Landell de Moura foi inovador?** Porto Alegre: Editora da PUCRS/Prefeitura de Porto Alegre, 2012. p. 38-54. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0226-8/pages/v2.pdf>.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: Encontro da Compós, 19, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. CD-ROM, 2010a.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 3, p. 172-180, set.-dez.

2010b. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8185/5873>.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos medios. Buenos Aires: Granica, 1998.

FONTES, Helen Pinto de Britto. **Rádio endereçado a jovens – Reestruturação do mercado carioca e contradições na disputa pela audiência do futuro**. Rio de Janeiro, 2021. Projeto de tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

GAMBARO, Daniel. **A instituição social do rádio**: (re)agregando as práticas discursivas da indústria no ecossistema midiático. São Paulo, 2019. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

GRAVE, João; COELHO NETTO, Henrique Maximiliano (Org.). **Lello universal – Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro**. Porto: Lello, [1930s]. 2v.

GROTH, Otto. Tarefas da pesquisa da ciência da cultura. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (Org.). **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 182-306.

HELLER, Agnes. **Teoría de la historia**. 5.ed. México: Fontamara, 1997.

JAMIESON, Alexander. **Ainsworth's Latin dictionary**. Londres: Moon, Boys & Graves, 1828.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Radio y medios sociales**: mediaciones e interacciones radiofónicas digitales. 2.ed. Barcelona: UOC, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações – Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. **Questões Transversais**, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 2, n. 3, p. 12-20, jan.-jun. 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/8557/PDF>. Acesso em: 7 jun. 2021.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: LabCom, 2010. Disponível em: [http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora\\_lopez\\_radiojornalismo.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf).

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular/Editora da UFSC, 2001a.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino de radiojornalismo em tempos de internet. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24, 2001, Campo Grande. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001b. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6MEDITSCH.pdf>.

MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Francisco de (Org.). **O novo rádio: cenário da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Senac, 2010. p. 203-238.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2009. CD-ROM.

PRATA, Nair. **Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2009.

RAMOS, Murilo César. A introdução da televisão a cabo no Brasil: rede única, rede pública e participação da sociedade. In: **3ª Reunião Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós)**, Campinas, 22-26 ago. 1994. Texto apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Política.

SCHUDSON, Michael. Enfoques históricos a los estudios de la comunicación. In: JENSEN, Klaus Bruhn, JANKOWSKI, Nicholas W. (ed.). **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993. p. 211-228.

SÉGUIER, Jayme. **Dicionário prático ilustrado – Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro**. Lisboa: Empresa do Dicionário Prático Ilustrado, 1910.

## **História, consolidação e expansão: as transformações dos estudos de rádio e mídia sonora no Brasil**

*History, consolidation and expansion:  
the transformations of radio and sound media studies in  
Brazil*

*Historia, consolidación y expansión:  
las transformaciones de los estudios de radio y medios  
sonoros en Brasil*

Mágda Cunha

### **Resumo**

O objetivo deste texto é analisar os estudos sobre rádio e mídia sonora a partir de três fases: a recuperação da história, a consolidação e a expansão a partir da relação com as tecnologias contemporâneas de comunicação. São considerados os últimos 30 anos, sob a liderança do GP Rádio e Mídia Sonora. A perspectiva proposta parte do princípio de que estes três eixos definem a trajetória das investigações na área e estabelecem uma relação relevante com o ecossistema de mídia. Na tentativa científica de cercar o objeto, em um ambiente dinâmico de transformações, os pesquisadores estabelecem momentos de resistência e reposicionamento dos estudos.

**Palavras-chave:** Rádio; ecologia dos meios; Intercom; GP Rádio e Mídia Sonora.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 31/07/2021 aceito em: 6/10/2021.

### >> **Como citar este texto:**

CUNHA, Mágda. Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p.30-46, maio/ago. 2021.

### **Sobre a autora**

Mágda Cunha

[mrcunha@pucrs.br](mailto:mrcunha@pucrs.br)

<https://orcid.org/0000-0002-9873-2925>

Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1984), mestre em Comunicação Social (1997) e doutora em Linguística e Letras (2001), pela mesma universidade. Professora titular da PUCRS, onde atuou em gestão, como coordenadora de lato-sensu e do curso de Jornalismo, vice-diretora e diretora da Faculdade de Comunicação Social, assessora para Assuntos Internacionais e Interinstitucionais e pró-reitora Acadêmica, com responsabilidade, no período, pela Graduação e Pós-Graduação. Na pesquisa e na docência em comunicação, tem especial interesse por temas relacionados às tecnologias e os sujeitos conectados, sob a perspectiva do consumo e do uso, no ecossistema da mídia. Realiza investigação também sobre o rádio neste mesmo ambiente. Atualmente, é coordenadora de pesquisa da Escola de Comunicação, Artes e Design, da PUCRS, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. É líder do Grupo/CNPq intitulado Comunicação, Tecnologia e o Sujeito Conectado.

**Abstract**

The aim of this text is to analyze studies on radio and sound media from three phases: the recovery of history, consolidation and expansion based on the relationship with contemporary communication technologies. The last 30 years are considered, under the leadership of GP Rádio e Mídia Sonora. The proposed perspective assumes that these three axes define the trajectory of investigations in the area and establish a relevant relationship with the media ecosystem. In the scientific attempt to surround the object, in a dynamic environment of transformation, researchers establish moments of resistance and repositioning of studies.

**Keywords:** Radio; media ecology; Intercom; Radio and Audio Media RG

**Resumen**

El objetivo de este texto es analizar los estudios sobre la radio y los medios sonoros desde tres fases: la recuperación de la historia, la consolidación y la expansión a partir de la relación con las tecnologías de la comunicación contemporáneas. Se consideran los últimos 30 años, bajo la dirección de GI Rádio e Mídia Sonora. La perspectiva propuesta asume que estos tres ejes definen la trayectoria de las investigaciones en el área y establecen una relación relevante con el ecosistema mediático. En el intento científico de rodear el objeto, en un entorno dinámico de transformación, los investigadores establecen momentos de resistencia y reposicionamiento de estudios.

**Palabras clave:** Radio; ecología de los medios; Intercom; GI Radio y Medios Sonoros.

**Introdução**

A observação dos estudos do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, na data em que o grupo completa 30 anos, proporciona a análise da evolução das pesquisas em torno do tema e suas transformações no ecossistema da mídia. A reflexão aqui proposta localiza, nesta trajetória, três eixos: história, consolidação e expansão. Tais aspectos permitem afirmar que o trabalho do Grupo estabeleceu uma conversação com os diferentes momentos da história, descrevendo a relevância e a memória do rádio, sem deixar de consolidar os estudos em um cenário de intensas mudanças. Além da vivência da autora em boa parte dessa trajetória, optamos neste texto pela consulta a levantamentos

realizados e publicados por integrantes do Grupo de Pesquisa, envolvendo trabalhos apresentados, teses e dissertações, cartografias dos objetos, perspectivas teóricas e avaliações sobre o futuro.

Destacamos os levantamentos periódicos que recuperam as temáticas das investigações. Portanto, indicamos que os estudos nascem como forma de resistência e por isso têm forte interesse na memória do rádio, especialmente apoiadas pela quase inexistência de estudos, se comparados a outros meios de comunicação. Há uma fase intermediária que, ao reler teorias já elaboradas e construir novas abordagens teóricas, consolida os estudos e fortalece a pesquisa para então estabelecer o seu lugar num ecossistema midiático altamente complexo, especialmente pelas transformações tecnológicas e apropriação dos canais pelo público.

Tomando como base autores que abordam a Ecologia da Mídia, detectamos que as investigações marcam seu espaço adaptando-se permanentemente ao ecossistema. Inferimos que registrar a história e manter a memória foi uma forma de resistência às mudanças que começavam a se mostrar significativas no início dos anos 90. A própria criação do então Grupo de Trabalho Rádio da Intercom pode ser considerada uma evidência. Na sequência, as investigações mantêm o interesse pela história, mas ampliam os horizontes para observar e analisar os produtos radiofônicos e suas conexões com a audiência e os formatos de linguagem. Num terceiro eixo, emergem os estudos que compreendem rádio e mídia sonora como presença em múltiplas plataformas, mas com origem direta nas mídias sonoras. O movimento das investigações pode ser considerado, em certa medida, natural e resultante das alterações do ambiente de mídia. De outra parte, a manutenção dos estudos baseados na memória e centrados no próprio rádio poderia ter desenhado um cenário de estagnação. Os estudos manteriam sua relevância, mas localizados em um período da história. Os pesquisadores analisaram o contexto e, na perspectiva da ecologia, aceitaram os cruzamentos que levam ao equilíbrio e reequilíbrio, constantes na história.

Nesse movimento, dialogam com o pensamento de Postman (2000), o primeiro estudioso a apresentar publicamente o conceito de Ecologia da Mídia. O autor explica que, na Biologia, o meio é definido como uma substância em que a cultura se desenvolve. Substituindo a palavra substância por tecnologia, a definição aponta para os princípios da ecologia da mídia. O meio é a tecnologia pela qual a cultura se desenvolve, dá forma à cultura política, à organização social e aos modos cotidianos de pensar, aponta Postman (2000). A palavra mídia, na frente do termo ecologia (Media Ecology, em inglês), sugere não apenas o interesse em mídia, mas nas formas de interação entre a mídia e os seres humanos, que caracterizam a cultura e auxiliam na manutenção de um simbólico equilíbrio.

A origem da Ecologia da Mídia, mesmo tendo Postman institucionalizado estes estudos como campo científico, está no pensamento de McLuhan (1964) com a conhecida afirmação "o meio é a mensagem". A ênfase de McLuhan nos efeitos da mídia, ressalta Strate (2008), levou alguns de seus críticos a rotular sua abordagem como determinismo tecnológico. Reconhecendo as contradições do conceito, o mesmo autor afirma que o entendimento da mídia como um ambiente é o antídoto para o pensamento em termos de causa e efeito nas relações. Como ambiente, a mídia não determina as ações, mas define possibilidades, facilita certas ações e desencoraja outras.

Santaella (2010) discute os riscos de a metáfora da ecologia ser usada de maneira rígida, podendo sugerir determinismo tecnológico. "Com a devida precaução, seu uso pode ser bastante eficaz para a caracterização do crescimento da diversidade midiática" (SANTAELLA, 2010, p. 15). Não deve causar espanto, pensa a autora, o uso da metáfora ecológica pela comunicação, uma vez que a história da humanidade se confunde com a história do aparecimento contínuo de novas mídias comunicacionais. Das escritas ao alfabeto, à prensa manual e depois mecânica, com a fotografia, o telégrafo, o jornal, o telefone, o cinema, o rádio e assim por diante. Este ciclo é citado pela autora como uma constituição progressiva, cuja intensificação

ocorre a partir do que define como revolução digital. E, de fato, as camadas que constituem o ecossistema de mídia e conseqüentemente seus estudos, tornam-se mais complexos a cada etapa. Somam-se uns aos outros na resolução de problemas demandados pela sociedade.

Strate, Braga e Levinson (2019) explicam que a palavra ecologia implica o estudo de ambientes, estrutura, conteúdo e impacto sobre as pessoas. Ao introduzirem os princípios da teoria, os autores indicam que qualquer ato comunicacional está necessariamente situado em um suporte material que formata/configura a mensagem e a própria atividade comunicativa. Por isso, explicam que analistas da vertente ecológica das mídias estão menos interessados na eficiência do computador como ferramenta de ensino ou comunicação do que na alteração que promove no significado das coisas.

Apoiados no pensamento de Logan (2002), Strate, Braga e Levinson (2019) descrevem que a estrutura da linguagem caracteriza, em grande parte, o modo como as pessoas organizam informações e desenvolvem ideias. Concluem que a linguagem é, ao mesmo tempo, meio de comunicação e ferramenta informática (sistema de processamento de informação). Ainda a partir de Logan (2002), indicam que embora as seis linguagens – fala, escrita, matemática, ciência, informática e internet – sejam únicas em seus próprios vocabulários e gramáticas, estão relacionadas por formarem uma corrente evolutiva de linguagens, distintas e interdependentes. Neste processo, cada nova forma de linguagem emerge pela necessidade de lidar com a quantidade de informação excedente, impossível de ser expressa pela forma anterior e a mais recente seria derivada e conteria elementos das formas anteriores.

Ao discutir os estudos sobre ecologia da mídia, Scolari (2015) aponta que as teorias da comunicação têm sido classificadas de diferentes maneiras. O autor propõe uma nova classificação: as teorias generalistas e as teorias especializadas. As generalistas, aponta, se propõem a construir quadros integradores ou globais de todos os processos que afetam o mundo da comunicação. Mesmo reconhecendo que é impensável uma teoria que explique tudo, Scolari (2015) defende a possibilidade de algumas construções teóricas

para integrar e gerar um modelo explicativo de maior alcance. As teorias especializadas têm foco em um aspecto ou processo determinado da comunicação e deixam outros fora do modelo explicativo. A ecologia dos meios está entre as teorias generalistas, de acordo com Scolari (2015), uma vez que se propõe abarcar todos os processos de comunicação, desde as relações dos meios com a economia, até as transformações perceptivas e cognitivas dos sujeitos a partir de sua exposição à comunicação.

Nos cruzamentos propostos pelos estudos radiofônicos, nos últimos 30 anos, constrói-se um conjunto de investigações que permite conhecer tanto o rádio quanto as demais mídias sonoras e mesmo a sua expansão em tecnologias após o desenvolvimento da internet. As pesquisas, embora ainda tenham desafios a cumprir, dão conta de demonstrar as diferentes relações estabelecidas de uma forma generalista, mas com solidez para geração de teorias importantes, que acompanham as mudanças tecnológicas e sociais do rádio e das mídias sonoras.

Se, em sua fase inicial, os estudos do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom voltam-se para a história, foi pela convivência em um ambiente de protagonismo que assumiam as investigações sobre a televisão e a tradição de estudos em torno da mídia impressa. As pesquisas procuram localizar as camadas anteriores referentes à mídia e suas conexões. Gradativamente, somam variáveis que constituem o papel radiofônico no ambiente social e acadêmico. Consideram as transformações da linguagem e posicionam o rádio neste contexto, marcando suas características primeiras e fundantes que mais tarde vão dar origem a outros ambientes sonoros de comunicação. O ecossistema muda, conforme apontam os autores, e as linguagens emergem pela impossibilidade dos formatos de darem conta do excedente de informação, mesmo que carreguem consigo características uns dos outros.

### **Os estudos no ecossistema da mídia**

Haussen (2004) aponta, em estudo sobre o período de 1991-2001, que a produção sobre rádio vinha sendo relatada como de menor destaque em relação a outros meios de comunicação de massa, como jornal ou televisão. Ao mesmo

tempo, salienta que não existia um levantamento completo comprovando efetivamente esta afirmação e que demonstrasse os principais focos de análise sobre o veículo. A pesquisadora realiza nesse texto o levantamento a partir de livros, teses, dissertações e artigos publicados em revistas da área e justifica sua escolha ao citar obra já existente intitulada *O rádio no Brasil* (1991; 2001, 2ª edição), organizada por Sonia Virginia Moreira e Nélia Del Bianco. Haussen (2004) também cita o trabalho realizado por Del Bianco e Zuculoto (1996) sob o título "Memória do GT Rádio da Intercom: seis anos em defesa do rádio (1991-1996)". A pesquisadora relata a preponderância das investigações voltadas à história do rádio na fase inicial, a produção relacionada à política e posteriormente um retorno ao interesse em recuperar a história, mesmo localizando, no conjunto, outros temas como a política, o radiojornalismo ou a recepção. O próprio trabalho mais referenciado de Haussen (1997), *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*, é uma abordagem histórica sobre os usos políticos do veículo pelos dois presidentes latino-americanos. Trata-se de uma pesquisa histórico-descritiva, apoiada em fontes documentais e bibliográficas.

Haussen (2004) localiza ainda, em sua busca, estudos voltados à tecnologia, às rádios comunitárias e livres, linguagem radiofônica, radialistas e radionovela. Os temas elencados pela autora apontam mais uma vez a preocupação dos investigadores com a história, mas também com uma categorização à qual o rádio estava relacionado. Interpretamos a busca pelo registro como a defesa de um veículo que, no ecossistema da mídia, não vinha recebendo a devida atenção. Isto fica evidente também quando nos primeiros seis anos do então GT de Rádio da Intercom, Del Bianco e Zuculoto (1996) intitulam seu trabalho como uma defesa do rádio.

A fase inicial dos estudos em torno dos fenômenos digitais, em certa medida, faz com que autores busquem reforçar a importância das mídias já existentes. Os estudos radiofônicos, ao tentarem demonstrar a relevância do rádio, alinham-se, na perspectiva aqui analisada, com este intento. Em períodos de ruptura e mudança, a primeira reação é de desconfiança para muitos. O

próprio rádio viveu, em seus momentos primeiros, o estranhamento relatado por Sevcenko (1998). Os indivíduos partem, cada um de seu isolamento real, e se encontram nesse território etéreo, nessa dimensão eletromagnética,

... nessa voz sem corpo que sussurra suave, vinda de um aparato elétrico no recanto mais íntimo do lar, repousando sobre uma toalhinha de renda caprichosamente bordada e ecoando no fundo da alma dos ouvintes, milhares, milhões, por toda parte e todos anônimos. (SEVCENKO, 1998, p. 585).

Acrescenta que cada um põe naquela voz o rosto e o corpo dos seus sonhos e como o som se transmite pelo espaço, onde quer que se ande pela casa, aquela voz vai atrás. Antes, todas as pessoas tinham uma voz incessante que lhes falava de dentro do corpo, que os teólogos e filósofos chamavam de consciência.

E é a chegada de um novo milênio que Moreira e Del Bianco (2001) entendem como propício a profecias. No início do século XXI, o futuro dos meios de comunicação de massa tem sido um dos objetos preferidos dos profetas de plantão. A revolução da informática e a digitalização dos mais diversos tipos de informação – voz, dados, som, texto e imagens – abrem caminhos para a convergência dos meios de comunicação, enquanto não faltam previsões sobre o fim do rádio. As pesquisas apontam, segundo as autoras, para a renovação do rádio tanto nos processos de produção de conteúdo, quanto nos sistemas de transmissão e recepção. Isto é consequência das mudanças tecnológicas que afetam inexoravelmente a implantação do sistema de transmissão digital e a interface com a internet e outras mídias sem fio.

Scolari (2020) aponta que a emergência de novos meios digitais e interativos é a grande novidade desde a primeira página web em 1991, mas relembra que poucos investigadores se animaram a trabalhar com objetos digitais, em uma fase inicial. Trinta anos depois a web se converteu no ambiente da maior parte das experiências midiáticas digitais. Nos últimos anos, começam a aparecer, segundo o autor, novidades fora do entorno web, sob a forma de aplicações móveis como WhatsApp, TikTok, entre outros.

No mundo anterior à web, as principais experiências de mediação se davam na mídia impressa, rádio e televisão. Agora, o espectro de meios, processos e experiências é enorme. A crescente complexidade do ecossistema da mídia,

que corre paralelamente à complexidade da vida social, é talvez a característica distintiva de nosso tempo. <sup>4</sup> (SCOLARI, 2000, p.176).

## **A consolidação**

Após uma fase em que recuperar a memória para definir a relevância dos estudos se fez importante, este interesse permanece no contexto em que o grupo se consolida. Trata-se de um momento em que não existe mais a necessidade de defesa das origens da mídia sonora, mas de um posicionamento em um ecossistema no qual o rádio encontra mais uma vez o seu papel. Alguns eventos, entre tantos, podem ser considerados exemplares desta consolidação.

Prata (2015) recorda que em 2007, durante a reunião anual do GP, no congresso de Santos, na gestão de Luiz Artur Ferraretto, nasce o que a autora considera um projeto audacioso e inédito do grupo de pesquisa da Intercom: a Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil. A pesquisadora cita a ideia de Ricardo Medeiros a partir da qual o grupo decidiu questionar o Ministério das Comunicações acerca da tecnologia e dos métodos que seriam utilizados na implantação do rádio digital no Brasil. A Carta foi assinada por 72 pesquisadores de 14 estados brasileiros, amplamente divulgada em todo o país e trouxe desdobramentos inclusive em manifestações do então ministro Hélio Costa.

Lopez e Mustafá (2012) analisam o conteúdo de teses de doutorado sobre o rádio e observam uma alteração no perfil de pesquisas em rádio no Brasil. Citam que o rádio esportivo e a ligação entre rádio e religião não haviam sido trabalhados nos primeiros 13 anos analisados, mas apresentaram um crescimento gradual, embora modesto. Apontam também que o campo da comunicação radiofônica comunitária e livre teve uma variação crescente e constante, sendo um dos assuntos de destaque. E, de fato, as rádios comunitárias, tiveram momento de expansão no país e são, em certa medida, uma reação do rádio às transformações que começam a surgir nas últimas

---

<sup>4</sup> No original: “En el mundo anterior a la web las principales experiencias de mediatización se daban en los medios impresos, la radio y la televisión. Ahora el espectro de medios, procesos y experiencias es enorme. La creciente complejidad del ecosistema mediático, que corre paralela a la complejización de la vida social, es quizá el rasgo distintivo de nuestro tiempo”.

décadas do século XX.

### **A releitura das teorias e a maturidade**

A consolidação acadêmica ocorre certamente, entre outros fatores, pela releitura de teorias já elaboradas e construção de novas abordagens teóricas. Se na fase inicial a produção sobre rádio era considerada com menor destaque, a edição dos volumes *Teorias do Rádio I* (organizado por Eduardo Meditsch) e *II* (organizado por Meditsch e Valci Zuculoto) marcam a maturidade dos estudos. Meditsch (2005) define o trabalho como um empreendimento científico bastante consolidado para o que algumas décadas antes era uma aventura de uns poucos abnegados e insistentes autores apaixonados pelo meio. No prefácio do volume I, Cunha (2005) destaca que as obras organizadas recuperam a história, avaliam o futuro e as tendências, diante de um rádio que apresenta sempre novos desafios. Já no prefácio do volume II, Ferraretto (2008) reforça o esforço individual e ao mesmo tempo coletivo, marcas da atuação do grupo.

Em texto apresentado no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, no Congresso da Intercom de 2018, Haussen afirma que há um amadurecimento para a reflexão a respeito da trajetória da pesquisa em rádio no Brasil. Aponta para dois aspectos impulsionadores que são a criação do GT, em 1991, e o crescimento dos programas de Pós-Graduação em Comunicação a partir da década de 90 do século XX. Haussen (2018) relembra a proposta de criação do Grupo por Sonia Virginia Moreira, no congresso da Intercom, do Rio de Janeiro, em 1990, concretizado em 1991, no evento realizado em Porto Alegre, coordenado pela própria Doris Haussen. E se eram poucas as obras a serem destacadas sobre o rádio anteriormente, nos anos 90 começam as defesas de mais teses e dissertações nos Programas de Pós-Graduação, o que faz avançar, segundo a pesquisadora, a edição de livros e a publicação de artigos sobre rádio.

Nesse trabalho, Haussen (2018) detecta que os textos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, entre 2002 e 2010, por sua vez, são outro registro importante desta produção. A autora descreve 309 trabalhos, com predominância sobre a história (101), os que abordaram o rádio, internet e

tecnologias (60), estudos de recepção (33), rádio e educação (31), gêneros radiofônicos (21), radiojornalismo (20), linguagens (19), rádios comunitárias (14) e política (8). A pesquisadora destaca também que ainda há um significativo número de trabalhos envolvendo a história, mas um crescimento do interesse pelas tecnologias e um decréscimo da abordagem sobre políticas. Isto indica, segundo ela, que o registro da memória ainda é importante, mas que há uma atenção para o ambiente tecnológico.

E nesta etapa da reflexão proposta por Haussen, podemos localizar o amadurecimento e consolidação dos estudos sobre rádio e mídia sonora, conforme proposta deste texto. Entendemos que o rádio, após ter sua história registrada, não tem posição acadêmica menos importante e ocupa, juntamente com a expansão da pós-graduação no Brasil, um lugar relevante nos estudos em comunicação. O ecossistema da mídia torna-se mais complexo, somam-se camadas de linguagens, conforme a demanda para dar conta das narrativas, mas o rádio e as mídias sonoras não se situam mais em risco de desaparecimento e sim em expansão. A fase intermediária, entre a demanda por registro da memória e a presença ampliada em outros ambientes, foi de construção teórica e consolidação. Se a fase inicial pode ter sido também interpretada como resistência e defesa, a etapa seguinte é de maturidade.

A fase que interpretamos como expansão encontra evidências no texto de Kischinhevsky et al. (2017). Os autores realizam uma cartografia dos objetos de pesquisa e perspectivas teóricas presentes nos *papers* apresentados nos congressos nacionais da Intercom, no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, de 2001 a 2015. Indicam no texto que, após 25 anos de criação, o GP caminhava para a internacionalização, com reconhecimento em diversos países, especialmente com a responsabilidade de adensar e fazer avançar os estudos na área. Os pesquisadores reconhecem os grandes desafios como as discussões regulatórias, a reconfiguração do mercado e a limitada diversidade de vozes, mas identificam a consolidação dos estudos.

O levantamento dos autores evidencia, 25 anos depois da fundação do GP

da Intercom, segundo a reflexão aqui proposta, um momento voltado de fato à memória, uma fase já de consolidação, especialmente quando são produzidas obras a respeito de teorias do rádio, e posteriormente uma forte relação dos estudos com a tecnologia e suas transformações.

Ferraretto (2010) confirma que o novo rádio que se desenha na primeira década do século XXI difunde-se para além de sua forma hertziana tradicional sem, no entanto, abandoná-la. O autor cita alguns exemplos como os canais de TV por assinatura ou na internet. Ressalta que, no horizonte das pesquisas a respeito do rádio e de outras mídias sonoras deve ser considerado o novo momento de convergência digital, processo iniciado nas últimas décadas do século XX. Ferraretto (2010) elenca categorias importantes que apontam para a história, linguagens, economia política, conteúdos e recepção. O autor considera também, pelo desenvolvimento da internet e da telefonia celular, as possibilidades que passam a ser vivenciadas pelos até então ouvintes na produção de conteúdo.

Os estudos encontram conexão com o que Bolter e Grusin (1999) descrevem como processo de remediação. Os dois autores defendem que os computadores e as redes de computadores remedeiam todos os outros meios existentes, transformando documentos escritos em livros, revistas e jornais, assim como rádio, filmes e televisão em conteúdo multimídia. Nesta perspectiva não há extinção ou surgimento de meios radicalmente novos, mas um processo em que os meios mais recentes integram características dos anteriores, redefinindo a relação entre eles (CANAVILHAS, 2013). O autor trata de uma remediação inversa, na qual os meios anteriores incorporam características dos novos, procurando sobreviver no ecossistema midiático (CANAVILHAS, 2011). E este é também o período em que o software assume o comando e se transforma na nossa interface com o mundo, com os outros, com nossa memória ou nossa imaginação e passa a ser uma linguagem universal a partir da qual o mundo fala (MANOVICH, 2013).

A mídia se multiplica na vida cotidiana, tornando-se ubíqua, está em todo o lugar e é pervasiva, não pode ser desligada (DEUZE, 2012). O autor argumenta que não há necessariamente relação entre as dimensões tecnológicas e sociais. As relações existentes são claramente estruturais, considerando as máquinas sempre sociais, na mesma medida em que são técnicas e altamente dinâmicas. Viver na mídia, segundo Deuze (2012), não é o mesmo para todos. Descrever a vida na mídia, tomando como base os tipos usados pelas pessoas e como elas desenvolvem atividades através da mídia, é totalmente diferente de definir como todas estas práticas ocorrem ao redor da mídia. Uma vida na mídia é muito mais do que ter uma infinidade de dispositivos eletrônicos à disposição, gastar muito tempo assistindo à televisão ou navegando na web. É executar atividades por intermédio da mídia, é estar envolvido por ela na condição de ambiente. Scolari (2018), ao refletir sobre o grau de complexidade, pondera que as investigações devem considerar um ecossistema, inserindo artefatos, inventores e forças sociais em uma rede sociotécnica de relações, intercâmbios e transformações, para analisá-los de uma perspectiva ecoevolutiva.

Nesse contexto, Kischinhevsky (2012) reconhece a existência de um rádio social com o desenvolvimento de novas práticas interacionais e modalidades de recepção. São, conforme pensa o autor, múltiplas temporalidades e ambiências, que reconfiguram o rádio como instância de mediação sociocultural. Indica ainda que estudos futuros têm o desafio de aferir o poder de mediação deste novo rádio. Trata-se de um meio de comunicação expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais ou portais de música.

A observação da trajetória de transformações do ambiente de mídia sonora confirma o que pensa Cunha (2002) ao apontar que o desenvolvimento do rádio está relacionado à própria evolução da história da comunicação humana e que neste percurso está o seu valor de permanência. Sua atualização ocorre pela relação com o público, que busca o desenvolvimento tecnológico, e por suas constantes modificações para responder às perguntas dos diferentes

horizontes históricos. Tendo a oralidade na base, proporciona tecnologicamente que a voz transmitida acompanhe as pessoas. Se, inicialmente, esteve associado a móveis pesados, com o transistor se aproxima da sua audiência; com a tecnologia digital, ganha escala mundial e segue se adaptando para responder às questões demandadas pela sociedade.

### **Considerações sobre a relação ecológica**

O objetivo deste texto, que está muito longe de esgotar qualquer levantamento em torno da produção acadêmica sobre rádio e mídias sonoras, foi analisar a trajetória das pesquisas por conta dos 30 anos do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Em nossa observação, emergem três eixos – a história, a consolidação e a expansão – em investigações que dialogam com as mudanças no ecossistema da mídia, consolidando um posicionamento científico. Buscamos estas evidências na leitura de levantamentos periódicos realizados por integrantes do Grupo a respeito da própria produção científica, teses e dissertações, cartografias dos objetos, perspectivas teóricas e avaliações sobre o futuro.

Ao acompanharem as mudanças, os pesquisadores dão nova forma à presença do rádio na dimensão acadêmica e as mídias sonoras passam a existir como interface e linguagem. A primeira fase demandou por narração e registro da história. Muitos integrantes do GP reconhecem que o rádio, mesmo que tenha tido relevante papel no desenvolvimento do ambiente de mídia, não recebia o mesmo tratamento do jornal ou da televisão, por exemplo. A própria criação do GP da Intercom se mostrou como uma posição firme neste sentido. E os primeiros trabalhos realmente se voltam para a história.

Na sequência ampliam-se para as questões contemporâneas e a existência como mídia sonora. Reconhecem que as conexões estabelecidas e as transformações que o rádio é capaz de gerar devem ser estudados. Neste momento, chegam a uma etapa de maturidade e consolidação. A história segue sendo reconhecida, mas não mais como resistência e as múltiplas interfaces passam a ser pesquisadas. O grupo tem também inserção política consistente,

como nas discussões em torno da escolha do sistema de rádio digital no Brasil. E também define a construção de teorias do rádio e das mídias sonoras como objeto científico relevante.

Chega, nesse processo à ideia de expansão, com presença em contextos e plataformas diversas. Há o entendimento de que muitas linguagens têm origem no modelo radiofônico, formatos desenhados e capilarizados pelo rádio na sociedade. O áudio volta a ser reconhecido como parte importante na complexa trama que compõe o ecossistema e os estudos dão conta desta discussão. Os pesquisadores, mesmo entendendo que muito tem sido investigado, reconhecem que há desafios para as próximas etapas, relacionadas diretamente à presença do rádio e das mídias sonoras no ambiente da comunicação, das transformações sociais e da ampliação da diversidade de vozes. A próxima década, sem dúvida, desenhará outro eixo relevante, não mais envolvendo a sobrevivência do rádio ou das mídias sonoras, mas o seu papel em um contexto com relevantes questões sociais.

## Referências

BOLTER, Jay David, & GRUSIN, Richard. **Remediation**: Understanding new media. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

CANAVILHAS, João. El nuevo sistema mediático. **Index Comunicación, Revista Científica de Comunicación Aplicada**, 1 (1), p. 13-24, 2011.

CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: RENÓ, Denis, CAMPALANS, Carolina, RUIZ, Sandra, GOSCIOLA, Vicente (org.). **Periodismo transmedia**: miradas múltiples. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, p. 53-68, 2013.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. **O valor de permanência do rádio**. Um estudo dos efeitos pela estética da recepção. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. Prefácio. In MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005.

DEUZE, Marc. **Media Life**. Cambridge: Polity Press, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. Prefácio. In MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.) **Teorias do Rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol.II, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. Pesquisa a respeito do rádio e de outros meios sonoros no século 21: das transformações na natureza do meio e de seus congêneres aos seus usos no contexto da convergência digital. **Rádio-Leituras**, ano I, n.1, julho-dezembro, 2010.

HAUSSEN, Doris. **Rádio e política**: Tempos de Vargas e Perón. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

HAUSSEN, Doris. A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001). **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 25, 2004.

HAUSSEN, Doris. A pesquisa em rádio no Brasil: o papel do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e dos PPG em Comunicação. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Joinville, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, pp.410-437, maio-agosto, 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 40, n. 3, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina; MUSTAFÁ, Izani. Pesquisa em rádio no Brasil: um mapeamento preliminar das teses doutorais sobre mídia sonora. **Matrizes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.189-205, 2012.

MANOVICH, Lev. **Software takes command**: extending the language of new media. New York: Bloomsbury Publishing Plc., 2013.

MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.) **Teorias do Rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol.II, 2008.

MOREIRA, Sonia Virginia; DEL BIANCO, Nélia (org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo, Rio de Janeiro: Intercom, UERJ, 2001.

PRATA, Nair. Pesquisa em rádio no Brasil – O protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. In: OLIVEIRA, Madalena, PRATA; Nair (org.). **Rádio em Portugal e no Brasil: Trajetória e cenários**. Braga: CS Edições, 2015, v.1, p.219-238.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SCOLARI, Carlos Alberto. Ecología de los medios: de la metáfora a la teoría (y más allá). In SCOLARI, Carlos Alberto. **Ecología de los medios**. Entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Editorial Gedisa, 2015.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Las leyes de la interfaz**: Diseño, ecología, evolución, tecnología. Barcelona: Gedisa, 2018.

SCOLARI, Carlos. Entrevista "Los nuevos, nuevos objetos" y la materialidad de la investigación de la cultura digital en América Latina. In: HIDALGO TOLEDO, Jorge, CUNHA, Márgda Rodrigues da, & BARREDO IBÁÑEZ, Daniel. Teorias e epistemologias da comunicação digital na América Latina. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, 2020, 19(34):174-180.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3)

STRATE, Lance. Studying media as media: McLuhan and the media ecology approach. **Media Tropes**, n. 1, p 127-142, 2008.

STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSON, Paul. **Introdução à ecologia das mídias**. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. PUC-Rio, Edições Loyola, 2019.

## Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa<sup>5</sup>

*Radio and Audio Media Research Group – 30 years: the place for radio studies and research challenges*

*Grupo de Investigación Radio y Medios Sonoros - 30 años: el lugar para los estudios de radio y los desafíos de investigación*

---

Nair Prata

### Resumo

O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom completa 30 anos. Diante desta efeméride, faz-se necessário entender qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil e os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora. Com este objetivo, realizamos pesquisa com dois movimentos metodológicos. O primeiro buscou entender o percurso do grupo, por meio de suas ações e publicações. Empreendemos também uma busca no acervo de artigos aceitos para apresentação no GP, nos congressos da Intercom, relacionando os autores, as IES e as palavras-chave. O segundo movimento foi buscar depoimentos dos nove ex-coordenadores e da atual coordenadora do grupo, que responderam às duas questões que norteiam esta investigação: Qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil 30 anos depois da criação do GP? Quais os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora? Os resultados apontam para um mapa consolidado dos estudos radiofônicos no Brasil e um grupo de pesquisa vigoroso, fraterno e profícuo, mas que enfrenta grandes desafios, inclusive a própria diminuição do seu principal objeto de investigação: o rádio.

**Palavras-chave:** Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora; Intercom; Brasil.

---

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 27/08/2021 aceito em: 20/09/2021.

>> **Como citar este texto:**

PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 47-81, mai./ago. 2021.

### Sobre a autora

Nair Prata

[nairprata@uol.com.br](mailto:nairprata@uol.com.br)

<https://orcid.org/0000-0002-9127-7720>

Jornalista (UFMG), mestre em Comunicação (Universidade São Marcos) e doutora em Linguística Aplicada (UFMG), com estágio doutoral na Universidade do Minho, em Portugal, e estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidad de Navarra, na Espanha. É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É diretora científica da Intercom (2017-2020; 2020-2023), tendo coordenado o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (2011-2014). Foi também vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (2015-2019). Tem 20 livros publicados, além de dezenas de artigos e capítulos, sobre rádio, radiojornalismo e novas tecnologias em rádio.

---

<sup>5</sup> Entendemos este artigo como quase um memorial, ao recuperar minhas publicações sobre a trajetória do GP, com uma pesquisa que atualiza os dados e provoca novas reflexões.

### **Abstract**

Intercom's Radio and Audio Media Research Group celebrates its 30th anniversary. In face of a celebration like this, it is necessary to understand the place of radio studies in Brazil and the main challenges of researches in radio and audio media. In order to reach this goal, we carried out a research with two methodological movements. The first sought to understand the group's path, through its trajectory, its actions and publications. We also undertook a search in the papers published in RG's event proceedings over 30 years, listing the authors, universities and keywords. The second move was to seek statements from the nine former coordinators and the current coordinator of the group, who answered the two questions that guide this investigation: What is the place of radio studies in Brazil after 30 years of the creation of the RG? What are the main challenges of research in radio and sound media? The research results point to a consolidated map of radio studies in Brazil and a vigorous, fraternal and productive research group, but it faces great challenges, including the reduction of its main object of investigation: the radio.

**Keywords:** Radio and Audio Media Research Group; Intercom; Brazil.

### **Resumen**

El Grupo de Investigación Radio y Medios Sonoros de Intercom celebra su 30 aniversario. Ante una efeméride como esta, es necesario comprender el lugar de los estudios radiofónicos en Brasil y los principales desafíos de la investigación en radio y medios sonoros. Así, para cumplir con este objetivo, realizamos una investigación con dos movimientos metodológicos. El primero buscó comprender el camino del grupo, a través de su trayectoria, sus acciones y publicaciones. También realizamos una búsqueda en las actas de los encuentros del GI a lo largo de 30 años, enumerando autores, universidades y palabras clave. El segundo paso fue buscar declaraciones de los nueve ex coordinadores y la actual coordinadora del grupo, quienes respondieron a las dos preguntas que orientan esta investigación: ¿Cuál es el lugar de los estudios de radio en Brasil 30 años después de la creación del GI? ¿Cuáles son los principales retos de la investigación en radio y medios sonoros? Los resultados de la investigación apuntan a un mapa consolidado de estudios radiales en Brasil y un grupo de investigación vigoroso, fraterno y productivo, pero que enfrenta grandes desafíos, entre ellos la reducción de su principal objeto de investigación: la radio.

**Palabras clave:** Grupo de Investigación de Radio y Medios Sonoros, Intercom, Brasil.

## **Introdução**

O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom completa 30 anos e, ao longo de sua história, tornou-se reconhecido como um GP produtivo, com grande número de publicações coletivas, ações inovadoras e perfil colaborativo. Diante de uma efeméride como esta, faz-se necessário entender qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil e os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora. Dessa forma, para atender a este objetivo, realizamos uma pesquisa com dois movimentos metodológicos. O primeiro buscou entender o percurso do grupo, por meio de sua trajetória, suas ações e publicações. Empreendemos também uma busca no acervo de artigos, fazendo um levantamento de todos os *papers* aceitos para apresentação no GP, nos congressos da Intercom, ao longo de 30 anos, relacionando os autores, as IES e as palavras-chave. O segundo movimento foi buscar depoimentos dos nove ex-coordenadores e da atual coordenadora do grupo, que responderam a duas questões que norteiam esta investigação: Qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil 30 anos depois da criação do GP? Quais os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora? Os resultados da pesquisa apontam para um mapa consolidado dos estudos radiofônicos e um grupo de pesquisa vigoroso, fraterno e profícuo, mas que enfrenta grandes desafios, inclusive a própria diminuição do seu principal objeto de investigação: o rádio.

### **Os 30 anos do GP Rádio e Mídia Sonora**

Em 1991, a criação de um grupo, pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), com o objetivo de pesquisar exclusivamente o rádio, catapultou a área como lócus privilegiado de investigação. Até então, as pesquisas se davam de forma isolada, em muitos casos profissionais de comunicação que faziam relatos ou traziam a história de suas emissoras ou programas.

Moreira (2005) divide os trabalhos sobre o rádio, no Brasil, em três fases: na primeira etapa estão as pesquisas relacionadas às décadas de 40 e 50,

quando predominaram os manuais de redação como registros impressos sobre o rádio; a segunda fase remete às décadas de 60, 70 e 80, com os livros-depoimento e, por fim, a terceira etapa, com os trabalhos de produção acadêmica, característicos da década de 90 do século passado, para cá, que nada mais seriam do que o reflexo da percepção social sobre o meio rádio.

Neste início do século XXI, as pesquisas brasileiras sobre o rádio estão concentradas, principalmente: 1) Nas investigações e publicações do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, e do Grupo de Trabalho História da Mídia Sonora da Associação Brasileira dos Pesquisadores de História da Mídia; 2) No trabalho desenvolvido pelos grupos de pesquisa alocados em universidades – no Diretório dos Grupos registrados no CNPq há 48 grupos que têm a mídia rádio como objeto de pesquisa<sup>6</sup>; 3) E, em menor número, pela ação de pesquisadores que atuam de forma isolada, geralmente profissionais do rádio.

A Intercom foi fundada em 1977 e, até 2021, já realizou 43 congressos anuais, de âmbito nacional. Os grupos de pesquisa com foco em áreas específicas passaram a funcionar a partir de 1991, os chamados Grupos de Trabalho (GTs). Em 2000, foi feita uma reestruturação dos GTs, com a criação dos Núcleos de Pesquisa. Em 2008, foram criadas as divisões temáticas, “com a finalidade de reunir pesquisadores interessados em temáticas dotadas de legitimação acadêmico-profissional ou que representam objetos demandando elucidação teórico-metodológica” (NORMAS REGIMENTAIS DOS GRUPOS DE PESQUISA DA INTERCOM). Hoje a Intercom trabalha com oito Divisões Temáticas (DTs) que abrigam 34 Grupos de Pesquisa (GPs). Ao longo dos seus 30 anos, o grupo de rádio da Intercom teve denominações diferentes, de acordo com as diretrizes fixadas pela entidade:

---

<sup>6</sup> Consulta parametrizada pela palavra “rádio” realizada em 12/08/2021. Foram considerados os resultados de três áreas: Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

## Quadro 2: Denominações do grupo

Ano	Denominação do Grupo
1991 – 1992 – 1993	Grupo de Trabalho Pesquisa em Rádio
1994 – 1995 – 1996 – 1997 – 1998 – 1999 – 2000	Grupo de Trabalho Rádio
2001 – 2002 – 2003 – 2004 – 2005 – 2006 – 2007 – 2008	Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora
2009 – 2010 – 2011 – 2012 – 2013 – 2014 – 2015 – 2016 – 2017 – 2018 – 2019 – 2020 – 2021	Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nestes 30 anos, o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora teve dez coordenadores, com mandatos de duração variada, conforme o Quadro 3. Desde a reestruturação dos GPs da Intercom, os coordenadores têm mandato de dois anos, podendo ser renovados por mais dois.

## Quadro 3: Coordenadores do GP e seus mandatos

	Dóris Haussen	Sônia Virgínia Moreira	Nélia Del Bianco	Eduardo Meditsch <sup>7</sup>	Máгда Cunha	Luiz Artur Ferraretto	Nair Prata	Valci Zuculoto <sup>8</sup>	Marcelo Kischinhevsky <sup>9</sup>	Debora Cristina Lopez <sup>10</sup>
1991										
1992										
1993										
1994										
1995										
1996										
1997										
1998										
1999										
2000										
2001										
2002										
2003										
2004										
2005										
2006										
2007										
2008										
2009										
2010										
2011										
2012										

<sup>7</sup> Mandato que teve Máгда Cunha como vice-coordenadora.

<sup>8</sup> Mandato que teve Marcelo Kischinhevsky e Débora Lopez como vice-coordenadores.

<sup>9</sup> Mandato que teve Debora Lopez como vice-coordenadora.

<sup>10</sup> Mandato em andamento e que tem Eduardo Vicente como vice-coordenador.

	Dóris Haussen	Sônia Virgínia Moreira	Nélia Del Bianco	Eduardo Meditsch	Máгда Cunha	Luiz Artur Ferraretto	Nair Prata	Valci Zuculoto	Marcelo Kischinevsky	Debora Cristina Lopez
2013										
2014										
2015										
2016										
2017										
2018										
2019										
2020										
2021										

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

O grupo tem a sua atuação definida pela seguinte ementa:

Abrange estudos, dentro de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, a respeito do rádio – em suas manifestações comercial, estatal e pública, incluindo abordagens educativas e comunitárias – e de outras mídias sonoras, preocupando-se com aspectos como a teoria, a linguagem, as técnicas, o mercado, a história, a ética, a arte, a programação, a produção, a recepção, a experimentação e os conteúdos de jornalismo, publicitários e de entretenimento. Compreende, ainda, pesquisas a respeito da música como manifestação comunicativa, da fonografia e das diversas formas de utilização do áudio em ambientes multimídia ou não, trabalhando as questões da sonoridade em sua ampla gama de manifestações como fenômeno comunicacional (GP RÁDIO E MÍDIA SONORA, online).

Alguns fatos interessantes da história do grupo merecem ser lembrados. Antes de completar dez anos, em 2000, o GP já se destacava por sua atuação. Naquele ano, na gestão de Nélia Del Bianco, recebeu o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, na categoria Grupo Inovador. Até 2021 era o único grupo da Intercom agraciado com tal distinção e reconhecimento: “Foi escolhido por seu protagonismo no período 1991-1999, reunindo cerca de 50 pesquisadores em todo o país. Com uma produção de 116 trabalhos apresentados durante a década de 90 nos congressos anuais da Intercom” (RBCC, 2000). Depois desta premiação, por nove vezes membros do GP foram agraciados com o Luiz Beltrão, além do AudioLab – Laboratório de Áudio da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com forte inserção no grupo – conforme é detalhado no quadro a seguir:

**Quadro 4: Prêmio Luiz Beltrão e o GP Rádio e Mídia Sonora**

Prêmio Luiz Beltrão		
Ano	Categoria	Agraciado
2000	Grupo Inovador	GT de Rádio da Intercom
2003	Liderança Emergente	Eduardo Meditsch
2009	Liderança Emergente	Nélia Del Bianco
2011	Maturidade Acadêmica	Luiz Maranhão Filho
2013	Liderança Emergente	Nair Prata
2017	Maturidade Acadêmica	Doris Haussen
2017	Liderança Emergente	Valci Zuculoto
2017	Grupo Inovador	AudioLab Uerj
2019	Maturidade Acadêmica	Eduardo Meditsch
2021	Maturidade Acadêmica	Luiz Artur Ferraretto

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

A partir de 2003, na gestão de Eduardo Meditsch, foi criada uma lista de e-mails do grupo na internet, uma forma de interação rápida, eficiente e que trouxe grandes benefícios para a comunicação entre os participantes. Hoje, o e-mail da lista é [gp-radio-e-midia-sonora-da-intercom@googlegroups.com](mailto:gp-radio-e-midia-sonora-da-intercom@googlegroups.com), com intensa troca de mensagens durante todo o ano.

Na coordenação de Nair Prata, em comemoração aos 90 anos do rádio no país, o grupo decidiu organizar um amplo projeto coletivo para criação do Portal do Rádio, um site acadêmico com informações variadas sobre a radiofonia. Durante um ano, uma equipe de mais de 30 pesquisadores se debruçou na coleta e produção de dados e, em setembro de 2012, o site foi lançado (<https://blog.ufba.br/portaldoradio/>) e hoje reúne artigos, áudios, vídeos, e-books, entrevistas e uma bibliografia bastante completa sobre o rádio.



**Figura 1:** Print da homepage do Portal do Rádio  
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Além do site, o grupo possui perfis em redes sociais. No Facebook (<https://www.facebook.com/intercom.radio>), o perfil possui 1.540 seguidores<sup>11</sup>:



**Figura 2:** Print do perfil do GP no Facebook  
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

O grupo tem também perfil no Twitter (@intercomradio), com 137 seguidores<sup>12</sup>:

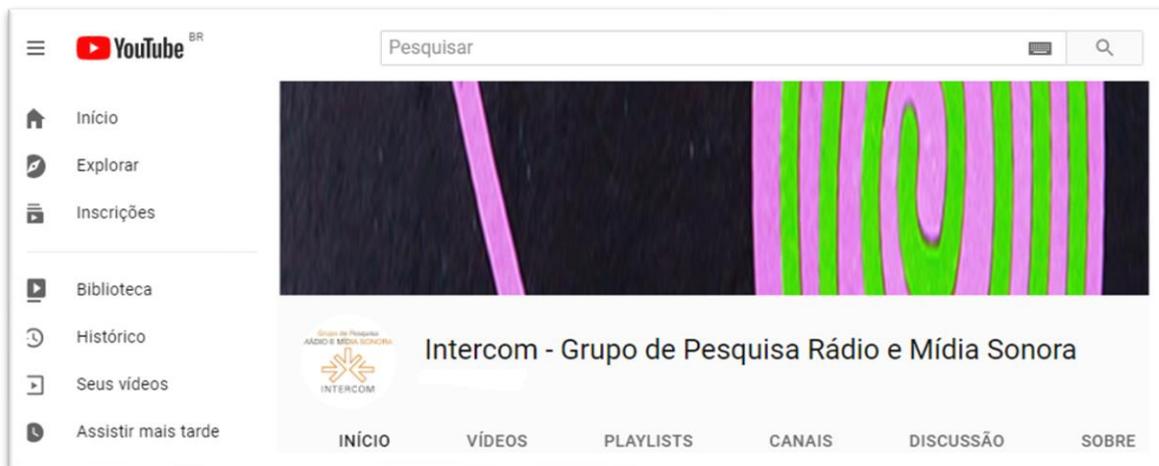
<sup>11</sup> Dados levantados em 11/08/2021.

<sup>12</sup> Dados levantados em 11/08/2021.



**Figura 3:** Print do perfil do GP no Twitter  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

E também há um canal no YouTube<sup>13</sup>, com vídeos de cursos e palestras organizados pelo grupo:



**Figura 4:** Print do perfil do GP no YouTube  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

O grupo também apoia a publicação da **Radiofonias – Revista de Estudos**

<sup>13</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCED1GCUp6OQJFzxiaueW4ng> . Dados levantados em 11/08/2021.

em **Mídia Sonora**, antiga **Rádio-Leituras** (ISSN 2179-6033). A revista é uma publicação quadrimestral do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Núcleo de Rádio e TV (NRTV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Segundo a publicação, "o objetivo da revista é ser um espaço para análise e reflexão sobre o rádio, a mídia sonora, o radiojornalismo e os processos de convergência que dialoguem direta ou indiretamente com as diversas modalidades de comunicação sonora" (RADIOFONIAS, 2021).



**Figura 5:** Print da *homepage* da Revista Radiofonias  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

Em 2007, durante a reunião anual do GP, no congresso de Santos, na gestão de Luiz Artur Ferraretto, nasceu um dos mais audaciosos e inéditos projetos de um grupo de pesquisa da Intercom: a *Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil*<sup>14</sup>. A partir de uma ideia de Ricardo Medeiros, o grupo decidiu questionar o Ministério das Comunicações acerca da tecnologia e dos métodos que seriam utilizados na implantação do rádio digital no Brasil. A *Carta dos Pesquisadores* foi assinada por 72 pesquisadores de 14 Estados brasileiros e amplamente divulgada em todo o país.

O movimento culminou com um encontro, em Brasília, em 13 de dezembro de 2007, entre o então ministro das Comunicações, Hélio Costa, e uma comissão formada por três professores escolhidos pelo grupo (Luiz Artur Ferraretto, Nair Prata e Nélia Del Bianco). Na reunião, o ministro, cercado de assessores, deu

<sup>14</sup> A carta está disponível em: [http://www.intercom.org.br/boletim/a03n71/forum\\_radio.shtml](http://www.intercom.org.br/boletim/a03n71/forum_radio.shtml)

várias explicações de ordem técnica sobre o rádio digital e ouviu da comissão a preocupação acerca da tecnologia e dos métodos que poderiam ser utilizados no processo.

Um ano depois, no dia 21 de dezembro de 2008, depois de ser cobrado sobre a lentidão do processo de implantação do rádio digital, o ministro Hélio Costa publicou um artigo no jornal *Estado de Minas*, intitulado *E o rádio digital? Uma análise responsável*, reconhecendo as dificuldades para colocar em funcionamento no Brasil a nova tecnologia e citando nominalmente o GP: "... Assim, ao contrário do que diz um e-mail divulgado pelo Núcleo de Pesquisa de Rádio e Mídia, e citado pela articulista Nair Prata no *Estado de Minas*, o Minicom não propôs qualquer parceria com a empresa americana iBiquity...". Provavelmente, é o único grupo de pesquisa da Intercom que fez uma cobrança – e obteve uma resposta – de um ministro.

Nas comemorações dos 20 anos do GP, em 2011, o grupo realizou, no congresso da Intercom, em Recife, o colóquio *O futuro do rádio*, com o objetivo de debater as tendências e perspectivas tanto para a radiofonia, quanto para a pesquisa na área. Sob a coordenação de Nair Prata, o grupo obteve patrocínio para o evento<sup>15</sup> e levou ao Recife o pesquisador espanhol Mariano Cebrián Herreros, que falou sobre o tema *La radio en el entorno de las multiplataformas de comunicaciones*<sup>16</sup>. Também participou do seminário o presidente da Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Emanuel Carneiro, num encontro inédito entre academia e empresariado<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> O evento foi patrocinado pela Confederação Nacional dos Transportes (CNT).

<sup>16</sup> A íntegra da palestra está publicada em <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/378>

<sup>17</sup> A íntegra da palestra *O futuro do rádio na visão do empresariado brasileiro* está disponível em <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/380>

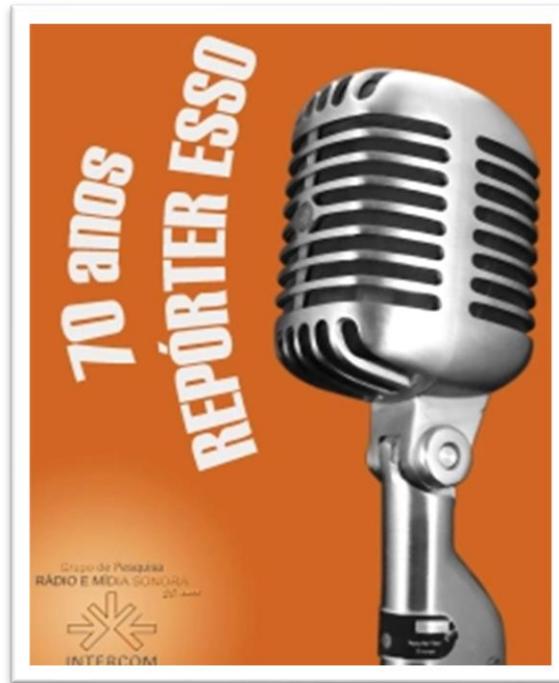


**Figura 6:** Flyer de divulgação do colóquio *O futuro do rádio*  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

Ainda em 2011, o grupo produziu uma série de programas e entrevistas especiais em comemoração aos 70 anos da primeira emissão do Repórter Esso. A série, coordenada por Maria Cláudia Santos, teve intensa repercussão em todo o país, pois o GP produziu e disponibilizou farto material inédito e de qualidade para download gratuito<sup>18</sup>. A agência RadioWeb colocou o material à disposição das emissoras de todo o país e o material foi veiculado por 702 emissoras, localizadas em 579 municípios. No período entre 19 e 28 de agosto, outra agência, a Rádio2, colocou à disposição das emissoras a série produzida pelo GP e 153 rádios baixaram o material, cobrindo 628 praças. Ao todo foram 753 *downloads*. A Abert disponibilizou a série no site da entidade e foram feitos 941

<sup>18</sup> A série está disponível em <https://blog.ufba.br/portaldoradio/projetos/producoes-sobre-a-memoria-do-radio/especial-reporter-esso/>

downloads. Recebemos mais de 200 Alertas Google com a palavra *Repórter Esso* em agosto/2011, com referências ao material produzido pelo GP.



**Figura 7:** Imagem do *banner* de divulgação da série 70 anos do *Repórter Esso*  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

Outra ação importante do grupo, também na gestão de Nair Prata, foi a criação do Simpósio Nacional do Rádio. A primeira edição<sup>19</sup> foi realizada em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba, de 9 a 11 de julho de 2013, sobre o tema “Academia e mercado – aproximações e desafios”. Com organização de Norma Meireles, o evento recebeu 306 inscrições. O Simpósio foi organizado em seis GTs: Rádio, convergência e tecnologia; Jornalismo no rádio: prática, produção e ensino; História do rádio; Rádio e desenvolvimento; Rádio e mercado; Rádio, gênero e juventude, com apresentação de 50 trabalhos, que estão disponíveis on-line<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Site do evento: <http://simposiodoradio.blogspot.com.br>

<sup>20</sup> <https://blog.ufba.br/portaldoradio/files/2014/11/ANAIS-I-SIMPOSIO-NACIONAL-DO-RADIO-revisado.pdf>



**Figura 8:** Banner de divulgação do I Simpósio Nacional do Rádio  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

O II Simpósio Nacional do Rádio<sup>21</sup> foi realizado em Porto Alegre, na ESPM-Sul, de 4 a 5 de novembro de 2014, sobre o tema “Desafios do rádio: formação profissional e novas demandas”. Com organização de Janine Marques Passini Lucht, o Simpósio foi organizado em seis GTs: Grupo Rádio Convergência e Novas Tecnologias; Grupo Jornalismo no Rádio: prática, produção e ensino; Grupo História do Rádio; Teoria do Jornalismo e Semiótica; Grupo Rádio e Mercado; Grupo Rádio, Gênero e Juventude.



**Figura 9:** Banner de divulgação do II Simpósio Nacional do Rádio  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

<sup>21</sup> Site do evento: <http://snr2014.espm.br>

Com Valci Zuculoto na coordenação do grupo, o III Simpósio Nacional do Rádio foi realizado pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb), em Conceição do Coité, na Bahia, de 4 a 6 de abril de 2018, tendo como tema central “Todos os rádios do Brasil: novas frequências, sintonias e conexões para a democracia”. O evento foi coordenado por Rogério Costa. Ao final do Simpósio foi publicado o ebook<sup>22</sup> **Todos os Rádios do Brasil. Novas frequências, sintonias e conexões**, organizado por Norma Meireles, Rogério Costa, Pricilla Andrade e João Batista F. Neto. O Simpósio teve seis Grupos Temáticos: Rádio, convergência, consumo e mercado; Rádio e jornalismo; História do rádio; Ensino de rádio; Rádio, direitos humanos e cidadania; Rádio, gênero e diversidade.



**Figura 10:** Banner de divulgação do III Simpósio Nacional do Rádio  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

E na coordenação de Debora Cristina Lopez e pela primeira vez realizado em modo virtual, por causa das medidas sanitárias em função da pandemia da Covid-19, o IV Simpósio Nacional do Rádio<sup>23</sup> foi organizado pela Universidade Federal do Mato Grosso, tendo como tema “100 anos de rádio: democracia e cidadania nas ondas sonoras”. A coordenação do evento foi de Luã Chagas,

<sup>22</sup> O e-book está disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/comunicacao/todos-os-radios-do-brasil-novas-frequencias-sintonias-e-conexoes>

<sup>23</sup> <https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/simplosionacionaldoradio/simpnacradio>

com realização nos dias 5, 6 e 7 de maio de 2021. O Simpósio teve oito Grupos Temáticos: História do Rádio; Rádio Expandido e Convergência; Estudos em Podcasting; Rádio, política, direitos humanos e cidadania; Radiojornalismo; Música, arte e vínculos na radiodifusão; Radiodifusão universitária; Rádio e esporte.



**Figura 11:** Banner de divulgação do IV Simpósio Nacional do Rádio  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

Por fim, uma ação do grupo que merece ser lembrada é a participação na Escola de Verão da Intercom, com a realização de um curso no dia 27 de janeiro de 2016, na sede Brigadeiro da entidade, em São Paulo. O curso, sobre o tema "Rádio e Contemporaneidade", foi organizado na gestão de Valci Zuculoto e ofereceu uma programação que contou com a participação dos mais destacados pesquisadores do campo. Foram oito aulas, ministradas das 8h15 às 19h, com a presença de 30 convidados, sobre os seguintes temas: "O rádio e a cultura do ouvir" (José Eugênio de Oliveira Menezes), "O rádio e as novas práticas de negócios" (Álvaro Bufarah Jr.), "Consolidação do rádio na internet: como criar e manter uma webradio" (Ricardo Fadul), "Rádio expandido e reconfiguração dos mercados de mídia sonora" (Marcelo Kischinhevsky), "Futebol midiático: reflexões sobre o jornalismo esportivo no rádio" (Patrícia Rangel), "Conteúdo no rádio contemporâneo" (Debora Lopez),

“Radiodramatização e linguagem radiofônica” (Eduardo Vicente), “O rádio público no Brasil” (Valci Zuculoto). O curso teve transmissão on-line e as aulas estão disponíveis para acesso e *download* gratuito<sup>24</sup>.



**Figura 12:** Flyer de divulgação da Escola de Verão  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

De acordo com as Normas Regimentais dos Grupos de Pesquisa da Intercom<sup>25</sup>, “os grupos são constituídos por, no mínimo, 20 pesquisadores atuantes em, pelo menos, três regiões do país”. Desde a realização do primeiro encontro do grupo, em 1991, em Porto Alegre, até o congresso de Salvador, em 2020, foram apresentados 939 trabalhos no GP<sup>26</sup>. O primeiro encontro contou com sete trabalhos e, a partir daí, o número foi crescendo até chegar aos 45 *papers* no congresso de Salvador, conforme demonstra o quadro a seguir:

<sup>24</sup> Curso disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCED1GCU60QJFzxiaueW4ng>

<sup>25</sup> [http://www.portalintercom.org.br/images/stories/Normas\\_Regimentais\\_dos\\_Grupos\\_de\\_Pesquisas.pdf](http://www.portalintercom.org.br/images/stories/Normas_Regimentais_dos_Grupos_de_Pesquisas.pdf).

<sup>26</sup> Levantamento realizado nos anais dos congressos da Intercom de 1991 a 2020. Os artigos de 1991 a 1999 não estão disponíveis on-line, somente acervo impresso.

Nº de artigos por ano	
1991	7
1992	5
1993	6
1994	10
1995	9
1996	13
1997	13
1998	20
1999	24
2000	13
2001	20
2002	24
2003	38
2004	42
2005	40
2006	29
2007	30
2008	34
2009	43
2010	50
2011	46
2012	41
2013	31
2014	49
2015	56
2016	56
2017	55
2018	42
2019	48
2020	45
<b>TOTAL</b>	<b>939</b>

**Quadro 5:** Nº de artigos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

Nestes 30 anos do grupo, centenas de pesquisadores diferentes apresentaram trabalhos em conjunto ou individualmente. No total, 1.303

pesquisadores estão presentes nos anais do GP, conforme pode ser conferido no Quadro 6. É importante destacar o aumento do número de autores a partir de 2010.

Total de autores por ano	
1991	8
1992	5
1993	6
1994	11
1995	9
1996	16
1997	16
1998	20
1999	29
2000	16
2001	28
2002	28
2003	48
2004	45
2005	46
2006	42
2007	50
2008	49
2009	49
2010	80
2011	62
2012	62
2013	36
2014	69
2015	82
2016	83
2017	79
2018	66
2019	82
2020	81
<b>Total</b>	<b>1.303</b>

**Quadro 6:** Número de autores por ano  
**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

Alguns pesquisadores se destacam pela grande produção, e a principal delas é Nair Prata, com 29 *papers* no total; a seguir figuram Luiz Artur Ferraretto e Valci Zuculoto, com 22 trabalhos cada um; Debora Lopez e Doris Haussen, com 19 artigos cada uma, e Máгда Cunha, Marcelo Kischinhevsky e Nélia Del Bianco, com 18: vale lembrar que todos eles passaram pela coordenação do grupo. A seguir, um quadro com os autores do grupo, elencados aqui por ordem do número de trabalhos apresentados. Estão listados aqui todos os pesquisadores que tiveram três ou mais trabalhos aceitos no GP em 30 anos:

**Quadro 7: N° de artigos aceitos no GP por pesquisador**

Autor(es)	N° de artigos
Nair Prata	29
Luiz Artur Ferraretto, Valci Regina Mousquer Zuculoto	22
Debora Cristina Lopez, Doris Fagundes Haussen	19
Máгда Rodrigues da Cunha, Marcelo Kischinhevsky, Nélia R. Del Bianco	18
Álvaro Bufarah Jr., Ana Baumworcel	17
Antonio Adami, Mauro José Sá Rego Costa	16
Izani Mustafá	15
Luciano Klöckner, Sônia Caldas Pessoa	14
João Batista de Abreu, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva	12
José Eduardo Ribeiro de Paiva, Sonia Virginia Moreira	11
Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante, Eduardo Meditsch, Marcos Júlio Sergl	10
Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna, Moacir Barbosa de Sousa, Pedro Serico Vaz Filho, Sandra Sueli Garcia de Sousa, Wanir Campelo	9
Flávia Lúcia Bazan Bepalhok	8
Daniel Gambaro, Edgard Patrício, Eduardo Vicente, Ellis Regina Araujo da Silva, Gisele Sayeg Nunes Ferreira, Graziela Soares Bianchi, José Eugenio de Oliveira Menezes, Luãн José Vaz Chagas, Luana Viana, Nivaldo Ferraz, Vera Lucia Spacil Raddatz	7
Adriana Ruschel Duval, Antônio Francisco Magnoni, Cida Golin, Edilene Mafra Mendes de Oliveira, Goretti Maria Sampaio de Freitas, Irineu Guerrini Jr., Ismar Capistrano Costa Filho, Lena Benzecry, Luiz Maranhão Filho, Marcelo Freire Pereira de Souza, Mozahir Salomão Bruck, Nonato Lima, Norma Meireles	6
Adriana Gomes Ribeiro, Carlos Eduardo Esch, Claudia Irene de Quadros, Daniela Carvalho Monteiro Ferreira, Delma Perdomo Deniz, Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque, Maria Filomena Salemme, Juliana C. Gobbi Betti, Kamilla Avelar, Lia Calabre, Lourival da Cruz Galvão Júnior, Marta Regina Maia, Orlando Maurício de Carvalho Berti, Patrícia Rangel Moreira Bezerra, Sérgio Endler	5
André Barbosa Filho, Ayêska Paulafreitas, Bruno Araújo Torres, Ciro Augusto Francisconi Götz, Elton Bruno Barbosa Pinheiro, Henrique Cordeiro Martins, Kátia de Lourdes Fraga, Lilian Zarembo, Luciana Miranda Costa, Magaly Parreira do Prado, Márcia Vidal Nunes, Marizandra Rutilli, Mirian Redin de Quadros, Mônica Panis Kaseker, Nayane Cristina Rodrigues de Brito, Paula Marques de Carvalho, Rakelly Calliari Schacht, Renata Victor, Ricardo José Oliveira Ferro, Ricardo Pavan	4
Adriano Lopes Gomes, Bárbara Maia, Bruno Domingues Micheletti, Carlos Eduardo de Moraes Dias, Carlos Gustavo Soeiro Guimarães, Carmen Lucia José, Ciro José Peixoto Pedroza, Clóvis Reis, Daniel Martín Pena, Daniela Cristiane Ota, Diego Weigelt, Dulce Márcia Cruz, Elisangela Ribas Godoy, Gilson Vieira Monteiro, Hugo Vela, Johan Cavalcanti Van Haandel, Leandro Ramires Comassetto, Lenize Villaga, Livia Moreira Barroso, Luciane Ribeiro do Valle, Macello Santos de Medeiros, Manoela Mendes Moura, Márcio de Oliveira Guerra, Maria Cláudia Santos, Mirna Spritzer, Pedro de Albuquerque Araujo, Rafael Medeiros, Roscéli Kochhann, Sérgio Pinheiro da Silva, Sheila Borges de Oliveira, Valquíria Guimarães da Silva, Veridiana Pivetta de Mello, Waldiane Fialho	3

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Os dados do Quadro 7 apontam que apenas 22 pesquisadores possuem dez artigos ou mais nos anais do GP. Podemos considerar que se trata de um número bem baixo, já que pesquisa pressupõe fidelização e continuidade. Mais ainda: apenas 67 pesquisadores têm cinco artigos ou mais nos 30 anos do grupo. Esses números demonstram que ainda é pequena a fidelidade e a frequência dos pesquisadores ao GP. Isso, certamente, representa um problema para um Grupo de Pesquisa que pretende ser referência em seu campo.

Algumas instituições têm participação ativa no grupo, por meio dos seus pesquisadores. Nestes 30 anos do GP, mais de 200 instituições diferentes estiveram presentes por meio dos seus pesquisadores. O quadro a seguir aponta o número de IES de cada ano de funcionamento do grupo:

**Quadro 8: N° de artigos aceitos no GP por IES/ano**

Total de IES por ano	
1991	8
1992	5
1993	6
1994	11
1995	9
1996	16
1997	16
1998	24
1999	29
2000	16
2001	30
2002	29
2003	54
2004	59
2005	56
2006	50
2007	54
2008	62
2009	56
2010	89

<b>2011</b>	65
<b>2012</b>	62
<b>2013</b>	37
<b>2014</b>	72
<b>2015</b>	84
<b>2016</b>	83
<b>2017</b>	81
<b>2018</b>	67
<b>2019</b>	91
<b>2020</b>	81
<b>TOTAL</b>	<b>1402</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

O grande destaque de participação no GP fica por conta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com 78 trabalhos apresentados ao longo de 30 anos. Também têm presença destacada a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com 74; Universidade Federal de Santa Catarina, com 62; Universidade Federal de Ouro Preto, com 54; e, com 38 trabalhos cada, a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estes dados, obviamente, devem ser analisados à luz da presença do pesquisador em uma ou outra instituição, fator determinante para a sua figuração no Quadro 9, que aponta as IES com 20 artigos ou mais nos 30 anos do grupo:

**Quadro 9: N° de artigos aceitos no GP por IES**

<b>IES</b>	<b>N° de artigos</b>
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	78
Universidade do Estado do Rio De Janeiro	74
Universidade Federal de Santa Catarina	62
Universidade Federal de Ouro Preto	54
Universidade de São Paulo	38
Universidade Federal do Rio Grande Do Sul	
Faculdade Casper Líbero	35
Universidade Federal Fluminense	
Universidade de Brasília	32
Universidade Federal do Ceará	
Universidade Federal do Rio de Janeiro	31

Universidade Federal de Pernambuco	29
Universidade Federal de Santa Maria	27
Centro Universitário de Belo Horizonte	25
Universidade Federal da Paraíba	
Universidade Paulista	24
Universidade Federal de Minas Gerais	
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	20
Universidade Estadual de Campinas	

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

Na coleta de dados realizada nos anais do GP, relacionamos 3.173 palavras-chave a partir de todos os artigos aceitos para apresentação. Vale lembrar que nos anais que estão em papel não havia a exigência de palavras-chave e, em 2002, esta informação não está disponível para consulta.

**Quadro 10: N° de palavras-chave por ano**

Ano	N° de palavras-chave
2001	37
2002	----
2003	112
2004	138
2005	153
2006	104
2007	125
2008	139
2009	168
2010	196
2011	195
2012	171
2013	111
2014	210
2015	247
2016	241
2017	239
2018	180
2019	210
2020	197

<b>TOTAL</b>	<b>3.173</b>
--------------	--------------

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

A palavra-chave de maior ocorrência nestes 30 anos é “rádio”, obviamente, mas também têm forte presença palavras como radiojornalismo, comunicação, internet, convergência, história, mídia sonora, jornalismo, podcast e tecnologia. No quadro a seguir, listamos as palavras-chave com oito ocorrências ou mais. É interessante notar que a palavra “história”, por exemplo, aparece em três momentos distintos e com muitas ocorrências: história, história do rádio e história do rádio no Brasil.

**Quadro 11: Ocorrências de palavras-chave**

Palavras-Chave	Nº de ocorrências
Rádio	388
Radiojornalismo	79
Comunicação	64
Internet	46
Convergência	38
História	
Mídia Sonora	31
Jornalismo	26
Podcast	
Tecnologia	25
Rádio Comunitária	24
Educação	23
História do Rádio	
Webradio	22
Cultura	20
Indústria Fonográfica	19
Brasil	18
Linguagem Radiofônica	
Memória	
Paisagem Sonora	16
Rádio Expandido	
Programação	14
Rádio Público	
Rádio Digital	13

Rádio Educativo	
Interatividade	12
Audiência	11
Áudio	
Oralidade	
Ouvinte	
Som	
Ensino	10
Política	
Reportagem	
Futebol	9
Rádiodifusão	
História do Rádio no Brasil	8

**Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora é o GP mais produtivo da Intercom no tocante às pesquisas coletivas, isto é, abertas à participação de todos os interessados e com investigações relevantes efetivamente publicadas. Nestes 30 anos do GP, podemos elencar 25 grandes produções coletivas do grupo<sup>27</sup>.

### **O lugar dos estudos radiofônicos e os principais desafios**

O segundo movimento da pesquisa deste texto foi buscar depoimentos<sup>28</sup> dos nove ex-coordenadores e da atual coordenadora do grupo, que responderam às duas questões que norteiam esta investigação: Qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil 30 anos depois da criação do GP? Quais os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora? As respostas se encadeiam e trazem pistas para o entendimento do cenário que se desenha no horizonte.

**Qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil 30 anos depois da criação do GP?**

**Dóris Fagundes Haussen** coordenou a implantação do grupo, em 1991, no congresso da Intercom realizado na PUC-RS. Na época, convidou colegas do Sul do país, entre outros, para participarem da seleção de textos e envio de

<sup>27</sup> Nota dos Editores: As produções coletivas do grupo são objeto de outro artigo publicado neste dossiê, “30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom”, de Nelia Rodrigues Del Bianco e Valci Zuculoto.

<sup>28</sup> Os depoimentos foram enviados por e-mail, a partir de duas perguntas, em junho de 2021.

trabalhos, como Carlos Eduardo Esch, Eduardo Meditsch, Nelia Del Bianco, Sérgio Carvalho, Sérgio Endler e Sonia Virginia Moreira. Segundo a primeira coordenadora do grupo, 30 anos após a sua criação, pode-se dizer que "o GP conquistou um espaço consolidado entre seus pares, com qualidade de produção, publicações e participação de seus membros em eventos nacionais e internacionais, bem como em diretorias de instituições da área". E em comparação com seu início, em 1991, o grupo "teve um crescimento exponencial, tanto quantitativo quanto qualitativo. De um sentimento de 'primo pobre' em relação aos demais grupos de estudos, o GP evoluiu para uma participação madura e equitativa".

**Sonia Virginia Moreira** propôs à Intercom a criação do grupo de pesquisa em rádio, em 1990, no congresso realizado no Rio de Janeiro, mas não foi a primeira coordenadora. Segundo ela, o lugar dos estudos radiofônicos hoje no Brasil é certamente "mais conhecido, mapeado, com rotas metodológicas traçadas e percorridas pelos pesquisadores de todas as regiões". E relembra os primeiros encontros do grupo, no início dos anos 1990: "Percebo que nos movia uma curiosidade latente sobre o meio, éramos principalmente professores iniciando trajetórias acadêmicas na sequência de experiências profissionais no rádio. Foi um encontro que aconteceu de modo natural, de pessoas que tinham em comum a relação de afeto com o meio, interessadas em explorar essa mídia fascinante e poderosa que conhecíamos na prática, no fazer". Sonia Virginia diz ainda que o rádio estava no cotidiano de milhões de ouvintes, mas até os anos 1980 tinha sido timidamente explorado na academia.

Então começamos as pesquisas pelo começo: recuperando a história do meio, das emissoras e dos personagens agregada aos estudos críticos. Ao longo dessas três décadas os estudos e temas se multiplicaram e esse é o mapa conhecido. Completar 30 anos prova que a curiosidade, o interesse e o afeto pelo meio de comunicação se mantiveram ao longo de todo esse tempo. É uma experiência muito bonita de pesquisa verdadeiramente em grupo (MOREIRA, 2021).

A terceira coordenadora do GP, **Nelia Del Bianco**, aponta três funções hoje do grupo no campo acadêmico das pesquisas em rádio e mídia sonora:

É o lugar da pesquisa nova, de obter informação sobre o que está sendo pesquisado na atualidade. É bastante eficiente neste aspecto porque aponta quem são os pesquisadores, temáticas, abordagens, tendências de pesquisa etc.

É o espaço de diálogo na área ao oferecer a oportunidade da discussão sobre o trabalho de pesquisa apresentado que resulta, na maioria das vezes, em apontamentos importantes para a revisão de artigos antes de sua publicação.

E, por fim, é um espaço para articular pesquisas coletivas de abrangência nacional que fazem falta num país como o Brasil (DEL BIANCO, 2021).

Quarto nome a coordenar o GP, **Eduardo Meditsch** diz que, depois destes 30 anos, “temos um vasto acervo de conhecimentos sobre o rádio brasileiro, uma bibliografia pujante em livros e publicações especializadas, e redes de pesquisa consolidadas estudando o meio, além de uma razoável internacionalização”. Mas lembra que “ainda não conseguimos legitimar nossa pesquisa na área de comunicação como outras subáreas têm conseguido, basta ver a avaliação de nossos livros pela Capes, e a quantidade de bolsistas do CNPq que estudam rádio”.

Vice de Eduardo Meditsch na coordenação e depois coordenadora do GP, **Mágda Rodrigues Cunha** lembra que nos últimos 30 anos, “junto com o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa, observamos a evolução e a transformação dos estudos, tanto quanto as mudanças do próprio rádio”. Ela destaca a evolução dos temas investigados: “Se, no início, muitos estudos procuravam recuperar a história, o que era e é fundamental, no transcorrer desses 30 anos vimos a ampliação das investigações, pela presença do rádio e do áudio como linguagem em conexão com diferentes plataformas. Hoje muitos estudos analisam a presença do áudio e seus novos formatos”. E diz que isso só é possível porque “o rádio ensinou e ainda ensina sobre isto no ecossistema de mídia. Os estudos conseguem descrever com clareza a relevância do rádio, mas especialmente a sua ampliação como conceito para múltiplos ambientes”. Sucessor de Mágda Cunha, **Luiz Artur Ferraretto** acredita que, com o grupo, “os estudos de rádio passaram a ser centrais no conjunto das pesquisas comunicacionais, talvez de um modo único no mundo ocidental”. Também graças ao GP, acredita que “a produção sobre rádio no Brasil passou do

hegemonicamente memorialístico e técnico para a pesquisa consistente, com base teórica e metodológica. Houve também considerável diversificação de objetos de estudo". Ferraretto explica:

Até os anos 1970, o rádio comercial era tema majoritário. A existência do grupo incentivou abordagens mais críticas e propositivas a respeito do próprio negócio radiofônico. Além disso, permitiu e incentivou a realização de pesquisas sobre os rádios comunitário, educativo e público. Neste século, passou a abordar ainda outros produtos com linguagem radiofônica, caso do podcast. Não se pode esquecer das necessárias pontes com estudos a respeito de outros meios no cenário da convergência. Nestes 30 anos, não se fez apenas o registro, a descrição e a análise das mudanças ocorridas no meio. Foram propostos conceitos e teorizações, permitindo repensar o rádio brasileiro (FERRARETTO, 2021).

**Nair Prata** destaca a importância do GP no cenário da pesquisa em comunicação do país: "Nosso grupo é referência nos estudos de rádio e mídia sonora e muitos pesquisadores desejam levar para os seus campos de investigação as mesmas práticas que nós temos". Segundo ela, trata-se de um grupo de pesquisa consolidado, com processos dinâmicos e dialógicos, com abertura fraterna para o novo. E lembra: "Não há na Intercom nenhum grupo que tenha uma produção coletiva tão numerosa e tão sólida quanto o nosso. Só isso já demonstra a qualidade do trabalho que realizamos".

**Valci Zuculoto** considera que "a área de pesquisa do radiofônico pode ser evidenciada nas épocas iniciais do rádio brasileiro, quando seus profissionais e aficionados já ensaiavam "teorizar" sobre o então novo meio, mesmo que de forma ainda bem incipiente, e tem o seu marco de estudos científicos na década de 60, com Zita Andrade". E destaca a importância do grupo: "É efetivamente com a atuação do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora que o nosso campo deslança e mais rapidamente se consolida. A partir do GP ou sob sua liderança ou com sua participação, as últimas três décadas foram profícuas em pesquisas coletivas, em publicações, enfim, foram de consolidação e avanço dos nossos estudos científicos". Zuculoto fala dos espaços conquistados pelo grupo:

E não apenas em produções coletivas, o que é uma marca do Grupo, mas também porque o GP se tornou o espaço maior de reflexão e debate de pesquisadores, professores e estudantes com foco de estudos em áudio, rádio e demais mídias sonoras. Além disso, é importante ressaltar que este

protagonismo do GP e inclusive pela sua articulação no campo, incentivou e contribuiu para a criação de outros espaços de investigação e reflexão em rádio e mídia sonora em entidades acadêmicas (por exemplo, o GT História da Mídia Sonora da Alcar) e nas próprias universidades, com linhas e grupos de pesquisas com ênfase nestes estudos. Por meio de sua atuação inclusive junto à comunidade acadêmica de outros países, o GP também vem sendo um dos grandes responsáveis pela internacionalização dos estudos brasileiros do campo (ZUCULOTO, 2021).

Vice de Valci Zuculoto na coordenação e depois coordenador do grupo, **Marcelo Kischinhevsky** diz que “os 30 anos de criação do GP Rádio e Mídia Sonora vão muito além de uma efeméride a ser comemorada de forma acrítica e romantizada” e explica: “Ao longo desse período, o grupo se consolidou como um espaço de interlocução fundamental para a dinamização da pesquisa em rádio e meios sonoros como um todo, numa perspectiva expandida, que abrange o rádio hertziano, o podcasting, web rádio, as interfaces com a indústria fonográfica e todo um ecossistema de áudio, incluindo os assistentes de voz”. Kischinhevsky lembra que, “ao longo dos últimos 15 anos, a trajetória do GP se confunde com a expansão do sistema de pós-graduação no país, possibilitando a qualificação de pesquisadores(as) em nível de mestrado e doutorado e contribuindo para tornar o rádio um meio cada vez mais conhecido (diferentemente do ‘meio desconhecido’ de que nos falava, nos anos 1970, Ángel Faus Belau)”. E destaca duas características marcantes do grupo: “a generosidade com jovens pesquisadores(as) e o afeto que marca seus encontros e suas numerosas e substanciais produções coletivas, sem paralelo na história da Intercom”.

Vice de Valci Zuculoto e depois de Marcelo Kischinhevsky, **Debora Lopez** é a atual coordenadora do GP, eleita para um mandato de dois anos. Segundo ela, “o GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom é mais do que um fórum de debates sobre rádio e mídia sonora. É um espaço de formação de pesquisadores e de consolidação de um campo de pesquisa”. Diz que o grupo, nos seus 30 anos de trajetória, contribuiu, “nos esforços coletivos que o caracterizam, para formar gerações de estudiosos dos meios sonoros através do intercâmbio, do debate respeitoso e qualificado e responsabilidade no olhar para o objeto sonoro. Neste

período, construiu-se um perfil dos estudos sonoros brasileiros, que são destaque internacional no campo". Debora Lopez fala ainda sobre o perfil coletivo do grupo e do desenvolvimento de conceitos:

Podemos dizer que, no Brasil, temos um perfil coletivo de pesquisa sobre o rádio, que pode ser observado nas obras editadas do GP, na revista *Radiofonias* (e antes dela, na *Rádio-Leituras*) e nos projetos de colaboração interinstitucional. Podemos também observar que, independentemente da linha de estudos radiofônicos explorada, o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora contribuiu para o desenvolvimento de conceitos caros à área e para o afinamento dos acionamentos metodológicos realizados nas pesquisas – e isso tudo realizado sem deixar de lado o que se faz no mercado, ainda estabelecendo diálogos com a esfera de produção da comunicação, o que nos permite diversificar o olhar para o objeto (LOPEZ, 2021).

Debora Lopez destaca também o lugar protagonista dos estudos radiofônicos no país:

O lugar dos estudos radiofônicos no Brasil é, hoje, protagonista. Seja pelo seu caráter coletivo, pelo seu respeito às trajetórias (do meio, dos pesquisadores, da área e do próprio objeto), pela maneira como integra e forma novos pesquisadores ou pelo caráter mutável e adaptável do objeto sonoro/radiofônico, este protagonismo tem se reforçado a cada ano. Evidentemente, é resultado de um trabalho coletivo, respeitoso, qualificado, criterioso e afetuoso com o campo, com o objeto, com os sujeitos, reconhecendo o pioneirismo, a história e a produção contemporânea no rádio e na academia (LOPEZ, 2021).

### **Quais os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora?**

Dóris Fagundes Haussen considera que os principais desafios "estão justamente no fato de o GP haver atingido um patamar importante e, portanto, que necessita ser preservado". Segundo ela, "é preciso evoluir sempre, principalmente no que se refere à qualidade da produção científica, levando em conta o desenvolvimento tecnológico e as conseqüentes transformações culturais de produção, recepção e usos que se apresentam".

Para Sonia Virginia Moreira, é importante "assegurar a diversidade de abordagens e a abertura para os temas que se apresentam para a radiodifusão, a indústria sonora. No caso do Grupo de Rádio e Mídia Sonora, as metodologias compartilhadas sustentam estudos diversos e abertos, consolidando o traço distintivo de cartografar". E destaca: "Entendo que os desafios estão prontos

para serem enfrentados".

Nelia Del Bianco lista quatro desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora:

Precisa haver um avanço na abordagem teórico-metodológica dos objetos no campo do rádio. Muitas vezes são utilizadas metodologias antigas para novos objetos, sem que haja um esforço maior de adaptação e modernização dessas ferramentas de pesquisa;

Faltam também avanços no desenvolvimento de uma metodologia própria para a natureza do objeto rádio, para que não se limite a aplicar, com mínimas adaptações, metodologias que limitam a análise. Enfim, significa realizar estudos mais arrojados metodologicamente que possam oferecer resultados verdadeiramente reveladores,

Desenvolver uma teoria do rádio, o que será possível com o avanço da pesquisa indo além de aplicação de teorias muito conhecidas;

E, por fim, dar ênfase ao estudo do receptor num ambiente de convergência midiática, marcado pela recepção multitelas. Pouco sabemos sobre o lugar do rádio nesse espaço multiplataforma (DEL BIANCO, 2021).

Eduardo Meditsch vai na mesma direção: "além da questão da legitimação junto aos pares (que precisamos analisar e talvez formular estratégias para tanto), creio que um dos grandes desafios – e da contribuição que podemos dar à área – é o de desenvolvimento de metodologias para o estudo de produtos sonoros".

Mágda Rodrigues Cunha afirma que compreender "novos papéis no ecossistema é o desafio para todos os meios tradicionais como conhecemos. Foram os meios que cumpriam ciclos temporais que ensinaram a sociedade a consumir informação. A tão festejada ampliação dos conceitos, de uma perspectiva otimista, amplia também as possibilidades de informar e consumir". E fala sobre o desafio da conceituação do meio:

O formato radiofônico pode estar em todo lugar e em nenhum. Está nos smartphones, nos podcasts, nos recursos de áudio oferecidos por redes sociais na internet. Mas é bem diferente de quando descrever o rádio estava associado a um aparelho na sala de casa ou a um equipamento transistorizado, ambos com programação distribuída linearmente. Hoje, o grande desafio existe na conceituação, em manter-se importante, no cruzamento da tradição, mas também da atualização (CUNHA, 2021).

Para Luiz Artur Ferraretto, o grande desafio é "estabelecer pontes crescentes com a sociedade – gestores, ouvintes, profissionais, radiodifusores, público em geral... – sem perder a visão de base teórica e metodológica

proporcionada pelo conhecimento produzido dentro das universidades". E diz que no contexto atual brasileiro, com a pandemia e com as ameaças crescentes à constitucionalidade, isso significa "defender o rádio como meio que garanta e proteja o Estado democrático de direito. E, também, identificar o negacionismo e combater a submissão de outorgas públicas a interesses econômicos e políticos obscurantistas". Ferraretto acredita "que o rádio deva ser uma ferramenta fundamental na valorização e na comunicação da ciência, algo essencial para que se saia da situação atual de irresponsabilidade no combate à pandemia e para que se consiga recuperar o Brasil como nação em busca de um desenvolvimento não apenas econômico, mas cultural, político e social". Nair Prata aponta que "talvez o principal desafio a ser enfrentado pelo GP seja a diminuição do nosso principal objeto de pesquisa: o rádio". E explica:

Há 20 anos qualquer criança sabia definir o rádio. Hoje é difícil até encontrar aparelhos de rádio à venda e os nomes dos dispositivos de áudio são substituídos a cada dia por novas nomenclaturas. Temos um grupo de pesquisa vigoroso e produtivo, sonho de consumo de qualquer investigador, mas nosso objeto enfrenta o preconceito, o esquecimento, o espriamento diante da plataformização e a pequenez contra a qual temos que nos impor. Retomar e definir o nosso objeto continuamente parece ser o principal desafio do GP, a partir de consensos conceituais com foco na constituição do nosso campo de estudos (PRATA, 2021).

Valci Zuculoto afirma que os desafios do campo permanecem e se reconfiguram, da mesma forma que seus objetos de investigação. Diz que "o centenário rádio, migrando de dial, transbordado e ocupando a web, exige que se continue construindo conhecimento acerca de suas remediações, reconfigurações, transmutações na era do virtual, ainda mais potencializada por estes trágicos e incertos tempos de pandemia da Covid-19". E mostra para onde os desafios se lançam:

A comunicação, o informativo, o jornalismo sonoro, sobretudo em *podcasting*, evidenciam uma profusão de fenômenos contemporâneos, nas suas linguagens, processos, produtos, emissão, circulação, recepção, culturas do ouvir que lançam desafios constantes a compreensões que precisamos dar conta. Ao mesmo tempo e para isso, também é necessário avançar na busca de métodos e técnicas de pesquisa próprios, obviamente sem esquecer a interdisciplinaridade (ZUCULOTO, 2021).

Marcelo Kischinhevsky lembra que “muito foi feito nos últimos anos para romper barreiras e demarcar a relevância dos estudos radiofônicos, mas o rádio e os meios sonoros ainda são alvo de muito preconceito na área de Comunicação, sendo muitas vezes tratados como objetos menores”. E aponta dois desafios, chamados por ele de “monumentais” para os próximos anos: fortalecer a inserção de pesquisadores(as) do campo no sistema nacional de pós-graduação e desenvolver um arcabouço teórico-metodológico para lidar com nossos objetos de estudos, que são extremamente complexos, ao contrário do que diz o senso comum. Kischinhevsky diz ainda que “não há nada mais falso do que dizer que o rádio oferece uma linguagem ‘simples’. É uma construção técnica altamente sofisticada e que precisa ser estudada sem reducionismos”.

Para Debora Lopez, o desafio “vai além das demandas de tempo e de conhecimento técnico para compreender o som em si e integra questões como a mirada para o som no contexto das plataformas digitais, sua resignificação a partir da conjugação com outras formas de narrar, etc.”. Destaca que “o objeto sonoro é um dos principais desafios que se impõe aos pesquisadores de rádio e mídia sonora” e explica os motivos:

Um deles é seu caráter mutável, que foi potencializado e acelerado pelas plataformas digitais e pela nova ecologia de mídia, mas que ocorre desde que o rádio surgiu. Estas mudanças afetam não somente o que é o produto sonoro, mas suas dinâmicas de circulação, sua relação com a audiência e seu conteúdo. Relacionado a isso, temos também a complexificação do objeto em si. O rádio, como um fenômeno comunicacional ou como um fenômeno social, tem se complexificado a cada dia, exigindo de quem pesquisa uma mirada multidimensional tanto em sua abordagem teórica quanto metodológica. Aliado a isso, temos a manutenção—e talvez um reforço—do seu caráter sonoro. Essa demarcação identitária traz em si mesma um desafio: a abordagem metodológica da faceta sonora do objeto, compreendendo como esta natureza do meio dialoga com a construção de sentidos, com as esferas de produção, circulação e consumo, com o conteúdo textual etc. (LOPEZ, 2021).

## **Conclusão**

Diante do aniversário de 30 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, buscamos entender qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil e os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora. Para

isso, empreendemos uma busca no percurso do grupo e buscamos depoimentos dos ex-coordenadores e da atual coordenadora do GP. Nosso objetivo foi encontrar pistas para as duas questões que norteiam esta investigação: Qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil 30 anos depois da criação do GP? Quais os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora?

Os resultados da pesquisa apontam que os estudos radiofônicos no Brasil evoluíram e se apresentam hoje como um mapa consolidado, com larga produção científica de qualidade e pesquisadores engajados e apaixonados pelo meio e pelo objeto. O responsável por este cenário é o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom que, ao completar 30 anos, mostra-se como um grupo vigoroso, fraterno e profícuo, com saúde e vitalidade para enfrentar os desafios que se avizinham. E os desafios não são poucos e nem pequenos, além de sofrerem constante reconfiguração: estabelecer pontes com a sociedade e evoluir assegurando a diversidade de abordagens; avançar na abordagem teórico-metodológica dos objetos no campo do rádio; desenvolver metodologias para o estudo de produtos sonoros; desenvolver uma teoria do rádio; desenvolver uma conceituação do meio; fortalecer a inserção de pesquisadores do campo no sistema nacional de pós-graduação e enfrentar a diminuição do nosso objeto, uma pequenez contra a qual temos que lutar todos os dias.

## Referências

CUNHA, Márgda Rodrigues. Depoimento. Junho de 2021.

DEL BIANCO, Nelia. Depoimento. Junho de 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. Depoimento. Junho de 2021.

GP RÁDIO E MÍDIA SONORA. Portal da Intercom. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-radio-e-midia-sonora>. Data de acesso: 22jul 2021.

IV Simpósio Nacional do Rádio. Disponível em:

<https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/simposionacionaldoradio/simpnacradio>

HAUSSEN, Dóris Fagundes. Depoimento. Junho de 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Depoimento. Junho de 2021.

LOPEZ, Debora. Depoimento. Junho de 2021.

MEDITSCH, Eduardo. Depoimento. Junho de 2021.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. *In*: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. 1 ed. São Paulo: Intercom, 2005.

MOREIRA, Sonia Virginia. Depoimento. Junho de 2021.

NORMAS REGIMENTAIS DOS GRUPOS DE PESQUISA DA INTERCOM: [http://intercom2.tecnologia.ws/images/stories/Normas\\_Regimentais\\_dos\\_Grupos\\_de\\_Pesquisas.pdf](http://intercom2.tecnologia.ws/images/stories/Normas_Regimentais_dos_Grupos_de_Pesquisas.pdf). Acesso: 4ago 2021.

PRATA, Nair. Depoimento. Junho de 2021.

RADIOFONIAS. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/about>. Acesso: 12ago 2021.

RBCC. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol. XXIII nº 2 jul-dez/2000, p. 217.

ZUCULOTO, Valci. Depoimento. Junho de 2021.

## 30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom

*30 years of collective research at Intercom's Radio and Audio Media RG*

*30 años de investigación colectiva en GI Radio y Medios Sonoros*

Nélia Rodrigues Del Bianco e Valci Regina Mousquer Zuculoto

### Resumo

O processo de produção coletiva do conhecimento sobre o rádio brasileiro no âmbito do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom é o tema do presente artigo. O Grupo atua no campo de investigação com características próprias de organização e ação que revelam as condições de realização de pesquisa a partir da realidade brasileira. Entre 1997 e 2020, foram realizadas 25 pesquisas ou obras coletivas no bojo ou a partir do GP, todas resultando em produções bibliográficas. Descrevemos neste artigo as produções, destacando, para análise, aquelas que tiveram origem em um escopo estruturado coletivamente, contendo objetivos, abordagem teórico-metodológica, resultados esperados. Problematicamos os desafios para a construção de parâmetros científicos na condução de estudos coletivos como convergência de interesses individuais, papel dos participantes e das lideranças, padronização de resultados e compromisso com o rigor e a fidedignidade dos dados.

**Palavras-Chave:** Pesquisa coletiva; Grupo de pesquisa; Rádio no Brasil; Intercom.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 11/08/2021 aceito em: 27/09/2021

>> **Como citar este texto:**

DEL BIANCO, Nélia; ZUCULOTO, Valci. 30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 82-109, mai./ago. 2021.

### Sobre as autoras

Nélia Rodrigues Del Bianco  
[nbianco@uol.com.br](mailto:nbianco@uol.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-3701-0929>

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília e professora visitante na Universidade Federal de Ouro Preto. É sócia-fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), integrou a diretoria da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), entre 2008 e 2014, e foi vice-presidente da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (2018-2020). Especializou-se em estudos sobre mídia sonora, configurações sócio-técnicas do radiojornalismo e políticas de comunicação. É responsável pela direção de obras coletivas no campo da comunicação, em especial os livros *O campo da comunicação: epistemologia e contribuições científicas* (Socicom, 2020) em parceria com Ruy Sardinha; *Migração do rádio AM para FM – Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica* (Insular, 2018) com Nair Prata; e *80 anos das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro* (EDIPUCRS, 2017), com Luiz Ferraretto e Luciano Klöckner.

### Abstract

The collective production process of knowledge about Brazilian radio in the scope of Intercom's Radio and Audio Media Research Group is the theme of this article. The Group acts in the research field with its own organization and action characteristics that reveal the conditions to carry out research based on the Brazilian reality. Between 1997 and 2020, 25 researches or collective works were carried out within the scope or from the GP, all of them resulting in bibliographic productions. In this article we describe these productions, highlighting for analysis those that originated in a collectively structured scope, containing objectives, theoretical-methodological approach, and expected results. We problematize the challenges for the construction of scientific parameters in conducting collective studies as the convergence of individual interests, the role of participants and leaders, standardization of results and commitment to accuracy and reliability of data.

**Keywords:** Collective research; Research group; Radio in Brazil; Intercom.

### Resumen

El proceso de producción colectiva de conocimiento sobre la radio brasileña en el ámbito del GI Radio y Medios Sonoros de Intercom es el tema de este artículo. El Grupo actúa en el campo de la investigación con características propias de organización y actuación que revelan las condiciones para realizar investigaciones basadas en la realidad brasileña. Entre 1997 y 2020 se han realizado 25 investigaciones o trabajos colectivos en el ámbito o desde el GI, todos ellos con producciones bibliográficas. En este artículo describimos estas producciones, destacando para su análisis aquellas que se originaron en un ámbito estructurado colectivamente, conteniendo objetivos, enfoque teórico-metodológico y resultados esperados. Problematizamos los desafíos para la construcción de parámetros científicos en la realización de estudios colectivos como la convergencia de intereses individuales, el papel de los participantes y los líderes, la estandarización de los resultados y el compromiso con la precisión y la fiabilidad de los datos.

**Palabras clave:** Investigación colectiva; Grupo de investigación; Radio en Brasil; Intercom

Valci Regina Mousquer  
Zuculoto

[valzuculoto@hotmail.com](mailto:valzuculoto@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-2453-3990>

Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora e mestre em Comunicação (PUCRS), com pós-doutorado pela ECO/UFRJ. Coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Diretora científica da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR). Coordena a Rádio Ponto UFSC, webemissora do Curso de Jornalismo da UFSC. Diretora da Executiva da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSJ). Conselheira da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ). Integra o conselho diretor da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/PPG)or UFSC/CNPq). É autora dos livros *A programação de rádios públicas brasileiras* e *No ar, a história da notícia de rádio no Brasil* e co-organizou *Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção*, *Estudos Radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom* e *Teorias do Rádio – Textos e Contextos* – vol. 2.

## **Introdução**

O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) chega aos 30 anos neste 2021 e, da mesma forma que seus objetos de estudo, sobretudo o centenário meio radiofônico, está consolidado para além da própria entidade, atuando com protagonismo no seu campo e evidenciando contribuições fundamentais na área acadêmica comunicacional.

Com o objetivo de contribuir não somente com a memória, mas também com uma avaliação crítica da conformação do campo acadêmico do radiofônico, um campo que já se constrói há 55 anos (ZUCULOTO, 2016), discutimos neste texto a atuação específica do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, percorrendo sua história de 30 anos em reflexões com foco na sua práxis de investigações e produções bibliográficas coletivas. Interessa-nos aqui, portanto, reconstituir esta história ressaltando o destaque do GP na construção do campo e, em especial, refletir sobre uma de suas principais marcas, a do trabalho partilhado e cooperativo que, em suas três décadas de existência, já contabiliza quase igual número de publicações e pesquisas produzidas coletivamente.

O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora foi criado em 1991, no XIV Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação em Porto Alegre (RS), na época ainda com a denominação de Grupo de Trabalho de Rádio. A partir de então, passou a reunir-se anualmente no âmbito dos congressos nacionais da entidade. Ao promover seu evento nacional, incluindo o formato de encontros de GTs, a ideia inicial da Intercom era ter um espaço para diálogo entre pesquisadores, seguindo padrão internacional de eventos congêneres. O GT nasceu tímido, com 6 a 10 trabalhos, no máximo, apresentados anualmente entre 1991 a 1997. Ao lado disso, até o final da década de 1990 poucos eram os títulos publicados e acessíveis ao público em geral.

Outro fato que colabora para a pesquisa incipiente na década de 1990

estava relacionado ao número reduzido de professores com formação em nível de mestrado e doutorado com trabalho de pesquisas realizadas sobre rádio. Situação que somente será alterada na década seguinte.

O surgimento do GT Rádio da Intercom acabou por criar um espaço que tinha uma dupla tarefa: divulgar a produção acadêmica – propiciando a reflexão e a crítica sobre o papel do rádio –, e estimular a pesquisa visando preencher as lacunas de conhecimento em relação à história, fatos, fases, técnicas, políticas, investimentos e transformações do meio.

Ao analisar 116 trabalhos, entre *papers*, artigos, ensaios, relatos de pesquisa apresentados nos Congressos anuais da Intercom entre 1991-1996, Bianco e Zuculoto (1997) apontaram que o predomínio de relatos de pesquisa, entre os trabalhos apresentados, constituía um panorama que ilustrava bem a condição do rádio, ressaltando a sua influência, poder e importância social e política do meio. Os temas de pesquisa mais frequentes eram os estudos críticos da história do rádio, das práticas profissionais, sobre as relações de poder estabelecidas a partir do meio, suas ressonâncias sociais e as mediações com a sociedade. Havia ainda análises sobre técnicas e conteúdo de programas jornalísticos, de lazer e entretenimento; relatos sobre o processo de criação de programas inovadores em relação às emissoras comerciais; estudos a respeito do uso do meio como instrumento de disseminação de informação educativa e instrucional; análises sobre o impacto e a influência das novas tecnologias na definição de formatos, conteúdo da programação e novos usos do rádio.

O que destacava no conjunto dos trabalhos era o fato de os pesquisadores explorarem boa parte dessa temática através de estudos regionais e locais. Poucos eram os artigos que retratavam o meio em termos nacionais, e, portanto, de forma mais abrangente. Essa análise foi de fundamental importância para o GT e permitiu um redirecionamento de suas atividades. No entanto, era evidente que o momento exigia reunir os pesquisadores em torno de projetos de pesquisa integrados sobre temas ainda não explorados ou pouco investigados.

Este artigo analisa o processo de produção coletiva do conhecimento no âmbito do GP que, inicialmente, configurou-se como grupo de pesquisa e não guardando relação com as redes de pesquisa que se tornaram comuns nos anos 2000. O Grupo atua no campo de investigação com características próprias de organização e ação que revelam as condições de realização de pesquisa a partir das condições da realidade brasileira, marcada pela carência de financiamento, apoio e infraestrutura no âmbito das instituições de ensino, além da sobrecarga dos docentes das chamadas disciplinas práticas na graduação, o que impede, muitas vezes, envolvimento em atividades de investigação.

Entre 1997 e 2020, foram realizadas 25 pesquisas ou obras coletivas no bojo ou a partir do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, todas resultando em produções bibliográficas. Descrevemos neste artigo todas estas produções, a partir da metodologia de pesquisa bibliográfica, destacando, para análise, aquelas que tiveram origem em um escopo estruturado coletivamente, contendo objetivos, abordagem teórico-metodológica, resultados esperados.

### **1. A importância da pesquisa coletiva**

A imagem do pesquisador isolado em seu laboratório não faz sentido, a considerar os desafios de se fazer pesquisas abrangentes. Entendemos que a pesquisa constitui prática essencial de consolidação do conhecimento e para que seja realizada, precisa ser organizada e sistematizada com critério, rigor e fidedignidade, recorrendo a procedimentos científicos para encontrar respostas a um problema. É na pesquisa que se pode construir um trabalho que produzirá resultados relevantes para o interesse social.

Os grupos de pesquisa, em geral, visam gerar e disseminar conhecimentos, além de trocar informações sobre diferentes assuntos. Representam um fator importante para o avanço do conhecimento científico, no âmbito acadêmico e profissional, em virtude de ser um contexto propício para a realização de pesquisas científicas e produção de conhecimento (GATTI, 2005). É no grupo que se pode desenvolver competências complexas e alcançar resultados de maior abrangência. A essência do grupo está na cooperação

mútua e na combinação de conhecimentos e competências entre pesquisadores, criando ambiente para maior aprofundamento do estudo. A colaboração pode ocorrer de diversas formas, pontualmente ou continuamente, mas sempre em torno de um objetivo comum: a busca de uma solução para um problema de pesquisa para gerar conhecimento científico (ODELIUS; ONO, 2019).

Atualmente, a atuação de pesquisadores de modo colaborativo tem sido incentivada pelas agências de fomento e universidades. Isto, pelo potencial dos grupos de pesquisa de formarem ambientes dinâmicos que mobilizam competências coletivas, que partilham dificuldades, encontram saídas e, por essa energia de cooperação, podem alcançar resultados superiores frente aos pesquisadores que atuam isoladamente.

O GP de Rádio soube mobilizar a energia de cooperação mútua ao reunir pesquisadores que guardam em comum a paixão pelo rádio. Uma parcela significativa desses pesquisadores já trabalhou em emissoras de rádio como profissionais e outros se mantêm ativos, seja atuando de diferentes formas com produção independente ou no âmbito de rádios universitárias, em projetos de extensão ou laboratórios de ensino.

Os principais desafios que se apresentaram na construção de parâmetros científicos para conduzir uma pesquisa de dimensão coletiva no âmbito do GP foram:

- a) Fazer convergir os interesses em torno de aspectos a serem abordados na investigação.
- b) Construir uma abordagem teórica e metodológica cooperada, ou seja, algo que não se faz a partir de interesses ou preferências pessoais, mas em torno daquela que é adequada às características do objeto.
- c) Aceitar o aprendizado coletivo como estratégia de construção de abordagens teórico metodológico pertinentes aos objetos estudados.

- d) Concordar que todos os participantes estão em condições de igualdade no processo de debate de estratégias de pesquisas, mas que na sua realização há necessidade de liderança dentro do grupo.
- e) Padronização dos resultados obtidos para permitir homogeneidade da análise, o que implica o compromisso com o rigor e com fidedignidade dos dados por parte de todos os participantes.
- f) Partilhar os resultados coletivos e individualmente por meio de publicações, porém, sempre respeitando o âmbito em que o estudo foi realizado.

Em cada pesquisa realizada no âmbito do Grupo, essas questões foram confrontadas e debatidas com vistas ao consenso. O que sempre guiou as decisões foi o propósito de colocar o conhecimento gerado a serviço da construção do campo e, conseqüentemente, ampliar a bibliografia disponível.

Para entender a contribuição desse grupo, realizamos uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de identificar as publicações geradas em pesquisas coletivas do GP, além de traçar um histórico sobre o objeto de estudo, objetivos alcançados e abordagem teórico-metodológica adotada. O levantamento bibliográfico foi desenvolvido a partir do banco de dados do GP em sua página na internet Portal do Rádio – Intercom<sup>29</sup> e repositório de livros no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação da Intercom, seção E-books<sup>30</sup>. Optou-se pela análise de todas as publicações coletivas entre 1997 e 2020, a considerar que o propósito foi historicizar esse processo e sua contribuição para o campo. Na seqüência, estão as 25 pesquisas ou obras coletivas identificadas nos bancos de dados (tabela 1).

**Tabela 1 – Publicações coletivas GP Rádio e Mídia Sonora de 1997-2020**

Obra	Data	Editora	Autores
Rádio e Pânico – a Guerra dos Mundos - 60 anos depois	1998	Insular	MEDITSCH, Eduardo (Org.)

<sup>29</sup> Disponível em [blog.ufba.br/portaldoradio/](http://blog.ufba.br/portaldoradio/)

<sup>30</sup> Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/>

Rádio no Brasil: tendências e perspectivas.	1999	EdUERJ EdUnB	DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.)
Desafios do rádio no século XXI	2001	UERJ	DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.).
Rádio brasileiro: episódios e personagens	2003	Editora PUCRS	HAUSSEN, Dóris Fagundes; CUNHA, Mágda (Org.)
Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio	2004	Garamond	BAUM, Ana (Org.)
Teorias do rádio: textos e contextos v. 1	2005	Insular	MEDITSCH, Eduardo (Org.)
Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial	2006	Editora PUCRS	GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de (Org.)
Teorias do rádio: textos e contextos v. 2	2008	Insular	MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Org.)
História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil.	2009	Editora PUCRS	KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (Org.).
Na trilha do disco: relatos sobre a indústria fonográfica no Brasil	2010	E-Papers	GUERRINI JÚNIOR, Irineu; VICENTE, Eduardo; (Org.)
E o rádio? Novos horizontes midiáticos	2010	Editora PUCRS	FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (Org.)
Mídia sonora em 4 dimensões	2011	Editora PUCRS	KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (Org.)
70 anos de Radiojornalismo no Brasil	2011	EdUERJ	MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.)
Panorama do rádio no Brasil	2011	Insular	PRATA, Nair (Org.).
Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro	2012	Insular	PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia (Org.)
O Rádio e as Copas do Mundo	2012	Juizforana	RANGEL, Patrícia; GUERRA, Márcio (Org.)
O Rádio na era da convergência	2012	Intercom	DEL BIANCO, Nélia (Org.)
Rádio e Pânico 2 – A Guerra dos Mundos, 75 anos depois.	2013	Insular	MEDITSCH, Eduardo (Org.)
Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários	2015	CECS	OLIVEIRA, Madalena; PRATA, Nair (Org.)
Radialismo no Brasil – Cartografia do Campo Acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)	2015	Insular	MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair (Org.)

Estudos Radiofônicos no Brasil – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom	2016	Intercom	ZUCULOTO, Valci.; LOPEZ, Debora.; KISCHINHEVSKY, Marcelo. (Org.)
80 anos das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro.	2017	Editores PUCRS	DEL BIANCO, Nelia; KLÖCKNER, Luciano; FERRARETTO, Luiz Artur (Org.)
Migração do rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica	2018	Insular	PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia Rodrigues. (Org.)
Rádios Universitárias: experiências e perspectivas	2019	Editores CCTA	ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (Org.)
Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção	2020	Editores Unijui	RADDATZ, Vera L. S.; KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora C.; ZUCULOTO, Valci R. M. (Org.)

**Fontes:** Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação da Intercom e Portal do Rádio – Intercom.

## 2. As pesquisas realizadas coletivamente no GP

O primeiro projeto de pesquisa integrado do GP Rádio e Mídia Sonora, idealizado e coordenado pelo professor Eduardo Meditsch, teve como tema os 60 anos da transmissão histórica da peça radiofônica que abalou a opinião pública, “A Guerra dos Mundos”. Embora tenha sido um dos mais famosos programas de rádio de todos os tempos, nada havia sido publicado no Brasil a seu respeito e poucas pessoas tiveram a oportunidade de pelo menos ouvi-lo até aquele momento.

Para preencher esta lacuna, os pesquisadores do então GT Rádio produziram uma reflexão teórica de natureza histórica sobre o programa e seu significado social. Os resultados da pesquisa foram publicados no livro comemorativo à efeméride *Rádio e Pânico – a Guerra dos Mundos – 60 anos depois* (MEDISTCH, 1998), apresentados a partir de textos agrupados em três eixos temáticos: a) os recursos técnicos; b) o contexto que propiciou a repercussão de “A Guerra dos Mundos” junto a audiência; e c) o legado dessa transmissão para a história do rádio. E para aqueles que não conheciam a peça

radiofônica, o livro trouxe um CD com a primeira versão brasileira de “A Guerra dos Mundos”, produzida pela Associação dos Artistas da Era de Ouro do Rádio de Pernambuco, sob a liderança do professor Luiz Maranhão Filho. Na última parte do livro há uma tradução do roteiro da peça na íntegra.

O livro foi lançado durante o XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado em Recife (PE), em 1998, simultaneamente à apresentação dos textos sobre o tema durante o encontro do então GT Rádio. Posteriormente, foi organizado um lançamento nacional, no dia 30 de outubro do mesmo ano, no exato horário em que a transmissão de “A Guerra dos Mundos” foi ao ar nos Estados Unidos em 1938. O lançamento e a transmissão da versão brasileira da peça em emissoras educativas aconteceram em Brasília, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Essa iniciativa ganhou destaque na imprensa nacional e propiciou um raro momento para se pensar sobre a importância do rádio no país.

No ano seguinte, o GP publicou Rádio no Brasil: tendências e perspectivas (DEL BIANCO; MOREIRA, 1999), uma coletânea que reúne 12 dos principais artigos de pesquisa apresentados no grupo na década de 1990. O livro revelou diversidade temática e de abordagens teórico-metodológicas entre pesquisadores do grupo, abrangendo desde estudos críticos sobre a história do rádio, práticas profissionais, novas configurações tecnológicas até análises sobre mediações sociais e políticas.

A boa repercussão das primeiras publicações coletivas estimulou os pesquisadores do Grupo a participarem do segundo projeto de pesquisa integrado, idealizado pela professora e pesquisadora Nélia R. Del Bianco, sobre o futuro do rádio frente às inovações tecnológicas emergentes na década. Iniciado em 1999, o projeto “Os desafios do rádio no século XXI” (DEL BIANCO; MOREIRA, 2001) teve por objetivo oferecer ao público uma reflexão contemporânea sobre a reconfiguração do meio brasileiro a partir das transformações tecnológicas em curso. A pesquisa de natureza analítica e exploratória teve como pressuposto analisar a evolução permanente das

técnicas de produção, distribuição e recepção de mensagens que projetavam de modo decisivo sobre a configuração dos conteúdos e sobre as funções sociais do meio. Os pesquisadores analisaram o impacto das inovações tecnológicas na linguagem e os recursos expressivos do rádio, no radiojornalismo, na programação de entretenimento, na configuração das emissoras comunitárias, na organização institucional da mídia, na legislação e sobre a prática profissional. Parte dessa pesquisa foi discutida no XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Manaus (AM), em 2000.

Sob a liderança de Doris Haussen e Mágda Cunha, foi publicado em 2003 o livro coletivo *Rádio brasileiro: episódios e personagens*, que reuniu artigos sobre a história do rádio de várias regiões do país. A importância dessa publicação está em suprir, parcialmente, muitas lacunas constatadas até aquele momento sobre a história do meio. São artigos que trabalham com a narração de aspectos históricos nacionais e de diferentes regiões e outros que destacam personagens desta trajetória, suas histórias de vida e paixão pelo rádio.

Ainda na primeira metade da década dos anos 2000, o grupo de pesquisadores, sob a liderança do professor Eduardo Meditsch, encara um novo e necessário desafio: o de "refletir sobre os paradigmas" que referenciam a produção de conhecimento sobre o meio. Desafio enfrentado, mais uma obra publicada. Em 2005, é lançado o livro *Teorias do rádio: textos e contextos* (MEDITSCH, 2005). "Que teorias este meio é capaz de provocar e quais os teóricos que vêm dando ao rádio este status acadêmico, são algumas questões desta obra que busca também verificar a contribuição destes mesmos autores para pensar o rádio na contemporaneidade", explica o prefácio do livro, assinado pela coordenadora do então Núcleo de Pesquisa, professora Mágda Cunha (2005, p. 13).

O livro traz, conforme expõe o organizador na sua introdução,

quinze textos inéditos – ou pelo menos raros em língua portuguesa – de reflexão sobre o meio, sua tecnologia, linguagem, características, recepção e modos de usar, todos eles de autores (estrangeiros e brasileiros) que não deveriam deixar de ser lidos por quem se propõe a estudar e a entender a primeira e mais mágica das mídias eletrônicas. Foram selecionados, editados, traduzidos (quando era o caso) e contextualizados um a um, em outros quinze textos, [...] organizados em ordem cronológica, abarcam um período de cem

anos de reflexão – de 1904, ainda na pré-história do meio, até 2004, quando já se tornou octogenário, mas esbanja vitalidade. [...] é uma obra coletiva que expressa a diversidade de percursos, perspectivas, interesses e ênfases dos pesquisadores brasileiros no estudo do meio, [...]. (MEDITSCH, 2005, p. 15).

Apenas três anos depois, o trabalho coletivo do grupo avança na sua proposta de recuperar, disponibilizar e refletir sobre textos teóricos do rádio pouco acessíveis ou ainda sem tradução em Língua Portuguesa. Em 2008, é lançado o segundo volume, *Teorias do rádio: textos e contextos – vol. 2*, novamente sob a organização de Eduardo Meditsch e com Valci Zuculoto como coorganizadora. (MEDITSCH; ZUCULOTO, 2008). Neste segundo livro, são 16 textos referenciais e mais 16 de suas reflexões, incluindo um raro, de Roquette-Pinto, com contextualização de Luiz Artur Ferraretto, e entre outras obras essencialmente representativas do conhecimento sobre o rádio, traz trechos da tese de Gisela Ortriwano, ainda não publicada integralmente, contextualizados por Lígia Trigo e Ricardo Peruchi. De publicações de teóricos estrangeiros abordando o rádio ou mídia sonora, igualmente entre outros destaques do livro, figuram traduções e contextualizações de textos de Walter Benjamin, Theodor Adorno, Julian Hale, Roland Barthes, Murray Schafer, Moragas Spa e Cebrián Herreros.

Reunindo 10 textos apresentados no GP entre 2007 e 2008, Irineu Guerrini Jr. e Eduardo Vicente editaram o livro *Na trilha do disco: relatos sobre a indústria fonográfica no Brasil*, focalizando a expressiva pesquisa nas áreas da música popular e da fonografia.

Embora exista um volume bastante razoável de obras enfocando artistas e gêneros de nossa música popular, o tema da indústria fonográfica, ou seja, das condições materiais que foram determinantes para a gravação, divulgação e distribuição de suas obras, ainda é pouco explorado. Um trabalho coletivo, como o que apresentamos aqui é, até onde sabemos, uma iniciativa ainda inédita no país e entendemos que os temas escolhidos pelos diferentes autores oferecem um cenário bastante abrangente, tratando de aspectos como história, características regionais, distribuição, divulgação e perspectivas da indústria. (GUERRINI JR; VICENTE, 2010, p.6).

Em 2010, o GP lança *E o rádio? Novos horizontes midiáticos* (FERRARETTO; KLÖCKNER, 2010). Não resultou do desenvolvimento de um projeto de pesquisa coletiva, mas é uma produção conjunta, trazendo os artigos

apresentados pelo grupo na edição de 2009 do Congresso da Intercom. A publicação inclui contribuições de 11 estados, mais o Distrito Federal, que abrangem um conjunto de assuntos agrupados em oito seções temáticas da história e do futuro, das tendências, da geração digital. No meio desses dois vértices estão artigos sobre ensino, emissoras e ouvintes, criatividade sonora, publicidade e programas. Todos os textos são relatos de pesquisa ou textos motivados pela proposta de publicação, conduzidos por um ponto em comum: o entendimento da característica plural do rádio.

Em 2011, quando se completaram sete décadas da primeira irradiação do Repórter Esso nas ondas radiofônicas do país, o GP Rádio e Mídia Sonora coloca em circulação mais uma referencial produção coletiva ao publicar o livro *70 anos de radiojornalismo no Brasil*, organizado por Sonia Virgínia Moreira (2011). Transmitido ao longo de 27 anos por rádios brasileiras, de 1941 a 1968, o Repórter Esso é considerado um marco do radiojornalismo brasileiro, estudado como o principal padrão da configuração do nosso rádio informativo. Começou sua irradiação no Brasil patrocinado pela empresa petrolífera norte-americana Standard Oil (aqui representada pela Esso Brasileira de Petróleo Ltda), via agência de publicidade McCann-Erickson, e produzido pela agência de notícias United Press (UP), depois denominada United Press International (UPI). Com a alardeada justificativa de noticiar mais rapidamente informações sobre a Segunda Guerra Mundial, utilizava-se de características do rádio, como imediatismo, instantaneidade e acessibilidade de largo alcance. Assim, contribuiu para a profissionalização e desenvolvimento de um radiojornalismo adequado à linguagem e aos modos de fazer próprios e específicos do meio radiofônico. Mas no estudo de sua história, evidencia-se que para além da finalidade informativa, a transmissão do Esso carregava interesses geopolíticos e econômicos dos Estados Unidos.

É que com a chegada do Esso à radiofonia brasileira, inaugurou-se no País um modelo de noticiário de rádio usualmente denominado de síntese noticiosa, que se caracteriza por curta duração (cinco minutos era o tempo do Esso) e notícias com textos estruturados por frases em ordem direta e curtas, informações objetivas, quase secas. O texto de cada edição era redigido pelos

redatores do escritório da UP no Brasil (as notícias internacionais chegavam prontas diretamente dos Estados Unidos), rigorosamente de acordo com as regras inflexíveis do Manual de Produção do Esso. Após, o noticiário, com as informações internacionais e nacionais, era transmitido, via telégrafo, para cada uma das rádios que irradiava o Esso, contendo um espaço para a introdução de notícias locais. Esta forma de organização e estruturação do noticiário se consolida mesmo após o fim da Segunda Guerra. (ZUCULOTO, 2012, p. 87).

Com estes objetivos implícitos ou explícitos, o Esso imprimiu marcas definitivas no jornalismo radiofônico brasileiro e, assim como o próprio meio, tem um sentido de permanência que carece ser estudado constantemente. Afinal, até hoje, no jornalismo sonoro nacional, é possível detectar as raízes do modelo Esso de produzir áudio e radiojornalismo. Por isso, o livro *70 anos de radiojornalismo no Brasil* constituiu mais um resultado da práxis de produções colaborativas do GP.

Este livro simboliza, portanto, não só um mapa atualizado do radiojornalismo brasileiro, mas também os caminhos percorridos pelos pesquisadores sobre o status da pesquisa em radiojornalismo no Brasil. [...] A maioria dos investigadores do meio está hoje reunida no grupo de pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Foi nesse ambiente fértil de ideias aberto a desafios que a proposta deste livro surgiu e agora se concretiza. Confirma-se com isso a validade de se recorrer a elementos agregadores que contribuam para a construção, a recuperação, a indicação de trajetória e do valor de um meio de comunicação democrático em sua essência, do qual o melhor exemplo pode ser o jornalismo que produz. (MOREIRA, 2011, p. 13).

No mesmo período, fruto de um projeto de pesquisa coletiva, Nair Prata liderou 52 pesquisadores de todo o país com o propósito de construir um *Panorama do rádio no Brasil* (PRATA, 2011) relativo a 27 regiões metropolitanas. À época foi considerada uma obra pioneira por traçar um amplo inventário das emissoras de rádio. O livro, publicado pela Editora Insular, tem 590 páginas e mapeia 561 emissoras, entre as transmitidas por ondas eletromagnéticas e as que funcionavam apenas na internet, as web rádios. Pesquisa coletiva, que durou cerca de um ano, teve seus problemas decorrentes da abrangência nacional para a coleta de dados, sendo o primeiro deles formar grupos de pesquisadores em todas as capitais do país e em Brasília. O segundo desafio foi

o acesso aos dados das emissoras, em alguns casos são poucos, ou inexistentes em outros. Ademais, as informações oficiais sobre algumas emissoras de rádio, com suas histórias, seus programas, suas trocas de proprietários, suas idas e vindas no dial nem sempre são registradas. Em algumas situações, pesquisadores relataram que houve até má vontade explícita no fornecimento de informações, já que não havia interesse que determinadas histórias ou situações fossem desvendadas e publicadas, segundo relata Nair Prata.

Em 2012, quando chega a 21 anos de história e já totaliza 16 pesquisas coletivas, o GP lança a *Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro*, sob a organização de Nair Prata e Maria Cláudia Santos (2012). Trata-se de uma obra histórica, mas não construída cronologicamente. Conta a história do rádio esportivo brasileiro por meio de biografias de profissionais que se destacaram em cada uma das regiões e estados ao longo da trajetória deste segmento tão importante e fundante da radiofonia brasileira. Para desenvolver pesquisa de tão amplo alcance, reuniram-se 121 participantes, entre pesquisadores e estudantes de graduação, cobrindo todos os estados do país.

Naquele mesmo ano, os integrantes do GP se debruçam sobre outra pesquisa coletiva, também no segmento da radiofonia esportiva, e que resultou em mais uma publicação que igualmente se tornou referencial: *O rádio e as Copas do Mundo*, organizado por Patrícia Rangel e Márcio Guerra (2012).

A obra analisa a união entre futebol e rádio durante as Copas do Mundo. Iniciadas em 1938, as transmissões radiofônicas do evento mais assistido no mundo mudaram para sempre a relação do brasileiro com o Mundial da FIFA. Resistindo bravamente à competição com a televisão, o rádio ainda traz emoção para o ouvinte que acompanha a Seleção Brasileira pelo veículo. (RANGEL; GUERRA, 2012, p. 1).

O livro também demarca outra importante característica evidenciada na trajetória de trabalhos coletivos do GP Rádio e Mídia Sonora, a de transpor seu lócus, buscar parcerias interdisciplinares, dentro e fora da área, dentro e fora da Intercom. Nesse caso, a produção colaborativa se deu com outro grupo da entidade, o GP Comunicação e Esportes.

No mesmo ano de 2012, é publicado mais um resultado de projeto de estudo coletivo. A pesquisa sobre *O rádio na era da convergência* (DEL BIANCO, 2012) partiu de um escopo produzido coletivamente que fixou os objetivos da investigação: analisar a evolução do rádio, identificando alterações em termos de tecnologia, produção, estratégias de programação e políticas públicas, além de mudanças nos gêneros, linguagens, estilos e modos de recepção; e colaborar com a reflexão sobre a permanência do rádio como um meio privilegiado de representação e criação do imaginário social diante dos desafios da convergência tecnológica.

Os pesquisadores se organizaram em torno de cinco eixos de investigação: transformações técnicas e configuração do rádio no entorno da convergência; estratégias de programação e novos modos de produção de conteúdo; processos de recepção e usos da audiência; e a função social frente a novos hábitos de escuta; e a sustentabilidade do rádio. Nesse projeto, as pesquisas individuais ou realizadas no âmbito de universidades foram recolocadas à luz dos objetivos de avaliar o impacto tecnológico na transformação do rádio.

Em 2013, componentes do Grupo realizam “novos estudos brasileiros sobre o programa mais famoso da história da mídia e seus desdobramentos”, lançando mais uma coletânea com foco em A Guerra dos Mundos. Intitulada *Rádio e Pânico 2 – A Guerra dos Mundos, 75 anos depois* e novamente organizada por Eduardo Meditsch (2013), a obra representa a “maioridade editorial” do GP, “18 livros depois”, conforme refletiu Nair Prata, então coordenadora do Grupo, ao fazer sua apresentação. Mas também se pode avaliar que aqui neste período se dá a consolidação da ênfase de seus integrantes em investigar coletivamente.

O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom completa um ciclo com esta coletânea organizada por Eduardo Meditsch: o grupo chega à maioria editorial com 18 publicações, fruto de pesquisas coletivas e é o Rádio e Pânico que abre e que fecha este ciclo, num intervalo de 15 anos. A primeira pesquisa coletiva do GP, publicada em livro, foi em 1998, com organização também de Eduardo Meditsch, intitulada *Rádio e Pânico: A Guerra dos Mundos, 60 anos depois* (Editora Insular). A partir daí, o grupo adotou como prática a realização

de investigações com a participação aberta a todos os seus membros e a publicação delas em livro. A lista das obras mostra a variedade de assuntos e a inserção deles no momento histórico vivido pelas pesquisas em rádio. (PRATA, 2013, p. 13).

O segundo *Rádio e Pânico*, a exemplo do primeiro, traz CD com a reprodução de A Guerra dos Mundos, desta vez em versão brasileira do programa interpretada pelo Núcleo de Peças Radiofônicas de Porto Alegre, com direção de Mirna Spritzer. O CD inclui ainda o documentário "Guerra dos Mundos 70 anos", produzido por uma equipe da Famecos/PUCRS sob a supervisão dos professores Dóris Haussen e Luciano Klöckner. Além disso, apresenta na íntegra uma nova tradução, por Eglê Malheiros, do roteiro original de Howard Koch.

Atento à necessidade fundamental de fazer avançar os estudos radiofônicos e de mídia sonora, sobretudo por meio do trabalho coletivo, o Grupo de Pesquisa da Intercom, já com sua trajetória consolidada nesta perspectiva, em 2015 passa a trilhar com mais vigor também a busca da internacionalização. Em conjunto com pesquisadores portugueses, produz e lança a obra *Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários* (OLIVEIRA; PRATA, 2015), aprofundando mais marcas que caracterizam o seu percurso: sem perder a especificidade dos seus objetos de estudo, destaca a interdisciplinaridade, a diversidade e a pluralidade.

Rádio em Portugal e no Brasil estabelece uma linha de rumo para os Estudos de Rádio nestes dois países. Diz Walter Benjamin que o trabalho tem três níveis de elaboração: um nível musical, que é o da composição; um nível arquitetônico, que é o da construção; e por fim, um nível têxtil, que é o da tecelagem. Estas considerações parecem-me exatas para caracterizar esta obra organizada por Madalena Oliveira e Nair Prata. O esforço comum dos investigadores de dois grupos de pesquisa, dos dois lados do Atlântico, permite-nos apreciar a conjugação de perspectivas de análise por um lado, e a internacionalização da investigação, por outro. (MARTINS, 2015, p. 8).

A obra resultou da aproximação e articulação do GP da Intercom com o Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da Sopcom, a sociedade portuguesa de comunicação. É de se ressaltar que o GP brasileiro também serviu de inspiração e incentivo para a criação do GT de Portugal, onde os

estudos do radiofônico, então, desenvolviam-se ainda mais tardia e lentamente em comparação com os brasileiros. Misturando duas ortografias, a portuguesa e a brasileira, afora traçar um panorama e aspectos históricos do sonoro em ambos os países, na trilha da colaboração, buscou ainda lançar possibilidades de pesquisas nos dois cenários.

Com histórias muito desiguais, marcadas por uma distância de duas décadas, o Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da Sopcom (Portugal) e o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Brasil) – propositadamente homônimos – iniciaram movimentos de aproximação entre si que se materializam neste primeiro livro em coedição. Embora partindo de situações muito distintas [...], estes núcleos beneficiam da partilha de uma língua comum e de relações históricas entre os dois países que favorecem as redes de cooperação e concorrem para a formulação de questões de pesquisas comuns. [...] os capítulos que integram este livro analisam aspectos da história da rádio, enquanto meio de registro da memória coletiva, refletem sobre práticas da atividade radiofônica na dinamização da cultura, examinam a evolução da rádio para plataformas multimodais e a sua migração progressiva para a Internet e perspetivam horizontes de pesquisa. (OLIVEIRA; PRATA, p. 16-17).

O ano de 2015 foi fortalecedor da angulação do GP Rádio e Mídia Sonora para a produção coletiva. Ao mesmo tempo em que empreendia sua internacionalização, não descuidava de aprofundar os estudos sobre o rádio no Brasil, inclusive para além das investigações focadas apenas no meio. O campo acadêmico do radiofônico também passa a fazer parte do escopo de suas pesquisas colaborativas. Neste contexto, é produzido *Radialismo no Brasil – Cartografia do campo acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)*" (MARQUES DE MELO; PRATA, 2015). O livro marcou os 50 anos do início da trajetória de Maria José de Andrade Lima, a Zita, como pesquisadora do rádio. Com mais esta produção coletiva, portanto, acolhemos esta sua estreia como demarcadora da história do campo acadêmico do meio no Brasil. A proposição do estudo coletivo foi do professor José Marques de Melo e em se tratando de uma pesquisadora fundante do nosso campo, o GP não poderia deixar de aceitar este novo desafio, principalmente para preencher mais uma lacuna dos estudos radiofônicos.

O valor deste livro, portanto, está na recuperação dos textos, das ideias e da vivência de uma autora que, no seu tempo e além dele, trabalhou para reforçar a responsabilidade e a integridade do jornalista profissional do rádio aliadas

ao respeito pelo ouvinte, que merece receber informações contextualizadas para compreender e, assim, construir a sua própria opinião sobre os acontecimentos. Essa tem sido uma das tarefas dos pesquisadores de rádio que aqui se encontram mais uma vez neste exercício voltado para o desvendamento dos múltiplos contextos do meio no país – o que é uma forma carinhosa de homenagear a pesquisadora pioneira que há cinco décadas defendia uma causa que ainda é atual: o rádio deve chegar a todos os lugares, com produções que envolvam cada vez mais um número maior de pessoas – de ouvintes/de vozes. (MOREIRA, 2015, p. 13).

Já no ano seguinte, ao alcançar os seus 25 anos de história, com o livro *Estudos radiofônicos no Brasil – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom*, proposto e organizado pela então coordenação do GP, constituída por Valci Zuculoto, Marcelo Kischinhevsky e Debora Lopez (2016), o Grupo reflete cada vez mais a compreensão do seu papel frente ao meio e seus estudos, com ênfase na pesquisa coletiva. Mais do que reconstituir a história do GP, a ideia desse livro foi de retratar o estágio da pesquisa do meio brasileiro e isto, de uma forma que, também de modo determinado, contribuísse com o contexto do campo radiofônico no seu mais amplo sentido e escopo. Para isso, a produção coletiva foi projetada para dar conta de uma das preocupações constantes do GP, a de estar próximo e atento à realidade do mercado profissional, em todos os segmentos do rádio e mídias sonoras, não se fechando nos centros de pesquisas.

O momento que vive o rádio, submerso em mais uma de suas mutações, demanda uma reflexão preocupada e coletiva sobre o meio e seu papel. Mais que isso, ele faz parte de uma ecologia midiática mais ampla – e muito complexa. Nela são revisitados e revisados não só o rádio, mas a produção sonora de maneira mais ampla. A experiência sonora assume novas formas, ocupa novos espaços, atinge novas audiências, integra redes complexas de relações e de fruição. Este cenário, ainda pouco compreendido, exige do mercado e da academia uma releitura do que se conhece. Em meio a esta realidade, no Brasil, comemoramos os 25 anos do Grupo de Pesquisa (GP) Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). [...] Em 2016, olhamos para trás e vemos a evolução do campo no país, a consolidação de estudos desenvolvidos nas cinco regiões, abordando temas diversos, e muitas vezes vinculados a programas de pós-graduação – um dos indicativos desse amadurecimento. O livro [...] busca não só marcar a data, retomando a trajetória do Grupo, mas construir uma reflexão sobre o momento do rádio e da mídia sonora. Uma proposta como essa não se constrói com um só sujeito, mas com um esforço coletivo. São muitas vozes apresentadas aqui. Vozes que falam sobre o passado, assumem nova perspectiva acústica no presente e ecoam no futuro. São 39 autores que

protagonizam a obra e nela dialogam – entre si e com outras referências, compostas pelos sujeitos do áudio, sejam pesquisadores, produtores de conteúdo ou audiência. (ZUCULOTO; LOPEZ; KISCHINHEVSKY, 2016, p. 17).

Efemérides, como demonstram algumas das produções anteriores aqui descritas, também inspiraram outras pesquisas coletivas do Grupo, tendo como meta compreender o significado do evento histórico em foco para o rádio. O livro *80 anos das Rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro* foi um dos mais desafiadores nesta perspectiva. Até 2016, o GP registrava vários *papers* sobre a chamada era de ouro dessas emissoras. No entanto, havia carência de uma pesquisa que pudesse reconstituir a história das emissoras, mas de forma crítica e contextualizada, e revelar o papel que desempenham no presente dentro contexto do rádio público. Para a análise, tomou-se como guia a verificação do nível de proximidade dessas emissoras em relação aos princípios da Unesco (2001) que caracterizam uma emissora pública: universalidade, diversidade, independência e diferenciação. A questão tecnológica também foi outro aspecto abordado, considerando que emissora pública sem visibilidade do ambiente digital pode ser esquecida pela audiência. Fundamenta o argumento o fato de a internet impactar os rumos da radiodifusão pública ao possibilitar o engajamento de emissoras em um leque mais amplo de atividades de informação, algumas delas podendo estar fora das definições tradicionais de transmissão (incluindo a hospedagem de internet para conteúdos gerados pelos usuários).

A pesquisa coletiva resultou num livro consistente com um capítulo introdutório sobre o histórico da evolução dos conceitos de rádio nacional e educativa até a transformação em rádio pública no Brasil, seguido pelo debate a respeito da institucionalização da Rádio Nacional, reconfiguração de sua programação e a construção do sentido de permanência, legitimidade (audiência) e sustentabilidade. A segunda parte do livro foi dedicada à Rádio MEC e como a estação integrou o conceito de radiodifusão pública na sua gestão, programação e relacionamento com a audiência.

Uma das marcas da pesquisa coletiva no GP foi construir conhecimento

sobre fenômenos contemporâneos que têm forte impacto na área. Em sintonia com as transformações, o Grupo avaliou que o movimento iniciado pelos radiodifusores em 2010 com o objetivo de conseguir uma política pública que viabilizasse tecnicamente a migração do AM para o FM tinha particular importância e poderia significar um processo de mudança sem precedentes na história do rádio no país. E que seria muito importante avaliar esse impacto, considerando que a decadência da qualidade sonora do AM havia resultado na perda de audiência e de faturamento que ameaçava de fechamento centenas de rádios pelo país.

Decidiu-se por realizar uma pesquisa quali-quantitativa, com um questionário de 40 questões aplicado junto a radiodifusores com a interveniência dos pesquisadores, buscando a mensuração de intensidade e quantidade com propósito de obter uma amostra representativa. A pesquisa envolveu 100 membros do grupo de todas as regiões do país. A abordagem teórica compreendeu os estudos sobre processo de construção da política pública e a avaliação do impacto a partir da análise das emissoras no contexto da configuração midiática e sociopolítica de cada estado. O resultado foi publicado em livro, lançado durante o Congresso da Abert em Brasília em 2018, e apresentou à sociedade científica um trabalho de referência para entender o significado da migração para a sustentabilidade do meio no ambiente de convergência midiática.

### **3. A articulação e a produção coletiva dos pesquisadores do GP**

Os modos de pesquisar coletivamente do GP desde o início incluíram olhares e práticas inter, multi e transdisciplinares, inspirando, transbordando e até mesmo criando espaços e grupos de estudos radiofônicos e demais meios sonoros em outras entidades acadêmicas e científicas. Na Alcar, a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, que nasceu há exatos 20 anos como Rede Alfredo de Carvalho, para retomar o trabalho iniciado por este historiador pernambucano que organizou a primeira pesquisa integrada sobre a imprensa brasileira no início do século XX, a parceria privilegiada é com o Grupo

Temático (GT) História da Mídia Sonora. Os pesquisadores do GP também se organizam e pesquisam, entre outras entidades, no âmbito de grupos da ABEJ, a Associação Brasileira do Ensino de Jornalismo, institucionalizada em 2004 como Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, e mais recentemente, em 2019, fundaram a Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Foi igualmente no bojo do GP que foi criada a Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA), em 2017, e que entre tantos outros projetos coletivos, já produziu também um e-book.

Assim, ao completar 30 anos, o GP contabiliza a publicação de 25 livros que resultaram de pesquisas ou produções colaborativas. Afora os já citados anteriormente, neste contexto de articulação para além da Intercom, estão *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio* (BAUM, org., 2004), *Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial* (GOLIN; ABREU, org., 2006), *História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil* (KLÖCKNER; PRATA, org., 2009), *Mídia sonora em 4 dimensões* (KLÖCKNER; PRATA, org., 2011) e *Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção* (RADDATZ; KISCHINHEVSKY; LOPEZ; ZUCULOTO, org., 2020).

*Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio* revisita e analisa a cobertura radiofônica do conturbado período da história política brasileira que culminou com o suicídio do então presidente, quando o rádio era o principal meio de comunicação. Foi o primeiro da parceria com o GT História da Mídia Sonora da Alcar e o quinto produzido coletivamente a partir do GP Rádio da Intercom.

A pesquisa e a produção deste livro foram feitas em tempo recorde, de setembro de 2003 até julho de 2004. Buscou-se como diferencial ir além do inventário, da análise e da interpretação crítica apenas dos dados já registrados em outros livros. O esforço da equipe de professores foi o de produzir informações novas a partir também de entrevistas com testemunhas e do material sonoro encontrado. E ao investigar qual foi o *lugar de fala* do rádio na época este livro aponta para uma história pensada a partir de rupturas, e não como uma evolução contínua de acontecimentos, nomes e datas. (BAUM, 2004, p.16).

O livro é acompanhado por dois CDs que trazem “notícias, discursos e entrevistas com radialistas, jornalistas e ouvintes” que acompanharam ou, no caso dos profissionais, participaram da cobertura de rádio daquela época. Em seguida, apenas dois anos depois, já é publicada a segunda produção articulada entre os dois Grupos. *Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial*, organizado por Cida Golin e João Batista de Abreu (2006) para marcar a passagem dos 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, ocorrida em 2005. Para produzi-lo, pesquisadores que transitam em ambos os grupos mergulharam “no tempo para desvendar o papel desempenhado pelo rádio num conflito que envolveu mais de 72 países de cinco continentes e terminou com a morte de mais de 55 milhões de pessoas, a maioria civis” (ABREU, 2006, p. 13-14).

Na sequência vieram *História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil* e *Mídia sonora em 4 dimensões*, como publicações coletivas do GT História da Mídia Sonora da Alcar em coprodução com o GP Rádio da Intercom.

E para marcar o centenário do rádio no Brasil, celebrado em 2019 com os pesquisadores referendando o advento do meio no país com a Rádio Club de Pernambuco, uma nova parceria com o GT da Alcar resulta em mais uma publicação coletiva organizada pelas coordenações dos dois grupos de pesquisa: *Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção*.

A presente coletânea tem como missão fundamental avançar no estado da arte da pesquisa em história da mídia sonora no Brasil. Os estudos sobre rádio e mídia sonora ganharam densidade nas últimas décadas, com a crescente inserção de pesquisadores dedicados ao tema em programas de Pós-Graduação *stricto sensu* e a consolidação de espaços de reflexão acadêmica altamente qualificada, como o Grupo de Pesquisa (GP) Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), ativo desde 1991, e a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede Alfredo de Carvalho – Alcar), que conta com a participação de pesquisadores de rádio no Grupo Temático (GT) História da Mídia Sonora desde o primeiro encontro, em 2003. [...] Aqui, não temos pretensão de construir a História do rádio, com H maiúsculo, nem nos limitaremos a contar histórias, sem historicidade. Busca-se neste livro oferecer novas perspectivas das pesquisas de história da mídia sonora brasileira, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre a mídia regional, neste país tão grande e tão diverso.

(RADDATZ; KISCHINHEVSKY; LOPEZ; ZUCULOTO, 2020).

Já o e-book *Rádios universitárias: experiências e perspectivas*, primeira publicação da RUBRA e que conta com contribuições de pesquisadores do Grupo, é mais um registro desta conformação da prática dos integrantes do GP de produzir coletivamente também em parceria com outros espaços, grupos e entidades do campo, inclusive criando-os ou se inserindo neles. Trata-se de um projeto editorial gestado no bojo da RUBRA e desenvolvido na mesma linha da pesquisa coletiva do Grupo da Intercom. Não poderia ser diferente, pois a Rede de Rádios Universitárias foi criada a partir do GP.

Esse livro é o primeiro fruto dos encontros da RUBRA, que nasce a partir do I Fórum de Rádios e TVs Universitárias, realizado no âmbito do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, na Universidade Positivo, em Curitiba (PR). A rede, que caminha para a formalização, tem atuado como um espaço para intercâmbio de conteúdos e de informações sobre melhores práticas nas emissoras universitárias, buscando estabelecer um circuito alternativo à mídia de referência, de caráter colaborativo e solidário. (KISCHINHEVSKY, 2019, p. 14)

### **Considerações finais**

A realização de estudos com a participação de pesquisadores de todas as regiões que possam oferecer dados nacionais é essencial para compreender a diversidade da condição do rádio num país de dimensões continentais e desigual social e economicamente.

Nas experiências de pesquisas nacionais realizadas no âmbito do GP observamos entraves que dificultam estabelecer dinâmicas operacionais para a pesquisa. Entre eles, a resistência de dirigentes de emissoras em responderem a questionários ou a conceder entrevistas. Observam com desconfiança o trabalho dos pesquisadores, muitas vezes são confundidos com agentes infiltrados dos concorrentes, fiscais de órgãos de governo. Outros têm dúvidas sobre a forma como os dados serão tratados e se haverá danos ou impacto negativo para a imagem da emissora. Algumas das pesquisas foram realizadas em ano eleitoral quando se percebeu aumento no índice de desconfiança dos radiodifusores. Pelo menos 40% das rádios comerciais estão direta ou indiretamente vinculadas a políticos que tentam preservar o *status quo* a

qualquer preço, temendo perder a concessão do canal.

Outro entrave injustificável é o acesso aos dados públicos e a sua qualidade. O cadastro das emissoras ativas junto às bases de dados da Anatel e Ministério das Comunicações ainda apresentam inconsistência. Durante a pesquisa sobre a migração do AM para o FM, por exemplo, observamos o fechamento de algumas emissoras que sequer foram registrados em banco de dados. Outro impasse está relacionado à forma como as informações podem ser apropriadas, nem sempre em formatos amigáveis.

A precariedade do acervo histórico de boa parte das emissoras privadas e públicas dificulta a realização de pesquisas históricas. Falta às emissoras espaço físico para abrigar material, não há investimento em digitalização de áudio e nem preocupação em preservar documentos históricos.

As abordagens teóricas-metodológicas aplicadas aos projetos coletivos ainda carecem de maior aprofundamento, sendo um desafio a ser encarado nas próximas investigações. Há um forte investimento e concentração de esforços em torno da coleta de dados quanti-qualitativos, o que resulta, em parte, na oferta de estudos descritivos e contextuais. Embora sejam necessários, ainda é preciso investir na reflexão conceitual para se alcançar maior densidade de análise para gerar estudos de impacto.

E, por fim, a questão do investimento e domínio de ferramentas metodológicas digitais para coleta de dados que possam agilizar a pesquisa em campo, permitindo ter mais tempo e dedicação para a reflexão dos resultados a partir de um escopo teórico denso.

## Referências

ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (org.). **Rádios Universitárias: experiências e perspectivas**. 1 ed. João Pessoa (PB): Editora do CCTA, 2019. Disponível em <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/comunicacao/radios-universitarias-experiencias-e-perspectivas/livro-1ebook.pdf>

ABREU, João Batista de. Apresentação – Baú de lembranças hertzianas. In.: GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de (org.). **Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2006.

BAUM, Ana (org.). **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CUNHA, Mágda. Prefácio. MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**, v. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sonia V. A pesquisa sobre rádio no Brasil nos anos oitenta e noventa. In: LOPES, Maria Immacolata. **Vinte anos de ciência da comunicação no Brasil – avaliação e perspectivas**. São Paulo, Unisanta, 1999.

DEL BIANCO, Nélia R.; ZUCULOTO, Valci. Memória do GT Rádio: seis anos de pesquisa em defesa do rádio. **Anais [...] XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, São Paulo, 1997.

DEL BIANCO, Nélia (org.). **O rádio na era da convergência**. São Paulo: Intercom, 2012.

DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília, DF: UnB, 1999.

DEL BIANCO, Nélia; KLÖCKNER, Luciano; FERRARETTO, Luiz Artur (org.). **80 anos das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro**. Porto Alegre: PUCRS, 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (org.). **E o rádio?** Novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2010. Disponível em <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/eoradio.pdf>

GATTI, Bernardete. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia e qualidade. **Revista Brasileira de Educação**, n. 30, p. 124-132, 2005.

GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de (org.). **Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2006.

GUERRINI JÚNIOR, Irineu; VICENTE, Eduardo (org.). **Na trilha do disco: relatos sobre a indústria fonográfica no Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

HAUSSEN, Dóris Fagundes; CUNHA, Mágda (org.). **Rádio brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2003.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Construir conhecimento para democratizar a comunicação. In.: ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (org.). **Rádios universitárias: experiências e perspectivas**. 1 ed. João Pessoa (PB): Editora do CCTA, 2019. Disponível em <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/comunicacao/radios-universitarias-experiencias-e-perspectivas/livro-1ebook.pdf>

KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (org.). **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2009. Disponível em [pucrs.br/edipucrs/midiasonora.pdf](http://pucrs.br/edipucrs/midiasonora.pdf)

KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (org.). **Mídia sonora em 4 dimensões**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2011. Disponível em [ebooks.pucrs.br/edipucrs/midiasonorall.pdf](http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/midiasonorall.pdf)

MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair (org.). **Radialismo no Brasil – Cartografia do Campo Acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)**. Florianópolis: Insular, 2015.

MARTINS, Moisés de Lemos. Uma nova frente de pesquisa luso-brasileira – A Rádio e

os meios sonoros na construção da comunidade lusófona de Ciências da Comunicação. In.: OLIVEIRA, Madalena; PRATA, Nair (org.). **Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários**. Braga, Portugal: CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2015. Disponível em: [lasics.uminho.pt](http://lasics.uminho.pt) ou [repositorium.sdum.uminho.pt](http://repositorium.sdum.uminho.pt)

MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e Pânico – A Guerra dos Mundos, 60 anos depois**. Florianópolis: Insular, 1998.

MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005, v. 1.

MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2008. v. 2.

MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e Pânico 2 – A Guerra dos Mundos, 75 anos depois**. Florianópolis: Insular, 2013.

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia R. (org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **70 anos de Radiojornalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EduERJ, 2011.

MOREIRA, Sonia Virginia. Prefácio – Sobre a arte de fazer, ensinar e pensar o jornalismo de rádio. In.: MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair (org.). **Radialismo no Brasil – Cartografia do Campo Acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)**. Florianópolis: Insular, 2015.

OLIVEIRA, Madalena; PRATA, Nair (org.). **Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários**. Braga, Portugal: CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2015. Disponível em: [lasics.uminho.pt](http://lasics.uminho.pt) ou [repositorium.sdum.uminho.pt](http://repositorium.sdum.uminho.pt)

ODELIUS, Catarina Cecília; ONO, Rafael Nishino. Características da colaboração científica entre grupos de pesquisa de áreas de exatas, vida e humanas. **Cad. EBAPE.BR** 17 (1), Mar 2019. <https://doi.org/10.1590/1679-395164739>

PRATA, Nair (org.). **Panorama do rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2011.

PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia (org.). **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012.

PRATA, Nair. Apresentação. Maioridade editorial, 18 livros depois. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e Pânico 2 – A Guerra dos Mundos, 75 anos depois**. Florianópolis: Insular, 2013.

PRATA, Nair, DEL BIANCO, Nélia R. (org.). **Migração do rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. 394 p. Florianópolis: Insular, 2018.

RADDATZ, Vera; KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer (org.). **Rádio no Brasil [recurso eletrônico]: 100 anos de história em (re)construção**. 1 ed. Ijuí (RS): Editora Unijuí, 2020. Disponível em <https://www.editoraunijui.com.br/produto/2257>

RANGEL, Patrícia; GUERRA, Márcio (org.). **O rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

RANGEL, Patrícia; GUERRA, Márcio. **O rádio e as Copas do Mundo**. In.: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, CE, 2012. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2012

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar** – a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A história do campo acadêmico e os 25 anos de estudos radiofônicos no Brasil. In.: ZUCULOTO, V.; LOPEZ, D.; KISCHINHEVSKY, M. (org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil** - 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São Paulo: INTERCOM, 2016. E-book Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol. 22. Disponível em <http://200.144.189.84/ebooks/detalheEbook.php?id=57156>

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil** – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São Paulo: INTERCOM, 2016. E-book Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol. 22. Disponível em <http://200.144.189.84/ebooks/detalheEbook.php?id=57156>

## **Memória e perfil das contribuições do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom para os estudos sobre o Serviço Público de Radiodifusão Sonora do Brasil**

*Memory and profile of the contributions of the Intercom Radio and Sound Media Research Group to studies on the Public Service of Sound Broadcasting in Brazil*

*Memoria y perfil de las contribuciones del Grupo de Investigación en Radio y Medios Sonoros de la Intercom para los estudios sobre el Servicio Público de Radiodifusión Sonora en Brasil*

---

*Elton Bruno Barbosa*

### **Resumo**

No Brasil, o Serviço de Radiodifusão Pública – instituído na Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei nº 11.652 de 2008 – enfrenta, historicamente, desafios multidimensionais de natureza conceitual, social, cultural, política, normativa e tecnológica, fortemente relacionados às condições de origem de suas emissoras, marcadas, principalmente, pelas relações contíguas com governos vigentes em diferentes épocas e por variados níveis de injunções do sistema estatal e comercial de radiodifusão em suas trajetórias. Metodologicamente subsidiado pela abordagem cartográfica, realizada em anais da Intercom, e em diálogo com os aportes da análise descritiva, este artigo traça um perfil da relevante contribuição do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora para os estudos sobre o serviço público de radiodifusão sonora do Brasil. O estudo permite a compreensão sobre os tipos, temas, autores(as), principais referências e desafios a respeito da produção do Grupo sobre o tema das rádios públicas.

**Palavras-chave:** Rádios públicas; serviço de radiodifusão pública; Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora; Intercom; memória.

---

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 31/07/2021 aceito em: 24/09/2021.

>> **Como citar este texto:**

PINHEIRO, Elton Bruno. Memória e perfil das contribuições do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom para os estudos sobre o Serviço Público de Radiodifusão Sonora do Brasil. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 110 - 134, mai./ago. 2021.

### **Sobre o autor**

**Elton Bruno Barbosa**

[eltonbrunopinheiro@gmail.com](mailto:eltonbrunopinheiro@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-1465-1288>

Professor adjunto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Comunicação e Sociedade – PPGCom/UnB. Membro dos Grupos de Pesquisa Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina – UnB/CNPq, Laboratório de Políticas de Comunicação – LaPCOM/UnB/CNPq; e Acesso Livre – UnB/CNPq. Líder do Núcleo de Estudos, Produção e Inovação em Linguagem Sonora – NEPLIS, vinculado ao Laboratório de Áudio da FAC/UnB.

### **Abstract**

In Brazil, the Public Broadcasting Service, established in the Federal Constitution of 1988 and regulated by Law n° 11,652/2008, historically faces multidimensional challenges of a conceptual, social, cultural, political, normative and technological nature. All of them, strongly related to the conditions of origin of their stations, marked mainly by the contiguous relations with the governments at different times and by the varied levels of interdiction of state and commercial broadcasting system in their trajectories. Methodologically, this article is supported by a cartographic approach, in the annals of Intercom and in dialogue with the contributions of the descriptive analysis. The relevant contribution of the Research Group Radio and Sound Media for studies on the public service of sound broadcasting in Brazil stands out. The study allows the identification and understanding of the types, themes, authors, main references and challenges of the Group's production on the subject of public radio.

**Keywords:** Public radios; public broadcasting service; Research Group Radio and Sound Media; Intercom; memory.

### **Resumen**

En Brasil, el Servicio Público de Radiodifusión, establecido en la Constitución Federal de 1988 y regulado por la Ley n° 11.652 de 2008, enfrenta históricamente, desafíos multidimensionales de carácter conceptual, social, cultural, político, normativo y tecnológico. Todos ellos, fuertemente relacionados con las condiciones de origen de sus emisoras, marcados principalmente, por las relaciones contiguas con los gobiernos vigentes en distintas épocas y por los variados niveles de interdicción del sistema estatal y comercial de radiodifusión en sus trayectorias. Metodológicamente, este artículo es subsidiado por un abordaje cartográfico, realizado a partir de las actas de Intercom, y en diálogo con los aportes del análisis descriptivo. Se destaca, principalmente, la contribución relevante del Grupo de Investigación Radio y Medios Sonoros para los estudios sobre el servicio público de radiodifusión sonora en el Brasil. El estudio permite la identificación y comprensión de los tipos, temáticas, autores y autoras, principales referentes y desafíos de la producción del Grupo sobre el tema de las radios públicas.

**Palabras clave:** Radios públicas; servicio de radiodifusión pública; Grupo de Investigación Radio y Medios Sonoros; Intercom; memoria.

### **Rádios públicas, pesquisa e memória**

Há três décadas, o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) tem contribuído significativamente para a produção e circulação do conhecimento sobre o meio radiofônico, que com sua tecnologia, linguagem e função social segue, há mais de um século<sup>31</sup>, se reinventando e atuando de maneira vibrante junto a uma camada expressiva da população brasileira.

Entre as principais características dos movimentos de pesquisa empreendidos pelo referido Grupo estão, de fato, a dimensão coletiva dos seus estudos – marcada pela metodologia de investigações em rede – e a dimensão da inovação, no sentido de que o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora tem sempre buscado, por meio de abordagens de objetos múltiplos, refletir analiticamente e propor caminhos para o rádio diante do contexto dos principais fenômenos comunicacionais, sociais e culturais da contemporaneidade, que contribuem e/ou tensionam o fazer radiofônico.

Outro aspecto marcante da atuação do Grupo é a reflexão que este já empreendeu sobre as suas próprias produções, por meio de publicações que as revisitam e, assim, as ressignificam. Este último aspecto aqui assinalado revela, portanto, a importância da memória para esse coletivo de pesquisadores e pesquisadoras, que são das cinco regiões do Brasil. As dimensões da valorização da memória e do trabalho em rede podem ser atestadas, para além dos anais dos Congressos Brasileiros de Ciências da Comunicação promovidos pela Intercom, que constituem o *corpus* desse trabalho, pelas 25 publicações coletivas que marcam a atuação do GP Rádio e Mídia Sonora nestes 30 anos.

---

<sup>31</sup> O presente estudo entende o dia 6 de abril de 1919 como a data inicial da radiodifusão no Brasil, em diálogo com as reflexões realizadas pelos(as) pesquisadores(a) do rádio brasileiro, reunidos no XII Encontro Nacional da História da Mídia, em Natal/RN, autores(as) da “Carta de Natal”, disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/carta-de-natal>.

A memória, sobretudo aquela entendida como “memória coletiva” (HALBWACHS, 2006), ou seja, forjada no contexto da chamada “trama social” na qual homens e mulheres convivem e atuam, no sentido que a abordamos aqui, é instrumento e prática social que permite a ressignificação das aprendizagens e conhecimentos compartilhados no âmbito do Grupo, assim como a oportunidade de registro para o acesso e uso de outras gerações de pesquisadores(as) interessados(as) pelo tema da radiodifusão pública. Sobre a importância da “memória coletiva” e do compartilhamento de conhecimento, Cyntia Cardoso (2015), num olhar analítico-retrospectivo, permite-nos refletir como esta é uma prática vital e fomentadora de novos movimentos de formação:

Compartilhar experiências, sobretudo nas primeiras civilizações, configurou-se na sobrevivência da própria espécie humana, que logo entendeu quão efêmero é o saber quando restrito a um indivíduo ou a um pequeno grupo. Quando não compartilhado, o conhecimento facilmente se oblitera, impossibilitando a formação de novas deduções advindas de ideias originárias. (CARDOSO, 2015, p.12)

Trabalhos acadêmicos que, ao mapear, registrar e buscar compreender e elucidar o perfil daquilo que já foi produzido sobre determinado tema e/ou por um coletivo específico, em nossa compreensão, dialogam também com aquilo que ponderou Joël Candau (2005) a respeito do histórico da valorização e da ressignificação da memória. Isto é, tratamos aqui, especificamente, de um movimento de conscientização que se apresenta de modo muito forte na atuação/produção do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, no sentido de buscar permitir que diferentes gerações possam vir a ter contato com suas produções/contribuições.

[...] são provavelmente as expressões originais de uma preocupação propriamente humana: inscrever, assinar, parafrasear, resumir, “fazer memória”, quer se trate de uma memória explícita [...] ou de uma memória mais complexa mas também de concentração semântica mais forte, aquelas das formas, das abstrações, dos símbolos [...]. (CANDAU, 2005, p. 68).

Destarte, o registro memorial e reflexivo-analítico que fazemos no presente estudo tem como foco central a produção do Grupo voltada ao objeto específico *Serviço de Radiodifusão Pública* de natureza sonora, isto é, às emissoras públicas de rádio – “complementares” àquelas que, apesar do caráter

público de suas concessões/outorgas, têm fins “comerciais” ou meramente “estatais” (cf. BRASIL, 1988; BRASIL, 2008).

Pela importância das rádios públicas que, na prática, têm sido ameaçadas por ações antidemocráticas que caracterizam a atuação dos chefes do poder executivo federal brasileiro desde meados de 2016, e considerando o protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora na abordagem dessa temática, a partir de estudos com abordagens e recortes múltiplos, este trabalho se articula também a partir do eixo da memória, na perspectiva de que o mesmo se configure, como nas palavras de Candau (2005) como uma espécie de “fazer memória” sem, contudo, perder de vista o desafiador percurso – presente e futuro – que se apresenta ao tema das emissoras públicas.

Para Marilena Chauí (2000, p. 158), a memória é “a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”, é “[...] uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança” (CHAUÍ, 2000, p. 128). Evocar essa conceituação nos parece pertinente não apenas por justificar a importância de estudos como este, que visa sistematizar o histórico de produção do GP Rádio e Mídia e Sonora sobre um tema específico, mas também porque nos permite enfatizar que para uma compreensão mais aprofundada do que é o próprio Serviço de Radiodifusão Pública no Brasil e dos tensionamentos que o mesmo enfrenta na contemporaneidade é extremamente necessário compreender as suas “condições de origem”<sup>32</sup>.

Sobre isto, é preciso pontuar o quanto a radiodifusão pública brasileira, historicamente, enfrenta o desafio da legitimidade e da sustentabilidade sociais e isso se dar por diversos fatores, os quais, apesar de não serem objetos de análise específica do presente artigo, merecem ser, ainda que sinteticamente,

---

<sup>32</sup> Uma análise mais detalhada sobre as condições de origem do Serviço de Radiodifusão Sonora Pública no Brasil, tensionada, por exemplo, pela esfera estatal, injunções político-partidárias, pressões do sistema comercial, pela cultura organizacional do Serviço Público no Brasil e, sobretudo, pela ação social relacionada a interesses particulares de diferentes atores políticos ao longo do processo de conformação do Serviço pode ser consultada em Pinheiro, 2019.

pontuados. A partir de Pinheiro (2019), podemos destacar que estas emissoras surgiram e têm suas atuações marcadas por um processo de conformação no qual os interesses particulares de diferentes atores políticos predomina(ra)m em detrimento do interesse público. Para contextualizar isto a partir de um exemplo mais contemporâneo, desde 2016, com as respectivas gestões de Michel Temer e Jair Bolsonaro no poder executivo federal, ataques sistemáticos foram direcionados à Radiodifusão Pública (sonora e de sons e imagens), especialmente à EBC: a destituição do Conselho Curador da Empresa (espaço fundamental de participação da sociedade na gestão), as trocas constantes e ilegais na direção-geral da empresa, aparelhamento e episódios de censura na veiculação de conteúdo, enviesamento explicitamente partidário de coberturas sobre temas jornalísticos de ampla importância, como a pandemia da Covid-19, além de articulações para a extinção ou privatização da EBC.

Destarte, a produção do Grupo sobre o tema das rádios públicas no Brasil “des(en)cobre” (SILVA, 2010) relevantes aspectos do passado e do presente do Serviço, os quais, em considerável medida, tensionam a atuação futura das rádios públicas no Brasil. Nesse sentido, como evidenciaremos mais adiante nesse trabalho, o conjunto de estudos sobre o tema das rádios públicas apresentado nos congressos anuais da Intercom configura-se como um “lugar de memória” (ASSMANN, 2011) cujo acesso e imersão podem permitir a ampliação do referencial teórico a respeito da radiodifusão sonora pública no Brasil, assim como um fundamentado exercício de continuidade de pesquisas na área, uma vez que consideramos que estas, pela própria natureza do referido tema, nos incitam a, como sugere Jesús Martín-Barbero (2008, p. 249) ao abordar o tema comunicação e história: “achar pontos-chaves do passado para identificar e decifrar as encruzilhadas do presente”.

Ao voltar-se à produção do GP Rádio e Mídia Sonora a respeito do tema das rádios públicas, o fazemos também, em considerável medida, à luz do pensamento de Cardoso (2015, p. 14), para quem “a memória se configura em uma construção desenvolvida com o passar do tempo, permitindo que os

sujeitos que compõem o grupo vejam nela o entendimento e a visão que têm sobre si mesmos e possibilite o avanço de novas descobertas [...]."

Entendemos que um Grupo de Pesquisa se caracteriza por uma dupla estrutura de fins: a participação na produção colaborativa de conhecimentos científicos em área(s) de interesse comum; e a formação continuada a partir do compartilhamento de experiências entre integrantes. O presente estudo se justifica, portanto, pela reflexão de como o tema da radiodifusão pública vem sendo compreendido e trabalhado por pesquisadores(as) do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. A relevância deste está, além da ressignificação de um aspecto da memória do Grupo que celebra seus 30 anos em 2021, na contribuição ao tema da Radiodifusão Pública num momento em que ela está sob fortes ameaças<sup>33</sup> e precisa, portanto, ser ainda mais pesquisada, debatida e aprimorada no Brasil.

### **Reflexão sobre o método**

O universo da pesquisa é representado pelos artigos que abordam o tema do Serviço de Radiodifusão Sonora Pública, apresentados do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom no período de 1991 a 2020, tendo sido o Portal Intercom a fonte de consulta. A coleta foi realizada durante os 15 primeiros dias do mês de junho de 2021. No processo de mapeamento, foram utilizados como indicadores os termos (com as devidas variações de gênero e número): radiodifusão pública; serviço de radiodifusão pública; rádio público; rádios públicas; emissoras públicas, comunicação pública – nos títulos, resumos e palavras-chave de cada artigo.

Importante ressaltar que a própria designação Serviço de Radiodifusão Pública, embora presente na Constituição Federal de 1988, só passou a ser mais

---

<sup>33</sup> Entre as referidas ameaças, destaca-se aqui as já mencionadas articulações para extinção ou privatização da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), iniciadas na gestão de Michel Temer (2016) e reiteradas pelo governo Bolsonaro desde a sua campanha eleitoral. Paulino, Pinheiro e Nicoletti (2021) abordam estas e outras diferentes ameaças à Comunicação Pública brasileira no artigo “Comunicação e Democracia no Brasil: pandemia, violência contra jornalistas, EBC em perigo e resistências”, publicado nos “Cadernos de conjuntura das comunicações LaPCom – Ulepcc-Brasil 2021: pandemia, liberdade de expressão e polêmicas regulatórias na comunicação eletrônica”, disponível em: <https://sites.google.com/ccom.unb.br/home/publications>.

disseminada no Brasil a partir de 2008, quando foi promulgada a Lei nº 11.652, que institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração indireta e autorizou o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação (EBC); alterando a Lei nº 5.070, de 7 de julho de 1966; e dando outras providências.

Esse momento histórico da regulamentação do Serviço de Radiodifusão Pública brasileiro coincide com o ano das primeiras publicações mapeadas pela presente pesquisa que abordam diretamente o referido Serviço nos termos previstos nos dispositivos da referida Lei nº 11.652, conhecida como Lei da EBC e na já mencionada Constituição Federal de 1988, que em seu Artigo nº 223 assinala: "Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o *serviço de radiodifusão sonora* e de sons e imagens, observado o princípio da *complementaridade dos sistemas privado, público e estatal*" (grifos nossos – BRASIL, 1988).

Após o mapeamento da produção do GP Rádio e Mídia Sonora sobre o tema específico da Radiodifusão Pública nas últimas três décadas, foram registrados e passaram a integrar o *corpus* desse trabalho 22 (vinte e dois) artigos científicos, conforme sistematizado no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1 – Artigos do GP Rádio e Mídia Sonora que integram o *corpus* da pesquisa**

Título	Autoria	Ano	Evento	Palavras-chave
As grandes fases do Rádio Público Brasileiro: em busca de uma periodização para pesquisas históricas deste segmento da radiofonia nacional	Valci Regina Mousquer Zuculoto	2008	Intercom Natal/RN	Rádio Público. História do Rádio. Sistema Educativo de Rádio. Periodização. Programação.

A programação do Rádio brasileiro do campo público: um resgate da segunda fase histórica, dos anos 40 ao início dos 70	Valci Regina Mousquer Zuculoto	2009	Intercom Curitiba/PR	História do Rádio Brasileiro. Programação Radiofônica. Rádio Público. Rádio Estatal. Rádio Educativo.
A época de ouro do rádio educativo: a consolidação da instrução pelas ondas radiofônicas estatais e públicas	Valci Regina Mousquer Zuculoto	2010	Intercom Caxias do Sul/RS	História do Rádio no Brasil. Programação Radiofônica. Rádio Público. Rádio Educativo. Rádio Estatal.
Estratégias de Programação da Rádio Câmara	Sílvia Mugnatto Macedo Cristiane Brum Bernardes	2010	Intercom Caxias do Sul/RS	Comunicação Pública. Rádios Públicas. Rádios Legislativas. Rádio Câmara.
A história do Rádio Público no Brasil: um resgate pela linha do tempo	Valci Regina Mousquer Zuculoto	2011	Intercom Recife/PE	Rádio Público. Rádio Estatal. Rádio Educativo. Programação radiofônica. História do Rádio no Brasil
O Conceito de Radiodifusão Pública na visão de pesquisadores brasileiros	Nelia Del Bianco Camila Curado	2014	Intercom Foz do Iguaçu/PR	Radiodifusão Pública. Legislação. Histórico. Definição. Comunicação.
Lei de Meios como estratégia de fortalecimento da radiodifusão pública: o caso da Argentina, Equador e Uruguai	Nelia Del Bianco Carlos Eduardo Esch Sonia Virgínia Moreira	2014	Intercom Foz do Iguaçu/PR	Radiodifusão Pública. Políticas de Comunicação. Lei de Meios.
As rádios públicas brasileiras e o Golpe de 64: principais estações e seus contextos históricos no período de instauração da ditadura	Valci Regina Mousquer Zuculoto Guilherme Gonçalves Longo	2014	Intercom Foz do Iguaçu/RS	História do Rádio. Rádio Público. Ditadura Militar. Golpe de 64.
Pensar a Comunicação Pública Latino-Americana no Contexto da "Cultura da Conexão": Possibilidades e Desafios	Elton Bruno Pinheiro	2015	Intercom Rio de Janeiro/RJ	Comunicação Pública. Cultura da Conexão. Propagabilidade. Participação. América Latina.

Performance das Rádios Públicas da Empresa Brasil de Comunicação no Cenário da Convergência Digital e da Conexão em Rede	Elton Bruno Pinheiro	2016	Intercom São Paulo/SP	Rádios Públicas. Empresa Brasil de Comunicação. Convergência Digital. Conexão em Rede.
As rádios públicas do Rio de Janeiro e as novas tecnologias do século 21: o que mudou na interação com os ouvintes e na produção de conteúdos?	Izani Pibernat Mustafá	2016	Intercom São Paulo/SP	Rádio Pública. Rádio na web. <i>Internet. Facebook. WhatsApp.</i>
Tensionamentos sobre as condições de origem e perspectivas do Serviço de Radiodifusão Pública no Brasil	Elton Bruno Pinheiro	2016	Intercom Goiânia/GO	Radiodifusão no Brasil. Serviço Público de Radiodifusão. Emissoras Públicas
Educativa, Estatal ou Pública: a tentativa de reconstrução de uma nova marca para a comunicação não comercial brasileira – um estudo de caso da Empresa Brasil de Comunicação	Thiago Pereira Regotto de Oliveira	2016	Intercom São Paulo/SP	Comunicação Pública. Rádio MEC. Rádio Nacional. TV Brasil. Empresa Brasil de Comunicação
A abordagem da velhice em rádios públicas de Portugal e Brasil e os usos do rádio pelos idosos em Braga/Portugal e no Distrito Federal/Brasil	Ellis Regina Araújo da Silva	2017	Intercom Curitiba/PR	Rádios Públicas. Idosos. Antena 1. Rádioagência Nacional.
A Programação da FM Cultura no contexto da segmentação do rádio de Porto Alegre	Douglas Elias Carvalho	2017	Intercom Curitiba/PR	Segmentação. Rádio Público. Comunicação Pública. Rádio em Porto Alegre. FM Cultura.
Em Brasília, 24 horas: cartografia da radiodifusão pública de FM em Natal/RN	Ciro Jose Peixoto Pedroza	2017	Intercom Curitiba/PR	Radiodifusão pública. Redes via satélite. Rádio Senado. Rádio Marinha. Natal/RN.

Rádio MEC-AM: uma emissora em defesa da cidadania?	Ana Baumworcel	2017	Intercom Curitiba/PR	Rádio MEC-AM. Rádio pública. Programação. Cidadania.
Registros históricos dos tempos recentes da Rádio Nacional do Rio de Janeiro – De Emissora Comercial Nacional a Rádio Pública Local?	Valci Regina Mousquer Zuculoto	2017	Intercom Curitiba/PR	Rádio Nacional. Rádio Público. Rádio Estatal. Programação Radiofônica. EBC.
Os desafios do Serviço de Radiodifusão Pública do Brasil na era post-broadcasting	Elton Bruno Pinheiro	2017	Intercom Curitiba/PR	Serviço de Radiodifusão Pública; Radiodifusão Sonora; Rádios Públicas; Post-broadcasting; EBC
Rádios Universitárias: proposta de indicadores-chave com base nos marcos conceituais de emissoras públicas	Paulo Fernando de Carvalho Lopes Roberto de Araújo Sousa	2019	Intercom Belém/PA	Rádio. Rádios Universitárias. Radiodifusão pública. Universidades Federais.
O Serviço de Radiodifusão Pública Brasileiro sob o ponto de vista histórico social-compreensivo	Elton Bruno Pinheiro	2019	Intercom Belém/PA	Serviço de Radiodifusão Pública. Sociologia Compreensiva. Políticas e Estratégias de Comunicação.
Mecanismos de Participação Social na Rádio Pública Estatal no Sudeste	Ivana Sonegheti de Mingo Edgard Rebouças	2020	Intercom Salvador/BA	Rádio pública. Participação Social. Independência. Economia Política da Comunicação. Políticas Públicas de Comunicação.

**Fonte:** Elaboração própria (com informações do Portal Intercom)

Importante ressaltar que um número considerável de trabalhos produzidos por pesquisadores(as) do GP Rádio e Mídia Sonora, sobretudo de 1991 a 2007, estão voltados ao que compreendemos como “o amplo campo da comunicação pública”, a exemplo das questões específicas sobre as rádios universitárias e as FMs educativas. Estes, por sua vez, não integram o *corpus*

aqui delimitado porque tanto em relação aos eixos de articulação teórica que cotejam quanto ao marco regulatório no qual se baseiam enfocam em abordagens diferentes daquela que interessa ao nosso recorte específico, isto é, relacionadas ao que rege a Lei nº 11.652, de 2008.

Ademais, a partir dos dados do quadro 01 já se percebe que é muito expressivo o número de produções entre 2016 e 2017, anos que marcam o início de ataques partidários mais fortes e sistemáticos ao Serviço Público de Radiodifusão do país, após o golpe político-jurídico-midiático que culminou com o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff.

### **Discussão**

Analisando as modalidades de pesquisa sobre o tema do Serviço de Radiodifusão Sonora Pública apresentadas no GP Rádio e Mídia Sonora, verificou-se, como mostra o Quadro 2 (a seguir), que a maioria das produções, o que representa 55% dos artigos mapeados, se dedica a investigações teóricas. Entre estas, a predominância é de estudos que priorizam a interface da Radiodifusão com a História, de modo a periodizar a sua trajetória no país, destacando suas condições de origem no Serviço de Radiodifusão Educativa e nas injunções do sistema estatal. Todavia, há também uma parcela de trabalhos voltados a duas outras questões igualmente relevantes: o debate conceitual, em si, acerca do que vem a ser o Serviço de Radiodifusão Pública e, nesse sentido, a questão normativa-legal peculiar do contexto brasileiro – e latino-americano – é um outro aspecto predominante na produção analisada sendo que, nesse caso, cabe destacar uma considerável recorrência aos estudos da Unesco (2001), notadamente para assinalar a questão do mandato, missão e princípios indicados à programação destas emissoras (universalidade, diversidade, diferenciação e independência), como um dos principais eixos de articulação teórica.

Um ponto a ser destacado é que parte expressiva dos trabalhos de natureza teórica analisados desenvolvem exatamente o argumento da existência de um amplo campo público da radiodifusão, no qual estariam (sic) inseridas emissoras educativas, universitárias, culturais e estatais; e há outro

considerável número de textos que assinalam de maneira mais direta a necessidade de uma espécie de delimitação para a compreensão de Radiodifusão Pública a partir do que regulamentam os dispositivos legais da Lei nº 11.652 de 2008, a qual estabelece os objetivos e princípios do Serviço de Radiodifusão Pública como complementar aos Serviços Privado e Estatal, assim como rege a Constituição Federal brasileira em seu Artigo nº 223.

**Quadro 02 - Modalidades de pesquisa sobre o Serviço Público de Radiodifusão Sonora apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom**

Período	Modalidade de Pesquisa			Quantidade de artigos
	Teórica	Empírica	Aplicada	
2008 - 2020	55%	36%	9%	22

Fonte: Elaboração própria

As pesquisas de natureza empírica, que segundo Sampieri (2010) têm como base dados da “realidade” que apoiam ou evidenciam uma ou várias afirmações, somam 38% do *corpus* analisado. Uma quantidade também relativamente expressiva e que revela uma outra vocação da produção do conhecimento sobre o Serviço de Radiodifusão Pública realizada e/ou debatida no âmbito do GP Rádio e Mídia Sonora, no sentido de que seus(as) pesquisadores(as) cotejam teoria e prática, notadamente na defesa das emissoras públicas e cômicos dos desafios que esta esfera da radiodifusão enfrenta no contexto brasileiro em relação às várias dimensões que envolvem o referido serviço, quais sejam: programação, gestão, participação social, financiamento, legislação, políticas públicas e inovação tecnológica, assim como as questões de legitimidade e sustentabilidade sociais.

No conjunto dessas produções do Grupo mapeadas pela presente pesquisa, é preciso se fazer novo destaque para a significativa parcela de trabalhos que voltam suas análises empíricas ao campo mais amplo da radiodifusão pública, no sentido de se dedicarem também à reflexão das práticas das emissoras universitárias e FMs educativas; assim como cabe ressaltar um conjunto de produções voltadas a analisar a atuação das rádios

públicas – de âmbito federal e regional – no ambiente mediático sociodigital contemporâneo.

Já em relação às pesquisas de natureza aplicada, as quais, segundo Fleury e Werlang (2016-2017) se voltam a “problemas presentes nas atividades das instituições organizações, grupos ou atores sociais”, estando sobretudo dedicadas à “elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções” e que, segundo Thiollent (2009, p.36), objetivam responder demandas apresentadas por “cliente, atores sociais ou instituições”, percebe-se um número ainda tímido no contexto das produções do *corpus*: apenas 9%, o que pode ser explicado, por exemplo, pelos tensionamentos político-partidários aos quais estas emissoras estão, historicamente, submetidas, ampliados desde o segundo semestre de 2016, na esfera federal e também local. Isto impacta processos mais continuados de coleta de dados e acompanhamento mais próximo das rotinas das rádios públicas. Trata-se de desafio a ser encarado não só por pesquisadores(as), mas por toda a sociedade, levando-se em conta a importância dessas emissoras para o exercício da cidadania e para a defesa da democracia. Esse tipo de pesquisa, como argumentam Fleury e Werlang (2016-2017) precisa se expandir, sobretudo por sua capacidade de “gerar impacto”, seja este social, cultural ou político para o Serviço de Radiodifusão Sonora Público do Brasil.

Em relação às temáticas, como pode ser observado no Quadro 03, a seguir, a questão da *programação* é predominante, com 50% dos estudos do *corpus*. Nesta camada específica de trabalhos, é possível encontrar tanto análise sobre programação a partir de um viés histórico quanto reflexões analíticas/empíricas a respeito das características da programação mais atual de emissoras de rádio diversas. Apesar de ser um aspecto extremamente importante e que se configura com um dos mais marcantes desse segmento de emissoras, é preciso pontuar que a questão da programação não é o único aspecto pelo qual as emissoras públicas devem se diferenciar, sendo as questões relacionadas à gestão e financiamento imprescindíveis à própria problematização da característica da programação

dessas emissoras. Todavia, quando mencionam os aspectos históricos das emissoras estudadas, esses outros tópicos para os quais chamamos atenção acabam por surgir como transversais.

**Quadro 03 – Principais temáticas abordadas sobre o Serviço Público de Radiodifusão Sonora em artigos apresentados no GP**

Tema	Programação	Relação com tecnologias contemporâneas	Conceito	Legislação / políticas públicas
Quantidade	50%	23%	18%	9%

Fonte: Elaboração própria

A questão da *relação das emissoras públicas de rádio com as tecnologias contemporâneas* aparece como central em 23% das produções analisadas, sendo que estas destacam, sobretudo, a necessidade de o Serviço de Radiodifusão Sonora Pública inserir-se e integrar-se aos diferentes ambientes mediáticos sociodigitais, como *sites*, aplicativos, redes de comunicação *online* (como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*) e nas plataformas de *streaming* de áudio. Esses estudos argumentam, sobretudo, que esse processo pode significar possibilidades de as rádios públicas agregarem ainda mais valor e significado às suas produções e atuação na atual ecologia mediática.

Há produções que tensionam o papel das políticas públicas nesse contexto da integração das emissoras públicas de rádio no ambiente digital, convergente e articulado em rede. Contudo, de maneira mais específica e central, o tema da *legislação e das políticas públicas* voltadas para o Serviço de Radiodifusão Pública representa 9% da produção analisada. Ressaltar o referido percentual é importante porque a análise dele revelou investigações realizadas em âmbito nacional, as quais, em considerável medida, também cotejam contextos internacionais, sejam eles latino-americanos, norte-americanos ou europeu.

A questão *conceitual*, que na visão de diferentes pesquisadores(as) do Grupo ainda representa um desafio, tendo em vista a recente regulamentação do Serviço de Radiodifusão Pública no Brasil e uma certa imprecisão na questão da complementaridade entre os serviços disposta da Constituição Federal, aparece de

maneira significativa, sendo abordada em 18% das produções. Discute-se, sobretudo, o desafio de superação de um “passivo simbólico” (BIANCO; ESCH; MOREIRA, 2013) junto à população brasileira, no sentido de que ela ainda não reconhece o Serviço de Radiodifusão Pública como um direito e, mais do que isso, como meio de promoção da cidadania e de fortalecimento da democracia.

Quando observadas as palavras-chave dos resumos dos artigos mapeados, estas somaram um total de 61 expressões diferentes. Selecionamos e sistematizamos, no Quadro 04, a seguir, as dez palavras-chave mais utilizadas pelas autoras e autores. “Rádio Pública” é a palavra-chave mais citada e a ocorrência do termo “serviço de radiodifusão pública”, em si, ainda é muito tímida, sendo superada pela ocorrência do termo “rádio estatal” e do conceito mais amplo de “comunicação pública”. A tendência de uma compreensão das rádios públicas como um objeto de estudo distinto é nítida. É igualmente perceptível, no entanto, que este grupo de emissoras têm sido estudado num contexto de compreensão de um amplo campo público, do qual também parte considerável dos autores e das autoras consideram fazer parte as emissoras educativas, universitárias e, em alguns casos, as rádios estatais. Revela-se, portanto, a persistência de um desafio conceitual que deve continuar sendo explorado pelo Grupo, relacionado ao tema da “complementaridade” dos Serviços Público, Privado e Estatal, conforme rege a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988).

Outro destaque que pode ser dado é à 2ª e à 3ª palavras-chave mais recorrentes, a saber: “programação” e “história do rádio no Brasil”. Trata-se de um indicativo da contribuição do Grupo a um importante campo de estudos nessa área e, ao mesmo tempo, um indício de outros aspectos referentes ao Serviço de Radiodifusão Pública que precisam ser ainda mais abordados e refletidos, como é o caso da gestão, da participação social, do financiamento, desafios das rádios públicas frente às tecnologias contemporâneas, especialmente as plataformas, além da questão da relação dessas emissoras com o público (cidadãos e cidadãs), estudos de audiência, assim como de representação dessas emissoras por parte de outros segmentos de mídia.

**Quadro 04 - Número de recorrências de palavras-chave**

Palavra-chave	Número de recorrências
Rádio Pública	10
Programação	6
História do Rádio no Brasil	5
Comunicação Pública	4
EBC – Empresa Brasil de Comunicação	4
Rádiodifusão Pública	4
Rádio Estatal	4
Serviço de Radiodifusão Pública	3
Rádio Educativo	3
Políticas de Comunicação	3

**Fonte:** Elaboração própria

No quadro 05, a seguir, sistematizamos os nomes de autoras e autores mais referenciadas e referenciados nos artigos que integraram o *corpus* da presente pesquisa. As professoras e pesquisadoras brasileiras – e integrantes do GP Rádio e Mídia Sonora – Sônia Virgínia Moreira, Valci Zuculoto e Nelia Del Bianco são as três mais citadas. Assim como elas, outros(as) pesquisadores(as) que integra(ra)m o GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom também figuram entre as referências mais citadas, a exemplo de Luiz Artur Ferraretto, Carlos Eduardo Esch, Eduardo Meditsch, Elton Bruno Pinheiro e Doris Haussen. Ou seja, quase metade das principais obras de referência mencionadas nos estudos analisados são de autoria de pesquisadores(as) cuja produção, especialmente no âmbito do referido Grupo, aparece como expressiva no debate sobre o Serviço de Radiodifusão Pública Brasileiro, seja na abordagem da historicidade do meio radiofônico, das questões relacionadas às políticas públicas ou à sua regulamentação no escopo da radiodifusão pública ou mesmo na reflexão sobre os desafios dessa parcela de emissoras na hodierna ecologia de mídia.

De modo geral, observou-se que as referências mais recorrentes no contexto dos trabalhos analisados estão voltadas a estudos teóricos e

empíricos que abordam, respectivamente, tanto a questão conceitual – e, nesse sentido, muitas delas estão baseadas nos princípios e objetivos do documento da Unesco (2001), o qual aparece com a 4ª referência mais citada no *corpus* delimitado – e as condições de origem das emissoras públicas, quanto relacionadas a objetos de estudo como emissoras ou conjunto de emissoras específico, com destaque para aquelas que integram o sistema de rádios da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

#### Quadro 05 – Autoras(es) mais referenciadas(os) nos trabalhos analisados

Autoras(es) mais referenciadas(os)	Número de ocorrências nas referências	País
Moreira, Sonia Virginia	23	Brasil
Zuculoto, Valci	22	Brasil
Bianco, Nelia R. Del	15	Brasil
Unesco – Conseil mondial de la radiotélévision	13	Canadá
Ferraretto, Luiz Artur	12	Brasil
Blois, Marlene	10	Brasil
Esch, Carlos Eduardo	9	Brasil
Bucci, Eugênio	7	Brasil
Martin-Barbero, Jesús	6	Espanha
Ramos, Murilo	5	Brasil
Meditich, Eduardo	5	Brasil
Duarte, Jorge	5	Brasil
Pieranti, Octavio Penna	5	Brasil
Pinheiro, Elton Bruno	5	Brasil
Valente, Jonas	4	Brasil
Santos, Suzy dos	4	Brasil
Silveira, Érico da	4	Brasil
Martinez-Costa, Maria Pilar	4	Espanha
Saroldi, Luiz Carlos	4	Brasil
Haussen, Doris	4	Brasil

Fonte: Elaboração própria

Ressalta-se que 85% das(os) autoras(es) mais citadas(os) nas produções do Grupo a respeito das rádios públicas são brasileiras(os). Há duas referências espanholas entre as de maior influência: Jesús Martin-Barbero e Maria Pilar Martinez-Costa, o que pode ser explicado sobretudo pela vertente histórica de muitos dos estudos e da reflexão a respeito da origem e influência do educativo nas produções de natureza pública. Além disso, figuram entre as principais referências dos trabalhos mapeados os estudos de natureza coletiva e comparativa realizados pela Unesco. E predominam, entre as referências observadas, autoras(es) da grande área da Comunicação. De maneira expressiva, nota-se a abordagem da Radiodifusão Pública também a partir de estudos interdisciplinares, notadamente com áreas como a História, o Direito, a Sociologia e as Políticas Públicas.

### **Considerações finais**

No momento em que o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), celebra a efeméride de seus 30 anos de atuação, o presente estudo foi realizado com o objetivo de contribuir para a construção memorial da produção científica do Grupo sobre o tema do serviço de radiodifusão sonora pública do Brasil. Para tanto, revisamos a produção científica sobre o referido tema nos Anais dos Congressos da Intercom desde a data de fundação do Grupo, em 1991, sendo que a produção delimitada como *corpus* esteve concentrada no período de 2008 a 2020 e ainda mais concentrada entre 2016 e 2017, fato que pode ser explicado, em considerável medida, por 2008 marcar o ano da regulamentação do Serviço de Radiodifusão no Brasil, por meio da Lei nº 11.652, conhecida como Lei da EBC, e por 2016 e 2017 marcarem momentos em que ataques político-partidários mais sistemáticos foram realizados ao Serviço, sobretudo contra a Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

Entretanto, fundamentando-se principalmente na noção de memória e do processo de ressignificação desta, o perfil que o presente estudo registrou sobre

a contribuição científica do Grupo – que agrega pesquisadoras e pesquisadores de todas as regiões do país e é notadamente reconhecido por suas produções coletivas e vínculos afetivos entre seus(as) integrantes – valorizou a trajetória, desde seu surgimento, para o fortalecimento do amplo campo público da radiodifusão. Desde 1991, configura-se como espaço-tempo para a reflexão aprofundada sobre o papel das emissoras educativas, culturais, universitárias, e também comunitárias, principalmente na conformação de uma programação radiofônica marcada pela diversidade de temas e pluralidade de vozes.

A produção aqui perfilada e refletida revela que o grupo tem dado importantes passos e aberto cada vez mais seu espaço para o debate conceitual acerca da natureza – princípios, objetivos, mandado e missão – do Serviço de Radiodifusão Pública, conforme existência prevista na Constituição Federal Brasileira de 1988, isto é, reconhecendo o papel complementar das emissoras abarcadas direta e indiretamente por esse segmento.

É notável que, sobretudo nos últimos dez anos, pesquisadoras e pesquisadores do GP Rádio e Mídia Sonora têm, por meio de suas produções anualmente apresentadas nos Congressos da Intercom, reverberado ainda mais o papel do Serviço de Radiodifusão Pública, em si, na defesa da democracia no Brasil. Democracia que está fortemente ameaçada pelos (des)governos empossados e/ou eleitos desde a segunda metade de 2016 e que, conforme reiteradamente destacamos no presente estudo, ameaçam com frequência a existência/sobrevivência das emissoras públicas. Estas emissoras, sobretudo as de rádio, num país onde prevalece um serviço de radiodifusão privada oligopolizado, são imprescindíveis ao exercício da cidadania.

Os anos vindouros, certamente, apresentarão novos desafios ao Serviço de Radiodifusão Pública, especialmente às emissoras de rádio deste segmento, as quais cumprem papel importantíssimo em todas as regiões do país, especialmente em áreas de deserto de notícias. Esta certeza aqui assinalada em relação aos desafios a serem enfrentados pelas emissoras públicas é totalmente proporcional ao reconhecimento de que a comunidade acadêmica e

a produção científica, especialmente aquela desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, seguirão contribuindo com as discussões sobre esse tema, como têm feito ao longo destas três décadas.

Por fim, consideramos que a reflexão analítica empreendida no presente estudo pode se configurar com uma espécie não só de memória a respeito da contribuição do GP para o tema, mas também uma motivação a mais para o desenvolvimento de pesquisas – aplicadas, empíricas e teóricas – que visem fortalecer o Serviço de Radiodifusão Pública, tanto diante das injunções e proselitismos político-partidários que o acompanham desde a sua origem nas pioneiras emissoras educativas e governamentais quanto diante dos desafios que representa o cenário midiático e tecnológico contemporâneo, nesse momento marcado por fenômenos complexos advindos da lógica digital, da convergência, da articulação rede e da era da plataformação.

## Referências

ARAUJO DA SILVA, Ellis Regina. A abordagem da velhice em rádios públicas de Portugal e Brasil e os usos do rádio pelos idosos em Braga/Portugal e no Distrito Federal/Brasil. In: 40º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Positivo, 2017. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordações**: formas e transformações da memória cultural. São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

BAUMWORCEL, Ana. Rádio MEC-AM: uma emissora em defesa da cidadania? In: 40 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Positivo, 2017. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

BIANCO, Nelia R. Del; ESCH, Carlos Eduardo; MOREIRA, Sonia Virginia. Radiodifusão pública: um desafio conceitual na América Latina. **Revista FSA** (Faculdade Santo Agostinho), v. 1, p. 67-86, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 11.652, de 7 de abril 2008**. Institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo [...]. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 7 de abril de 2008.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CARDOSO, Chaves de Carvalho Gomes Cardoso. memória circunscrita: adoção e uso dos conceitos de memória nas dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba – PPGCI/UFPB. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CARVALHO, Douglas Elias. A Programação da FM Cultura no contexto da segmentação do rádio de Porto Alegre. In: 40 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Positivo, 2017. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FLEURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sergio R. C. Pesquisa Aplicada - conceitos e abordagens. GV Pesquisa. **Anuário de Pesquisa 2016-2017**. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/apgvpesquisa/article/view/72796>. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEL BIANCO, Nelia, CURADO, Camila Cristina. O Conceito de Radiodifusão Pública na visão de pesquisadores brasileiros. In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-0802-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

DEL BIANCO, Nelia, ESCH, Carlos Eduardo; MOREIRA, Sonia Virginia. Lei de Meios como estratégia de fortalecimento da radiodifusão pública: o caso da Argentina, Equador e Uruguai. In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0919-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho; SOUSA, Roberto de Araújo. Rádios Universitárias: proposta de indicadores-chave com base nos marcos conceituais de emissoras públicas. In: 42 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2019, Belém. **Anais** [...]. Belém: Universidade Federal do Pará, 2019. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

MACEDO, Silvia Mugnatto; BERNARDES, Cristiane Brum. Estratégias de Programação da Rádio Câmara. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2010, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0096-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMAN, Micael. **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008.

MINGO, Ivana de, REBOUÇAS, Edgard. Mecanismos de Participação Social na Rádio

Pública Estatal no Sudeste. In: 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2020, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2208-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MUSTAFÁ, Izani. As rádios públicas do Rio de Janeiro e as novas tecnologias do século 21: o que mudou na interação com os ouvintes e na produção de conteúdo? In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

PAULINO, Fernando Oliveira; PINHEIRO, Elton Bruno. NICOLETTI, Janara. Comunicação e Democracia no Brasil: pandemia, violência contra jornalistas, EBC em perigo e resistências. In: VALENTE, Jonas C. L. (org.). **Cadernos de conjuntura das comunicações LaPCom-Ulepicc-Brasil 2021: pandemia, liberdade de expressão e polêmicas regulatórias na comunicação eletrônica**. São Cristóvão: ULEPICC-Brasil, 2021. Disponível em: <https://sites.google.com/ccom.unb.br/home/publications>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PEDROZA, Ciro José. Em Brasília, 24 horas: cartografia da radiodifusão pública de FM em Natal/RN. In: 40 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Positivo, 2017. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

PINHEIRO, Elton Bruno. O Serviço de Radiodifusão Pública Brasileiro sob o ponto de vista histórico social-compreensivo. In: 42 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2019, Belém. **Anais** [...]. Belém: Universidade Federal do Pará, 2019. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

PINHEIRO, Elton Bruno. Os desafios do Serviço de Radiodifusão Pública do Brasil na era post-broadcasting. In: 40 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Positivo, 2017. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

PINHEIRO, Elton Bruno. Pensar a Comunicação Pública Latino-Americana no Contexto da "Cultura da Conexão": Possibilidades e Desafios. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista\\_area\\_DT8-PC.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT8-PC.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

PINHEIRO, Elton Bruno. Performance das Rádios Públicas da Empresa Brasil de Comunicação no Cenário da Convergência Digital e da Conexão em Rede. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2258-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PINHEIRO, Elton Bruno. Tensionamentos sobre as condições de origem e perspectivas

do Serviço de Radiodifusão Pública no Brasil. In: XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 2016, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0976-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PINHEIRO, Elton Bruno Barbosa. Radiodifusão sonora pública do Brasil: o processo de conformação do serviço e os desafios de sua integração no ambiente digital. 2019. 545 f., il. **Tese** (Doutorado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

REGOTTO DE OLIVEIRA, T. Educativa, Estatal ou Pública: a tentativa de reconstrução de uma nova marca para a comunicação não comercial brasileira – um estudo de caso da Empresa Brasil de Comunicação. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**. Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sulina, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de Pesquisa-ação**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SAMPIERI HERNÁNDEZ, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodología de la investigación**. 5 ed. Ciudad de México: Mc Graw Hill, 2010.

ZUCULOTO, Valci R. A época de ouro do rádio educativo: a consolidação da instrução pelas ondas radiofônicas estatais e públicas. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2010, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3276-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ZUCULOTO, Valci R. A história do Rádio Público no Brasil: um resgate pela linha do tempo. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2011, Recife. **Anais** [...]. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2283-2.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ZUCULOTO, Valci R. A programação do Rádio brasileiro do campo público: um resgate da segunda fase histórica, dos anos 40 ao início dos 70. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Positivo, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1789-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ZUCULOTO, Valci R. As grandes fases do Rádio Público Brasileiro: em busca de uma periodização para pesquisas históricas deste segmento da radiofonia nacional. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. **Anais** [...]. Natal: Universidade Federal de Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1031-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ZUCULOTO, Valci R. Registros históricos dos tempos recentes da Rádio Nacional do Rio de Janeiro – De Emissora Comercial Nacional a Rádio Pública Local? In: 40 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Universidade Positivo, 2017. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

ZUCULOTO, Valci R., LONGO, Guilherme. As rádios públicas brasileiras e o Golpe de 64: principais estações e seus contextos históricos no período de instauração da ditadura. In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0348-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

## **Rádio e Pânico, 1998: na análise da invasão marciana, a primeira experiência de pesquisa em rede**

*Radio and Panic, 1998: in the analysis of the Martian invasion, the first network research experience*

*Radio y Pánico, 1998: en el análisis de la invasión marciana, la primera experiencia de investigación en red*

Eduardo Meditsch

### **Resumo**

O artigo recupera a memória da produção, do resultado e do contexto da primeira pesquisa em rede realizada pelo Grupo de Trabalho em Rádio da Intercom, no ano de 1998, que resultou também na publicação de seu primeiro livro coletivo. A análise da peça de radioteatro *A guerra dos mundos*, dirigida por Orson Welles e veiculada pela rede CBS nos Estados Unidos, realizada pelo GT por ocasião do sexagésimo aniversário do programa que provocou pânico entre os ouvintes, marcou um salto qualitativo na vida do grupo, que passou a operar também como rede, em função de objetivos científicos definidos coletivamente.

**Palavras-chave:** Rádio e pânico; A guerra dos mundos; GT Rádio Intercom; rede de pesquisa; 1998.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 08/08/2021 aceito em: 04/11/2021.

### >> **Como citar este texto:**

MEDITSCH, Eduardo. Rádio e Pânico, 1998: na análise da invasão marciana, a primeira experiência de pesquisa em rede. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 135 - 153, maio/ago. 2021.

### **Sobre o autor**

Eduardo Meditsch

[emeditsch@gmail.com](mailto:emeditsch@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-6045-1178>

Pesquisador do CNPq. Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília e professor voluntário do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, desde sua aposentadoria em 2016. Realizou estágio sênior de pós-doutorado na University of Texas em Austin (2010/2011) com bolsa da Capes. Integra conselhos editoriais de uma dezena de revistas acadêmicas do Brasil, América Latina e Portugal. Sócio fundador da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

**Abstract**

The article recovers the memory of the production, results and context of the first network research carried out by the Intercom Radio Work Group, in 1998, which also resulted in the publication of their first collective book. The analysis of the radio theater play *The War of the Worlds*, directed by Orson Welles and broadcasted by the CBS network in the United States, carried out by the GT on the occasion of the 60th anniversary of the show that caused panic among listeners, marked a qualitative leap in the WG, which started to operate also in a network based on collectively defined scientific objectives.

**Keywords:** Radio and panic; War of the worlds; intercom radio WG, research network; 1998.

**Resumen**

El texto recupera la memoria de la producción, resultado y contexto de la primera investigación en red realizada por el Grupo de Investigación en Radio de la Intercom, en 1998, que también resultó en la publicación de su primer libro colectivo. El análisis de la obra teatral radiofónica *La Guerra de los Mundos*, dirigida por Orson Welles y emitida por la cadena CBS en Estados Unidos, realizada por el GT con motivo del 60 aniversario de la emisión, que provocó el pánico entre los oyentes, marcó un salto cualitativo en la vida del GI, que comenzó a operar también como una red basada en objetivos científicos definidos colectivamente.

**Palabras clave:** Radio y pánico; La guerra de los mundos; GI Radio Intercom; red de investigación, 1998.

**O momento e a proposta**

O ano era 1997, e a Intercom realizava o seu vigésimo congresso nacional na cidade de Santos (SP), onde o Grupo de Trabalho em Rádio (GT Rádio, era essa a denominação da época) se reunia pela sétima vez, sob a coordenação da professora Nélia Del Bianco, da Universidade de Brasília. A ideia partiu do professor Eduardo Meditsch, da Universidade Federal de Santa Catarina, na época recém-doutor pela Universidade Nova de Lisboa, que havia participado da fundação do grupo, mas andava afastado, nos anos anteriores, por sua estada em Portugal. Na bagagem de volta da Europa, trouxera uma fita cassete, adquirida na loja da BBC em Londres, com a gravação original do programa de

Orson Welles, transmitido pela rede CBS, que se tornou famoso por provocar pânico nos Estados Unidos em 1938, do qual quase todos os pesquisadores do grupo já tinham ouvido falar, mas quase ninguém tivera a oportunidade de escutar. Afinal, a internet ainda engatinhava no Brasil, a compressão em MP3 ainda não ensaiava seus primeiros passos, e arquivos de áudio eram demasiado pesados para o “acesso discado”, por linha telefônica analógica, por onde a rede era acessada até então.

Foi num panfleto fotocopiado que a proposta de um “projeto interinstitucional de pesquisa” foi apresentada aos membros do GT reunidos em Santos com o título “A Guerra dos Mundos, 60 anos depois”, trazendo a seguinte justificativa:

No dia 30 de outubro de 1998 completam-se 60 anos desde a histórica emissão do programa radiofônico *The War of the Worlds*, a adaptação do romance do inglês H.G. Wells realizada pelo jovem diretor Orson Welles, que pôs em pânico os Estados Unidos, tornando-se um marco na história do rádio e da própria comunicação de massa. Embora siga sendo o mais famoso programa de rádio de todos os tempos, até hoje nada foi publicado no Brasil a seu respeito e poucas pessoas tiveram a oportunidade de pelo menos ouvi-lo. Para preencher esta lacuna, este projeto pretende mobilizar a massa crítica representada pelos pesquisadores reunidos em torno do GT Rádio da Intercom para produzirem uma reflexão teórica sobre o referido programa e seu significado, passadas seis décadas da emissão. Os resultados da pesquisa deverão ser apresentados no Congresso Intercom 98 e publicados pelo GT Rádio em livro comemorativo à efeméride, na medida do possível contendo uma fita cassete com a gravação original do programa, que é acessível nos países de língua inglesa. (GT Rádio Intercom, 1997).

A metodologia proposta era bastante aberta: “cada pesquisador do GT poderá escolher ou sugerir um aspecto do programa (ou do seu significado) para analisar, em comum acordo com a coordenação, comprometendo-se a produzir um texto a este respeito no prazo estipulado pelo cronograma”. Os recursos, para lá de precários: “Todos os participantes receberão cópias da (escassa) bibliografia disponível sobre *A Guerra dos Mundos*, assim como uma fita de áudio com a gravação do programa”. A coordenação ainda solicitava que quem tivesse acesso ou conhecimento de mais referências bibliográficas a respeito, informasse ou mandasse cópia para ser distribuída aos demais. E o cronograma era draconiano: prazo de dois meses para manifestações de interesse e

definição sobre os temas, e de outros quatro meses para a entrega dos capítulos prontos. Afinal, a peça radiofônica de Orson Welles havia sido produzida em apenas uma semana. As fotocópias dos textos e as prometidas fitas cassete com o programa circularam de Sul a Norte do país em correspondências postadas pelo correio tradicional. O livro deveria ser lançado no congresso seguinte da Intercom, em Recife, preparando a efeméride do sexagenário do programa. E assim foi, e saiu melhor do que a encomenda: 17 autores venceram o desafio e o livro encartou um CD (uma novidade editorial para a época) com a versão brasileira do programa, gravada pela Associação dos Artistas da Era de Ouro do Rádio de Pernambuco.

Com a investigação sobre *A Guerra dos Mundos*, o Grupo de Rádio da Intercom realizou sua primeira pesquisa em rede, e *Rádio e Pânico* foi seu primeiro livro coletivo, abrindo caminho para outros 24 volumes (dos quais o 18º, *Rádio e Pânico 2*, seria um *remake* deste primeiro). O sucesso do original incentivou o grupo a suas produções coletivas seguintes: *Rádio e Pânico* teve lançamentos em dez estados – onde viviam seus coautores – nas livrarias da Rede Siciliano, com apoio de faculdades, sindicatos e governos locais, e recebeu uma grande cobertura de parte da mídia nacional e regional, com resenhas de páginas inteiras em cadernos culturais de jornais e dezenas de entrevistas em rádio e TV.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Sob o título “Consagração” o colunista Raul Sartori registra em *A Notícia* de Florianópolis em 29/10/1998: “O editor catarinense Nelson Rolim, da Insular, está nas alturas. O livro *Rádio e Pânico*, coordenado pelo professor da UFSC Eduardo Meditsch e assinado por 17 autores que dissecam o programa *A Guerra dos Mundos* de Orson Welles vem ganhando páginas da grande imprensa nacional. *Estadão*, *Gazeta Mercantil* e *JB* publicaram extensas reportagens, a *Folha de S. Paulo* promete farto material nesta sexta-feira, quando também será assunto do Vídeo Show da Rede Globo e em várias emissoras de TV. Além disso, também amanhã, uma rede nacional de rádios educativas, liderada pela Cultura de São Paulo, transmitirá a versão brasileira do programa”. De fato, o lançamento do livro ganhou grande espaço na imprensa como em: “Marcianos tomam a Terra” (p.2 do Caderno B do *Jornal do Brasil* em 09/10/1998); “Marcianos invadem a Terra” (p.3 do Caderno Dois do *Correio Braziliense* em 29/10/1998); “O dia em que a Terra parou” (p. 2 do Caderno 2 do *Jornal de Brasília* em 29/10/98); “No ar, Orson Welles em *A Guerra dos Mundos*” (página central no caderno de Variedades do *Diário Catarinense* em 28/09/1998); “O dia em que Marte destruiu a Terra” (p. 8 do Caderno da *Gazeta Mercantil* em 16/10/1998); “O dia em que Orson Welles pregou uma peça no mundo” (capa do caderno de Variedades do *AN Capital* em 20/10/1998); “Quando os marcianos invadiram a Terra” (p. 11 de *O Estado*—Florianópolis, 20/10/1998); “A guerra que era de mentira” (p. 106 da revista *Época*, 26/10/1998); “Livro analisa *A Guerra dos Mundos* de Orson Welles” (p. D2, *O Estado de S. Paulo*, 27/10/1998); “Farsa de Orson Welles vira História”

A gravação da versão brasileira do programa foi veiculada por uma rede de emissoras educativas lideradas pela Cultura de São Paulo no dia da efeméride. O livro esgotou rapidamente, mesmo após uma reimpressão, alcançou altas cotações no mercado dos sebos e se tornou uma obra cultuada por alguns: no Orkut, primeira rede social a emplacar no Brasil, apareceu entre "os livros da minha vida" de mais de um internauta.

*Rádio e Pânico* representou um salto de qualidade no GT Rádio da Intercom. Como registrou a então coordenadora, Nélia Del Bianco, na apresentação do livro (MEDITSCH, 1998), até então poucos eram os estudos existentes sobre o rádio no Brasil, e menor ainda o número de textos publicados:

Esse quadro começou a mudar paulatinamente desde a criação do Grupo de Trabalho Rádio na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 1991. Os 70 trabalhos apresentados no GT em sete anos de atuação indicam um interesse crescente em estudar o meio por parte de pesquisadores, profissionais, professores, além de estudantes de pós-graduação em comunicação. O GT cumpre hoje um papel importante na divulgação da produção nacional sobre rádio, constituindo-se num espaço de referência para reflexão e crítica do veículo em suas reuniões anuais, como também de estímulo ao diálogo interdisciplinar e a troca de ideias entre estudiosos. (p.17)

A coordenadora do GT destacou então que "a coletânea de textos aqui apresentada traz contribuições significativas para a compreensão desse marco na história do rádio e da própria comunicação de massa. Considerando que até hoje nada foi publicado no Brasil a respeito desse fenômeno, esse livro vem preencher mais uma das inúmeras lacunas nos estudos sobre o veículo". E registrava que "essa contribuição dos pesquisadores do GT Rádio para a construção do conhecimento sobre o veículo reflete o esforço, a dedicação e, principalmente, a paixão que todos têm pelo rádio" (p. 18). Esses atributos passaram a atuar articuladamente a partir dessa primeira investigação coletiva do GT: de local de encontro de pesquisadores interessados no objeto, o Grupo de Rádio da Intercom se transformava então em rede de pesquisa, salto que impulsionaria os estudos sobre o meio no Brasil.

---

(p. 4 ilustrada *Folha de S. Paulo*, 30/10/1998).

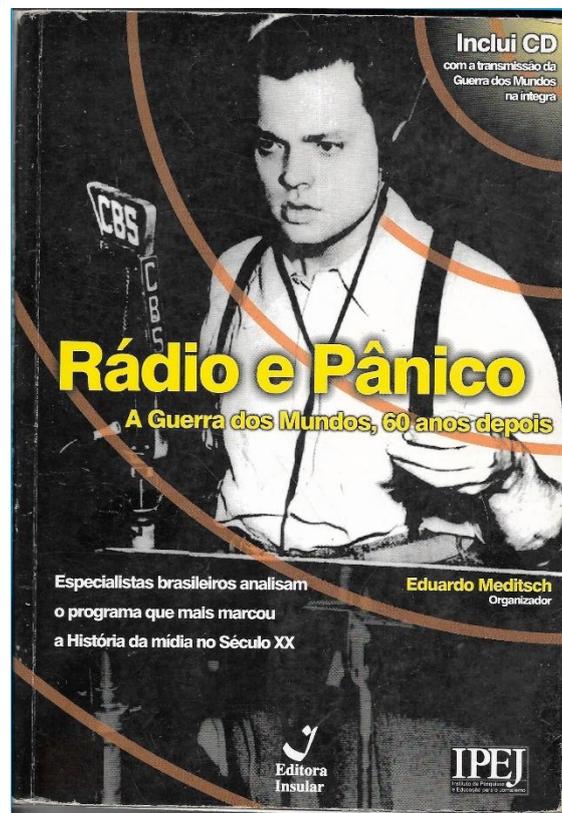


Figura 1: capa do livro *Rádio e Pânico*

## A obra

Além da apresentação da coordenadora do GT, *Rádio e Pânico* contou com prefácio do professor Nilson Lage, que discute porque a peça de radioteatro de Orson Welles teve a repercussão que teve:

A década de 30 foi rica em informações surpreendentes: a grande depressão que se seguiu ao craque da Bolsa de Nova York, em 1929; os *gangsters* e o *new deal*; o apogeu do rádio e do cinema falado; os êxitos espetaculares do fascismo e seus produtos promocionais; a *ameaça comunista*, que já era exaltada como uma espécie de demônio oficial, antecipando o discurso da guerra fria; a guerra civil espanhola; as novas armas – tanques pesados, bombardeiros e caças – e seu uso, por exemplo, em Guernica ou na ocupação da Tcheco-Eslováquia; as inúteis conversações de paz. O radiojornalismo dava conta disso tudo, com seu estilo conciso e sensacional – e dizia a verdade. Por que mentira, exatamente tratando de uma coisa tão grave quanto a invasão marciana? (p. 14-15).

Em busca do *porquê* e do *como* do programa de Orson Welles, as pesquisadoras e pesquisadores participantes abriram várias frentes de investigação, que na edição final permitiram que o livro fosse dividido em quatro

partes. Na primeira parte, foram reunidos seis textos que analisam *A Guerra dos Mundos* a partir dos recursos técnicos e de linguagem utilizados em sua produção. Nestes textos se explora a relação do rádio com a ficção científica (Sérgio Endler), as soluções encontradas na elaboração do roteiro (Eduardo Meditsch), a expressividade do uso da voz (Adriana Duval), do silêncio (Ana Baumworcel), da música (Hugo Vela) e dos efeitos sonoros (Carlos Eduardo Esch e Nélia Del Bianco).

Na segunda parte do livro, foi recuperado o contexto da irradiação do programa nos Estados Unidos de 1938. São analisados o poder de mobilização política do rádio de então (Dóris Haussen), a tensão vivida pela população norte-americana à beira da Segunda Guerra Mundial (Luiz Carlos Saroldi), a importância do rádio na vida americana dos anos 30 (Sonia Virginia Moreira), o rádio no Brasil naquela época (Valério Brittos) e como os intelectuais encaravam o meio de comunicação de massa (Valci Zuculoto).

Na terceira parte, se analisa o legado de *A Guerra dos Mundos*, passados estes 60 anos. A experiência de Orson Welles serviu para que se conhecesse e se passasse a utilizar conscientemente muito do potencial do rádio (Gisela Ortriwano), influenciou também outros meios de comunicação, como o cinema (Luiz Maranhão Filho), interessou a comunidade científica pelo fenômeno da recepção da mídia (Mágda Cunha) e levantava questionamentos sobre a qualidade do radiojornalismo praticado no fim do século XX (Romário Schettino) e sobre a possibilidade de ocorrer um "Primeiro de Abril" através da Internet na virada de milênio (João Batista de Abreu Jr.).

Na quarta parte do livro, é apresentada a tradução brasileira do roteiro radiofônico de *A Guerra dos Mundos*, na íntegra. A tradução foi adaptada pela Associação dos Artistas da Era de Ouro do Rádio de Pernambuco, que sob a liderança de Luiz Maranhão Filho, produziu uma versão brasileira do programa, gravada no CD que acompanhou o livro, possibilitando aos leitores reviver a experiência rara de sua audição. Afinal, *A Guerra dos Mundos* havia se tornado um mito também pelo fato de ser um programa mais comentado do que

propriamente ouvido. Apenas alguns anos após o lançamento de *Rádio e Pânico* é que o áudio na internet tornaria o acesso ao programa universal.

### **Sobre técnica e linguagem**

No texto que abre a primeira parte do livro, Sergio Endler destaca o pioneirismo da obra de ficção científica de H.G. Wells, autor do romance que seria adaptado ao rádio pela CBS, e sua decepção com o programa, que, no entanto, é esteticamente inovador:

O escritor inglês H.G. Wells e seu romance *A Guerra dos Mundos* tiveram um papel fundamental na constituição do gênero *ficção científica* na literatura. No rádio, a estória ganha força dramática com a incorporação da oralidade e a mimetização do próprio veículo pela equipe dirigida por Orson Welles. (...) Quatro décadas após a aparição da obra original, em livro, Orson Welles (1915-1985) torna célebre *A guerra dos mundos* em radiofonização pela CBS. Da Europa, Wells escreve desgostoso, acusa Welles por má utilização da obra, com finalidades diversas da original. De fato, e, necessariamente, a radiofonização de Welles apresenta e compõe uma outra obra. (...), Mas, a grande novidade mesmo desta nova versão da novela de Wells é a formatação dela em novo *médiume*, logo, o jornalismo ficcionalizado ao longo de todo o enredo. De fato, o rádio instaura-se como novo suporte técnico, possibilitando inédita riqueza formal para a obra. Assim, o rádio é responsável pelo incremento da forma, dotando a narrativa inicial de uma oralidade que reforça o mito e oportuniza ao enredo novos sons e silêncios. (p. 25).

No texto seguinte, Eduardo Meditsch analisa o roteiro de Howard Koch que adaptou o romance, apontando o "pecado original" cometido que marcaria a mídia a partir de então:

Ao colocar o rádio como protagonista da estória, dissolver a fronteira entre ficção e realidade e eleger a espetacularização como valor supremo, a equipe comete um pecado que virá a ser cobrado da mídia para sempre. (...) Desde então, os limites entre os diversos gêneros têm sido mais fortemente patrulhados, pelos códigos de ética e pelas legislações de radiodifusão de todos os países. Em consequência, *A Guerra dos Mundos* será sempre lembrada como uma espécie de "pecado original" da mídia. E o roteiro assinado por Howard Koch, produzido sob a orientação do diretor Orson Welles e do produtor John Houseman, como uma autêntica obra prima, que revelou todo o poder da magia do rádio, inclusive para iludir o público, tanto em causas boas e belas, como a da arte e a do entretenimento, como em outras, mais trágicas, como a da exploração da ignorância das massas para mobilizá-las à guerra e mantê-las sob domínio. (p. 27 e 35).

No terceiro capítulo, Adriana Ruschel Duval observa como a locução de Orson Welles contribuiu para ludibriar dos ouvintes do programa:

A voz e a presença do locutor ao microfone conferem um tom profético ao discurso que revive mitos ancestrais. No tom utilizado pelo locutor reside grande parte da capacidade de convencimento demonstrada pela experiência de Orson Welles. (...) Seriedade no estilo de falar, firmeza na voz, potência — relacionada à posição de comando — onisciência — oriunda do fato de se ter a informação antes que todos os demais — estão entre os principais elementos conferidos ao cargo de locutor em *A Guerra dos Mundos*. (...) O caminho da persuasão do receptor passa pelas curvas da pronúncia, do vocabulário e de inflexões vocais. (...) O *speaker* torna-se o *xamã* que promove o religamento às origens — fins e começos se tornando unos em uma narrativa do caos. No decorrer da história, intercalando a tranquilidade das transmissões musicais com a narração de terríveis incidentes provocados pelos “marcianos”, este personagem serve como intermediário entre o Bem e o Mal, como um Ser Superior, isento e imortal, protegido pela redoma intangível das quatro paredes do estúdio. (p. 41-42).

Em seguida, Ana Baumworcel destaca o magistral uso dos momentos de silêncio como elementos de linguagem radiofônica, cuja potencialidade foi explorada ao máximo por Orson Welles como diretor do programa, no momento de sua irradiação:

A utilização do silêncio, enquanto recurso não-verbal da linguagem radiofônica, foi fundamental para dar verossimilhança ao texto sonoro e para criar o lugar de intérprete e de co-autor do ouvinte-receptor. O silêncio possibilita que o dizer venha a ser outro. (...) Em *A Guerra dos Mundos*, o repórter Phillips está na fazenda Wilmurt, em Nova Jersey, descrevendo a “coisa que caiu e estava semienterrada num grande buraco, quando terríveis monstros começam a sair e travam uma verdadeira guerra. É a batalha dos seres estranhos contra a população”. Barulhos e gritos se intercalam às palavras, num tom crescente. “Está vindo para cá, uns seis metros à minha direita...”. Repentinamente a cena é cortada por um silêncio de seis segundos. (...) Ao interromper o som, Welles corta a linearidade do texto sonoro-verbal, instalando a ruptura – na forma de silêncio – e, assim, abre espaço ao movimento do sujeito-ouvinte no trabalho de significação e de coautoria. Welles só sugere, cria o clima, o ambiente – silencia – e o ouvinte faz o resto.” (p. 46-47).

Prosseguindo na análise dos elementos de linguagem do programa, Hugo Vela observa em seu capítulo a composição musical:

A música foi um componente fundamental na construção do discurso de *A Guerra dos Mundos*. O diretor musical Bernard Hermann contribuiu para gerar o clima emocional do programa, através de melodias selecionadas para contrapor o mundo habitual dos ouvintes com o inusitado da invasão alienígena. (...) Assim os estilos e as músicas escolhidas para introduzir a cobertura jornalística da invasão marciana servem para contrastar com as informações, numa combinação que gera climas de curiosidade, tranquilidade e descontração, que paulatinamente, associados com os diálogos intercalados

agora com música de violinos para orquestra como em *Stardust*, e o som do piano de Hermann, vão se transformando em preocupações e aflições. E a partir de então, a música, que num primeiro momento tem a finalidade de uma pretensa distração do ouvinte para notícias não agradáveis, sem se observar a brusca mudança se transforma em sons, ritmos e ruídos angustiantes que levam, por parte de alguns ouvintes, à indubitável invasão dos marcianos sobre a Terra. (p. 55).

No texto que fecha a primeira parte do livro, Nélia Del Bianco e Carlos Eduardo Esch apontam como o cenário acústico construído em *A Guerra dos Mundos* é um dos elementos fundamentais para o efeito causado no público:

O poder de destruição não reside nos marcianos nem nos asteróides, mas no imaginário produzido pelo rádio, onde os efeitos sonoros desempenham um papel acessório mas fundamental para dar verossimilhança à narrativa.(...) De fato, os efeitos proporcionaram ao ouvinte elementos de composição cênica e dramática que permitiram despertar sua imaginação para compor personagens, seus comportamentos, ambientes em que atuam e o próprio clima emocional que vai envolvendo a história. Dessa maneira, ganharam importância a “visualização” de efeitos como o tictac de um relógio, na cena inicial, compondo o ambiente de um laboratório astronômico e podendo também expressar, o mecanismo de funcionamento de um telescópio; bem como os sons eletrônicos e indefiníveis emanados da nave alienígena, os gritos, vozes, ventos e zumbidos que surgem em cenas passadas na fazenda imaginária de Grovers Mills, na qual a nave marciana aterrissara. (p. 69 e 73-74).

### **Sobre o contexto**

A segunda parte do livro é aberta pelo texto de Dóris Fagundes Haussen, que destaca como o poder de mobilização do rádio já era conhecido e utilizado na época de *A Guerra dos Mundos*:

Na época de *A Guerra dos Mundos*, o poder de mobilização do rádio já era conhecido na política. Os movimentos nazi-fascistas na Europa e o populismo de Getúlio Vargas no Brasil foram exemplos da utilização do meio para mobilizar as massas. (...) Em 1933, na Alemanha, quando Hitler foi designado chanceler, os nazistas começaram a usar o rádio para fazer propaganda e, dois anos antes, já haviam tentado influenciar na nomeação dos diretores das emissoras. Na mesma época, o presidente americano Franklin Roosevelt divulgava as suas “Conversas ao pé do fogo” e Mussolini, na Itália, também já percebera o poder do veículo. No Brasil, Getúlio Vargas, da mesma maneira, fazia uso do rádio. (p. 81-82).

Em seu texto para *Rádio e Pânico*, Luiz Carlos Saroldi busca explicações para o efeito que redundou no pânico popular, na sensibilidade de Orson Welles como artista e sua percepção do ambiente vivido pela população norte-americana diante do latente conflito mundial: Hitler já se preparava para invadir

países vizinhos, e a França e a Inglaterra capitulavam no Acordo de Munique, noticiado pelo rádio poucos dias antes.

Colaborador direto do presidente Roosevelt e intérprete dos principais fatos da realidade política da época, no programa *A Marcha do Tempo*, Orson Welles não era propriamente um alienado de sua realidade histórica. *A Guerra dos Mundos* antecipa o conflito que no ano seguinte tomaria conta do mundo real. (p. 89).

Saroldi destaca, do livro-entrevista do diretor Peter Bogdanovich com Orson Welles, um momento em que o já consagrado ator e diretor de cinema se refere a sua relação com o rádio:

Orson Welles: Eu estava feliz no rádio, Peter, o mais feliz que já fui como ator. O rádio é tão... o que estou querendo dizer, impessoal? Não, íntimo. É o mais perto que se pode chegar da tremenda e íntima satisfação de cantar na banheira, e ainda pagam você por isso. O microfone é um amigo, sabe. A câmera, um crítico. Acho que eu diria que o rádio está muito mais próximo do filme do que do teatro – e não é só porque se trata de mais uma máquina atenta em substituição à plateia. Não. O microfone, assim como a câmera, lhe dá opção de se colocar aqui ou ali. Não fica só lá sentado fungando no escuro” (op. cit. p.57). A lucidez do artista quanto à sensibilidade e natureza de seu instrumento de trabalho não era uma conquista recente do homem que, aos cinquenta e três anos, dialogava com um cinéfilo de vinte e nove. Mas estava presente na produção radiofônica de *A Guerra dos Mundos*, que dirigira aos vinte e três anos, impondo ao romance de H. G. Wells um novo formato e o impacto de uma recriação sonora em tempo real. (p. 90).

Em seu texto sobre o entorno de *A Guerra dos Mundos*, em que conta como era o rádio nos anos 1930 nos Estados Unidos, Sônia Virgínia Moreira registra a evolução tecnológica do meio na segunda metade daquela década:

O programa de Orson Welles aconteceu num veículo que vivia o seu auge nos Estados Unidos: o rádio dos anos 30 era o centro dos espetáculos, a grande sensação do jornalismo e o meio que o presidente Roosevelt havia escolhido para conquistar os corações e as mentes norte-americanos (...) Em maio de 1937, a cobertura jornalística radiofônica seria afetada de modo radical: naquele mês, o repórter Herb Morrison, da WLS de Chicago, transmitiu ao vivo – além de gravar o som em fita pela primeira vez – o desastre com o dirigível Hindenburg em Lakehurst, estado de Nova Jérsey. A partir daí, o uso de gravações e a cobertura ao vivo de eventos transformaram-se em recursos típicos do radiojornalismo, logo assimilados pelas principais redes de emissoras. (...) A participação do rádio no cotidiano das pessoas continuava crescendo: o desenvolvimento de outras tecnologias aumentava a capacidade do veículo para cobrir o que era notícia, tanto nos Estados Unidos como no exterior. Tudo completado pelas informações sobre as personalidades do veículo disponíveis em revistas como *Radio Guide* ou *Radio Stars*. No mesmo

ano, a programação radiofônica oferecia uma enorme variedade de opções, entre óperas, musicais, novelas, esportes, humorísticos, noticiários. Artistas de Hollywood faziam a sua estréia no rádio. (p. 103-104)

Já o rádio brasileiro em 1938 contava com recursos bem mais limitados e não tinha ainda redes nacionais como as emissoras americanas, por deficiências de nossa infraestrutura de telecomunicações. A repercussão do programa de Orson Welles em nosso país e a comparação entre as situações foram os temas do texto de Valério Cruz Brittos em seu capítulo do *Rádio e Pânico*:

O jornal *Correio do Povo* assim informou seus leitores sobre o programa, em sua página dois, de 1º/11/38, com o título “Os Estados Unidos eram invadidos pelos marcianos – um programa radiofônico que estabelece verdadeiro pânico entre os ouvintes Yankees”: “Ontem à noite uma estação radiofônica irradiou um programa (...) de uma maneira nitidamente real se representava uma invasão nos EUA, levada a efeito pelos habitantes do planeta Marte. Tão perfeito era o realismo do programa que um verdadeiro pânico se estabeleceu entre os ouvintes (...)”. O êxito da versão para o rádio da obra de H. G. Wells incentivou que no Brasil produtores buscassem realizar o mesmo programa, em português. No Rio Grande do Sul, coube a Flávio Alcaraz Gomes fazer a versão local de “A Guerra dos Mundos”, na Rádio Guaíba, emissora em que atua até hoje. Evidentemente, essas produções *brazucas* não obtiveram maior repercussão, pois faltou o elemento novidade: já era sabido que se tratavam de adaptações *tupiniquins* do radioteatro levado ao ar originalmente pela CBS, nos Estados Unidos. Além do mais, a qualidade do produto era inferior ao norte-americano. (p. 113-114).

No contexto internacional, o rádio também já era objeto de estudo acadêmico e preocupação intelectual. Uma análise do pensamento sobre o meio naquela época é proposta no capítulo de Valci Zuculoto que fecha a segunda parte do livro:

O rádio é o grande fenômeno da comunicação de massa na época de *A Guerra dos Mundos*. Os intelectuais da época se dividiram entre o fascínio com as suas possibilidades expressivas, a preocupação com o seu uso político e o desprezo por seu valor cultural. (...) Adorno, Arnheim e Brecht refletiram sobre o rádio justamente num dos períodos mais importantes para o entendimento da trajetória e da função deste meio de comunicação na sociedade: a fase em que o veículo se implantou e começou a viver seu apogeu e sua consolidação definitiva. (...) É claro que apenas com estes três textos aqui apresentados, Adorno, Arnheim e Brecht não dão conta de evidenciar profunda e integralmente como foi a trajetória e o desenvolvimento do rádio naquela época. Mas suas reflexões nos apontam pistas enormes, que quanto mais alimentarem linhas de investigação mais permitirão um avanço nos ainda poucos estudos acerca do rádio. (p. 119 e 128).

## Sobre o legado

A terceira parte de *Rádio e Pânico* discute o legado do histórico programa. A seção é aberta pelo texto de Gisela Ortriwano, que observa a estética do radiojornalismo que aparece em *A Guerra dos Mundos* e segue vigente ao final do século XX, além de lembrar alguns exemplos de repetição do experimento no Brasil:

A experiência de Orson Welles permitiu que várias características do rádio pudessem ser analisadas e posteriormente utilizadas – ou evitadas – conscientemente. Deixou patente, acima de tudo, a responsabilidade do comunicador em relação à mensagem que emite e suas consequências. (...) Os formatos radiojornalísticos conhecidos e bem-sucedidos em 1938 foram utilizados com rigor. Estão presentes aqueles que mais atraíram o ouvinte norte-americano, reunindo as características próprias de qualquer mensagem radiofônica. Na peça há uma mescla de formatos entre o padrão dramático do radioteatro e o padrão dos serviços de informação jornalística construindo, assim, um novo modelo estético radiofônico. (...) Esses modelos são utilizados ainda hoje, por exemplo, em programas policiais, que já fizeram muito sucesso no rádio e hoje estão a granel na televisão. De maneira geral, em coberturas jornalísticas de eventos que envolvem comoção pública, o padrão continua presente e é explorado à exaustão por muitas emissoras que têm no sensacionalismo seu principal trunfo. A questão ética parece ficar esquecida. Basta pensar em casos como a cobertura da doença e morte de Tancredo Neves (21.04.1985), a morte do piloto Ayrton Senna (01.05.1994) ou dos componentes do conjunto musical Mamonas Assassinas (03.05.1996), entre tantos outros. (p. 119 e seguintes).

Em seu texto, Gisela Ortriwano também faz referência a um antecessor de Orson Welles no gênero de “radiodesastre”. Ela cita a rebelião dramatizada pelo padre católico Ronald Knox, um escritor de novelas policiais, na BBC de Londres em 16 de janeiro de 1926 (p. 148). Outros antecessores do mesmo gênero de *A Guerra dos Mundos* são citados no capítulo seguinte de *Rádio e Pânico*, de Luiz Maranhão Filho, estes protagonizados por emissoras da França e da Itália, e também do Brasil:

Enquanto o texto francês foi irradiado em 1932, supõe-se que a iniciativa italiana é contemporânea do feito de Welles. (...) Curiosamente, este gênero dito sensacionalista poderá ter chegado ao nosso país, pela via do noticiário das agências telegráficas nos jornais, desde os anos 30, quando as experiências radiofônicas atravessavam fronteiras. Tanto é assim que, no ano de 1933, o Rádio Clube de Pernambuco realizou um concurso de peças teatrais e o resultado foi surpreendente: um jovem estudante, ainda desconhecido, conquistou o 1º. lugar, com um trabalho do gênero-surpresa. A peça se chamava “Boca da Noite” e focalizava situações de pânico, transmitidas ao telefone por

ouvintes que se valiam da vocação de prestador de serviços que o rádio começava a revelar. Tudo em razão de momentânea falta de luz elétrica em diferentes locais. Este autor conquistaria o rádio brasileiro, nos anos 50, transitando pela Rádio Nacional e emissoras paulistas: Teófilo de Barros Filho. (p.158-160).

O fenômeno *A Guerra dos Mundos* aumentou o interesse sobre os efeitos e a recepção de produtos midiáticos. Este é o legado destacado no capítulo de Mágda Cunha, que volta a ter importância enfatizada em tempos de *fake-news*:

As consequências de *A Guerra dos Mundos* revitalizaram o interesse pelo estudo dos efeitos da mídia. As pesquisas então realizadas demonstraram a importância da observação do contexto, da heterogeneidade da audiência e do reconhecimento da autoridade do emissor no pólo da recepção. (...) Hoje, 60 anos depois, o fato ainda é alvo de pesquisas. Não fossem as reações desesperadas daqueles ouvintes, em função de um contexto difícil no qual viviam, a adaptação de Orson Welles talvez não passasse de mais um programa radiofônico como tantos que o rádio levou ao ar nos últimos 60 anos e vem apresentando desde sua fase inicial. Em muitos casos, a reação dos ouvintes sequer é levada em consideração, uma vez que o dia-a-dia de muitos deles chegou à banalização que controla o pânico. Certas perguntas em torno das reações do público, diante da comunicação, poderão encontrar diferentes respostas, em diferentes momentos, de acordo com o contexto e a autorização que o receptor conceder aos respectivos emissores. Porém, permanece sempre a questão: por que certas pessoas acreditam em tudo o que ouvem e outras sempre colocam qualquer informação em dúvida? (p. 167 e seguintes.)

O jogo entre realidade e ficção é retomado no texto seguinte, em que Romário Schettino utiliza os conceitos para criticar a qualidade do radiojornalismo brasileiro na virada do século:

O radiojornalismo brasileiro, sobretudo o das rádios FM, transforma em ficção a realidade nacional. Não há reportagens e as poucas transmissões ao vivo não refletem o acontecimento na sua totalidade. Não há sequer uma experiência de documentário radiofônico com regularidade. A opção preferencial pelas notícias “frias” feitas em redação, copiadas dos jornais e das agências noticiosas acaba por construir um clima “ficcional”, distante, incompatível com a missão do rádio em termos educativos, formador da cidadania. O jornalismo produzido nas rádios FMs brasileiras é ascético, não-investigativo, quase nulo. (...) Enquanto a experiência de Orson Welles ensina, com os seus efeitos dramáticos sobre a sociedade, que o ouvinte tem necessidades e depende da informação corretamente oferecida, com depoimentos verdadeiros e dito por pessoas qualificadas, no momento exato em que os fatos estão acontecendo, o jornalismo radiofônico brasileiro prefere apostar no caminho inverso. (p. 178-179).

No último texto da seção, João Batista de Abreu discute a possibilidade de um fenômeno como *A Guerra dos Mundos* do rádio se repetir na internet, um

meio que ainda engatinhava no Brasil quando da publicação de *Rádio e Pânico*:

A hipótese de um Primeiro de Abril na rede mundial de computadores é tão plausível quanto a do trote de Halloween produzido por Welles no rádio. A Internet oferece o campo ideal para performances como a de *A Guerra dos Mundos* nesta virada do milênio. (...) Hoje a Internet – que tem origem nos anos 60 como estratégia de defesa desenvolvida no Pentágono – ganha cada vez mais adeptos, semelhante ao rádio nos anos 30. Em pouco tempo, a rede por computador conquistou espaços gigantescos e ganhou vida própria nos cinco continentes. Trocam-se livremente informações, mensagens, dados culturais em tempo real e sem interferência estatal. O verbo “trocar” é fundamental porque expressa a característica interativa do novo veículo de comunicação. Talvez daqui a alguns anos a expressão “deu na Internet”, que atualmente significa “saber primeiro”, “saber quase na hora do acontecimento”, adquira também o sentido de “verdade inquestionável”. (p. 189 e seguintes).



**Figura 2:** CD que acompanha a publicação

### **O roteiro e o CD**

A quarta parte do livro, apresentada como “Anexo”, traz a versão brasileira do roteiro original de Howard Koch, editado por Luiz Maranhão Filho a partir de várias traduções a que teve acesso. Luiz Maranhão Filho também dirigiu a gravação desta versão brasileira para o CD-Áudio que acompanhou o livro, produzido no Estúdio 3 de Recife com elenco da Associação dos Artistas da Era de Ouro do Rádio de Pernambuco. A gravação foi cuidadosa na reconstituição

da trilha musical e dos efeitos sonoros originais, e os tropeços de alguns atores na pronúncia de nomes próprios mantidos em inglês não comprometeram totalmente seu efeito: através dela, a magia de *A Guerra dos Mundos* pôde ser revivida no Brasil por milhares de ouvintes, e esta experiência explica boa parte da repercussão do lançamento do livro na mídia<sup>35</sup>.

### **O remake<sup>36</sup>**

Em 2013, passados 15 anos do lançamento de *Rádio e Pânico* e 75 anos do programa de Orson Welles, o já agora denominado Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom lançou um *remake* do livro denominado *Rádio e Pânico 2: A Guerra dos Mundos 75 anos depois*, novamente organizado por Eduardo Meditsch. Este foi o 18º livro coletivo do grupo, consolidado desde o pioneiro como uma rede de pesquisa que se tornaria mais orgânica com a ajuda de um grupo de *e-mail* criado logo após o primeiro *Rádio e Pânico*, e que permanece sendo o seu principal instrumento de comunicação interna em 2021.

A decisão de fazer um novo livro, e não somente uma nova edição, se deveu ao acesso a muitas novas informações sobre o histórico programa de rádio de Orson Welles, facilitado agora pela expansão da internet, que apenas engatinhava em nosso país quando o primeiro *Rádio e Pânico* foi lançado. Foi após a publicação do livro que muitas informações sobre *A Guerra dos Mundos* de Orson Welles começaram a ser postadas (inclusive o áudio do programa original, que antes só circulava em fita cassete), e puderam ser resgatadas, nos novos sebos virtuais, algumas obras muito importantes, como os livros do psicólogo social Hadley Cantril, de 1940, e o do roteirista Howard Koch, de 1970, aos quais só tínhamos tido acesso a informações parciais até então.

---

<sup>35</sup> A gravação foi feita sob a direção de Luiz Maranhão Filho e Marcos Macena, com sonoplastia de Hugo Martins e edição técnica de Gilson Melo. Os três primeiros também atuaram como atores, além de Albuquerque Pereira, Edson de Almeida (ex-Repórter Esso), Ribas Neto, Fernando Castelão, Bianor Batista, Manuel Malta, Ruy Cabral e Aldemar Paiva.

<sup>36</sup> Entre as traduções a que se teve acesso até então, além da de Eglê Malheiros a que vamos nos referir adiante no texto, estava também a publicada na coletânea *Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea*, organizada por Lilian Zaremba e Ivan Bentes e publicada em selo da Escola de Comunicação da UFRJ em 1996. Lilian Zaremba estava entre as autoras convidadas a participar do *Rádio e Pânico*, mas sua participação acabou não se confirmando.

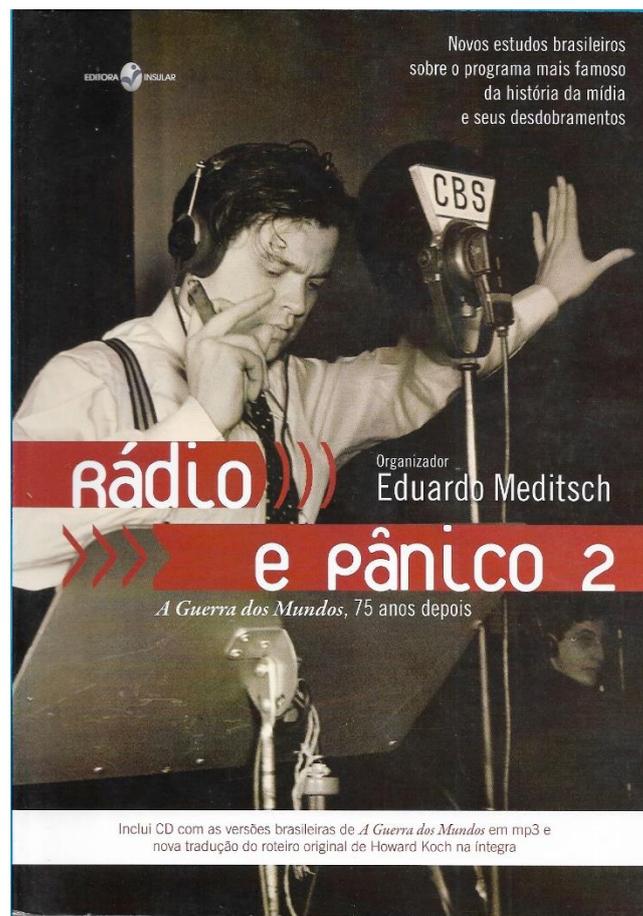
*Rádio e Pânico 2* foi programado inicialmente para ser lançado no septuagésimo aniversário de *A Guerra dos Mundos* e décimo aniversário do primeiro livro, em 2008. Com a meta daquela data, foi mobilizado mais uma vez o grupo de pesquisadores, especialmente os autores que participaram do primeiro livro, com algumas novas adesões importantes, e foi produzida, desta vez no Rio Grande do Sul, uma nova versão brasileira do programa em áudio, com sonoplastia e trilha musical contemporânea, interpretada pelo Núcleo de Peças Radiofônicas de Porto Alegre sob a direção de Mirna Spritzer. O CD que acompanha o novo livro, produzido pela equipe da Famecos da PUC-RS sob a coordenação de Luciano Klöckner e Dóris Haussen, também inclui um áudio-documentário sobre os 70 anos de *A Guerra dos Mundos* dirigido pelos dois professores.

Mas as defecções de alguns autores do primeiro livro provocaram um adiamento do projeto do 70º ao 75º aniversário. Gisela Swetlana Ortriwano havia falecido (depois dela, Luiz Carlos Saroldi e Valério Cruz Brittos também partiram), e vários outros colegas estavam sem disponibilidade ou não viram como atualizar seus textos. A proposta de fazer um livro inteiramente novo com os mesmos autores, e não apenas uma segunda edição, ficou parcialmente comprometida, e o cronograma inicial foi sendo retardado enquanto se pensava uma solução à altura do êxito do primeiro livro.

Neste meio tempo, foi publicada a excelente pesquisa do escritor inglês John Gosling sobre o programa de 1938 e seus desdobramentos, publicada em livro em 2009, que traz dois furos de reportagem (no *Rádio e Pânico* original) sobre o Brasil: as histórias da repetição de *A Guerra dos Mundos* em São Luiz do Maranhão, em 1971, e da barriga do histórico *Repórter Esso*, que teria noticiado o pouso de um disco voador na cidade mineira de Caratinga, em 1954. Com a participação de equipes maranhenses e mineiras de pesquisadores, que se dispuseram a escrever sobre esses assuntos, as histórias foram incluídas na nova versão.

Por fim, *Rádio e Pânico 2* foi completado, como pretendido, como um livro

novo. Alguns textos, dos autores que participaram do primeiro, são atualizações, revisões, complementações ou continuações do que já haviam publicado lá: é o caso dos capítulos de autoria de Sérgio Endler, Eduardo Meditsch, Carlos Eduardo Esch e Nélia Del Bianco, Hugo Vela, Dóris Haussen, Mágda Cunha, Valci Zuculoto e João Batista de Abreu Jr. Outros não constavam do primeiro *Rádio e Pânico* e só foram escritos para este, como os de Mirna Spritzer, sobre a interpretação de Orson Welles; de Macelle Khouri, sobre A Guerra dos Mundos no cinema; de Juliana Gobbi Betti, sobre as redes de rádio nos Estados Unidos ao tempo do programa; de Wanir Campelo et al., sobre o disco voador mineiro que apareceu no Repórter Esso; de Francisco da Conceição et al., sobre a batalha de São Luiz do Maranhão; e de Luiz Artur Ferraretto, sobre o momento histórico do rádio brasileiro em 1938.



**Figura 3:** Capa do livro *Rádio e Pânico 2*

O roteiro original de Howard Koch de *A Guerra dos Mundos* para o *Mercury Theater* também é apresentado em outra tradução. Se no primeiro livro foi utilizada uma montagem de várias versões, privilegiando a forma radiofônica, no segundo foi recuperada a íntegra da tradução da escritora catarinense Eglê Malheiros, privilegiando agora a forma literária original<sup>37</sup>.

### **Consolidação**

Primeira pesquisa em rede e primeiro livro coletivo do Grupo de Trabalho, Núcleo e depois Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom, com um considerável impacto tanto no meio acadêmico quanto no profissional – o que se refletiu na cobertura de seu lançamento pela mídia – o lançamento de *Rádio e Pânico* representou um momento de consolidação, divulgação, ampliação e animação do grupo de pesquisadoras e pesquisadores que já se reunia desde 1991 e que a partir deste primeiro livro, de 1998, passou a ser apontado como uma referência aos demais grupos de pesquisa da Intercom. Mais do que uma resenha da obra, este artigo procurou recuperar também o seu contexto histórico, além de enfatizar a riqueza do diálogo multidisciplinar entre as perspectivas de estudo que já caracterizavam o grupo ao final do século passado.

### **Referências:**

MEDITSCH, Eduardo. (org.) **Rádio e Pânico**: a Guerra dos Mundos 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.

MEDITSCH, Eduardo. (org.) **Rádio e Pânico 2**: a guerra dos mundos, 75 anos depois. Florianópolis: Insular, 2013.

ZAREMBA, Lilian; BENTES, Ivana (org.). **Rádio Nova**: constelações da radiofonia contemporânea. Rio de Janeiro: Publique-UFRJ, 1996.

---

<sup>37</sup> Tradução publicada originalmente na *Antologia Cósmica: primeiros contatos com seres extraterrestres*, organizada por Fausto Cunha, de 1981.

## O escritor e o rádio – sete romances de Erico Verissimo

*The writer and the radio – seven novels by Erico Verissimo*

*El escritor y la radio – siete romances de Erico Verissimo*

---

Doris Fagundes Haussen

### Resumo

O artigo analisa a presença do rádio em sete romances de Erico Verissimo publicados entre 1933 e 1943, período em que o veículo era implantado e desenvolvido no país. Procura-se verificar como o rádio é incorporado na produção literária e, também, refletir sobre os imaginários circulantes sobre a nova tecnologia à época. Com estes objetivos, foram analisados os 58 trechos em que o rádio é citado e as categorias radiofônicas presentes. Conclui-se que o veículo é percebido principalmente como nova tecnologia e símbolo de status, sendo utilizado para difundir música, notícias, publicidade, novelas e novas profissões como as cantoras de rádio. Estas categorias vão surgindo à medida que o rádio vai se estabelecendo ao longo do tempo e o escritor as incorpora. O estudo sobre imaginário baseou-se em Morin (1984), Silva (2003), Sarlo (1997) e Beauvoir (1982).

**Palavras-Chave:** rádio; romance; imaginários; Erico Verissimo.

---

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 04/06/2021 aceito em: 15/09/2021.

>> **Como citar este texto:**

HAUSSEN, Doris. O escritor e o rádio – sete romances de Erico Verissimo. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 154-166, mai./ago. 2021.

### Sobre a autora

Doris Fagundes

[dorishaussen@gmail.com](mailto:dorishaussen@gmail.com)

<http://orcid.org/0000-0001-8022-6568>

Jornalista formada pela Famedcos/PUCRS, especialista em Rádio pela Ciespal, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Autônoma de Barcelona. Bolsista PQ/CNPq associada à PUCRS onde foi professora de Graduação e Pós-Graduação. Professora aposentada da Fabico/UFRGS.

### **Abstract**

The article analyzes the presence of radio in seven Erico Verissimo novels published between 1933-1943, a period in which the vehicle was deployed and developed in the country. It seeks to verify how radio is incorporated into literacy production and reflected the circulating imaginaries about the new technology at the time. With these objectives, the 58 excerpts in the novels and the radio categories present were analyzed. It is concluded that the medium is perceived as new technology and status symbol, being used to broadcast music, news, advertising, soap operas and recent professions such as radio singers. These categories emerge as the radio is established over time and the writer incorporates them. The study about imaginaries utilized the authors Morin (1984), Silva (2003), Sarlo (1997) and Beauvoir (1982).

**Keywords:** radio; romance; imaginaries; Erico Verissimo.

### **Resumen**

El artículo analiza la presencia de la radio en siete romances de Erico Verissimo publicados entre 1933 y 1943, período en que el vehículo se implantaba y desarrollaba en el país. Se busca verificar como la radio es incorporada en la producción literaria y, además, reflejar sobre los imaginarios circulantes respecto a la nueva tecnología en el período. Con estos objetivos han sido analizados 58 excertos en los que la radio es citada y las categorías radiofónicas presentes. La conclusión es que el medio es percibido principalmente como nueva tecnología y símbolo de status, siendo utilizado para difundir música, noticias, publicidad, novelas y profesiones recientes como de las cantantes de radio. Las categorías van surgiendo en la medida en que la radio va se estableciendo y el escritor las incorpora. El estudio sobre imaginario ha utilizado los autores Morin (1984), Silva (2003), Sarlo (1997) y Beauvoir (1982).

**Palabras clave:** radio; romance; imaginarios; Erico Verissimo.

### **Introdução**

Ao longo de sua trajetória literária Erico Verissimo produziu mais de trinta livros, entre romances, obras dedicadas às crianças e aos jovens, livros de viagem e autobiográficos (HOHLFELDT,1984). O escritor nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 1905, e faleceu em Porto Alegre, em 1975. Sua juventude

coincide com o nascimento do rádio e, ao longo da sua carreira, esta influência aparece em muitos de seus livros e, também, na sua atuação no veículo. Já em 1937, Verissimo contava histórias para crianças na rádio Sociedade Farroupilha de Porto Alegre:

Na então PRH-2, incorpora, diariamente, o *Amigo Velho*, improvisando estórias para a *Hora Infantil* da emissora. Muitas delas vão aparecer em livros como *As aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres* ou *Rosa Maria no castelo encantado*, editados pela Coleção Nanquinote. No programa funciona, ainda, o Clube dos Três Porquinhos, que confere diplomas aos ouvintes-mirins, a ele associados. (FERRARETTO, 2017, online)

O primeiro livro de contos de Erico Verissimo, "Fantoches", é lançado em 1932, e até a metade dos anos 40 ele produziria sete romances e dois livros de viagens, além de livros infantis. Os romances são *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1935), *Um lugar ao sol* (1936), *Olhai os lírios do campo* (1938), *Saga* (1941) e *O resto é silêncio* (1943). Um segundo momento da obra de Verissimo compreende a publicação de *O tempo e o vento*, composta por *O continente* (1947), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961). Neste meio tempo ele também publica a novela *Noite* (1954). Posteriormente, em 1965, é lançado *O senhor embaixador*, e por último, em 1971, *Incidente em Antares*.

Este artigo analisa a presença do rádio nos sete romances que constituem o que foi chamado de "ciclo de Porto Alegre", pois neles os enredos referem-se principalmente à capital gaúcha, e que coincide com a implantação do rádio na cidade e no mundo. O objetivo é verificar como o autor, que vive também os primeiros anos do veículo, percebe e inclui o rádio em sua produção literária. Busca-se, ainda, refletir sobre os imaginários que circulavam sobre a nova tecnologia à época, e que são apropriados por Erico Verissimo. Neste sentido, analisou-se os trechos em que o rádio é citado e as categorias radiofônicas estão presentes. Para os estudos sobre o imaginário os autores utilizados foram Morin (1984), Silva (2001), Sarlo (1997) e Beauvoir (1982).

### **Os livros e o rádio**

Nos sete romances analisados o rádio está presente, havendo, no total, 58 alusões ao veículo que remetem, principalmente, ao rádio como símbolo de

status e nova tecnologia (22 citações) e à música ouvida nas emissoras (14 citações). A seguir aparecem as cantoras de rádio (9 citações), as notícias (7), a publicidade (2), as novelas (2), e, por fim, a política e a prestação de serviços (1 citação cada).

Em *Clarissa* (1933) há duas citações e elas referem-se à importância de possuir um aparelho de rádio e à música irradiada por emissora de Buenos Aires e captada na cidade. *Caminhos cruzados* (1935) traz dez citações, sendo cinco sobre música e cinco sobre o aparelho e o hábito de ouvir rádio. *Música ao longe* (1935) apresenta três inserções sobre o veículo, todas sobre o rádio como nova tecnologia. *Um lugar ao sol* (1936) traz oito referências, sendo três sobre o aparelho assim como três relativas à música e duas sobre as cantoras de rádio. *Olhai os lírios do campo* (1938) conta com seis inserções, sendo duas sobre a música e, com uma referência cada, a prestação de serviços, o aparelho, a política e a informação. *Saga* (1941) é o romance que mais aborda o rádio, com 19 inserções. Delas, sete são sobre cantoras de rádio, seis sobre o status de possuir um aparelho, três são sobre notícias, duas referem-se à publicidade e uma sobre música. Por fim, *O resto é silêncio* (1943) traz dez inserções, sendo que as notícias e o aparelho de rádio contam com três inserções cada e a música e as novelas duas referências cada uma.

A seguir, no quadro 1 apresenta-se as categorias preponderantes, o número de inserções e o total:

**Quadro 1**

Categorias	Inserções sobre Rádio
Nova tecnologia/status	22
Música	14
Cantoras de rádio	9
Notícias	7
Novelas	2
Publicidade	2

Política	1
Prestação de serviços	1
<b>Total</b>	<b>58</b>

Fonte: Elaboração própria

No quadro 2 indica-se os romances analisados, as categorias predominantes e o número de inserções por romance, além do total:

**Quadro 2**

Romance/Ano	N.tec.	Música	Cantoras	Notícias	Publicidade	Novelas	Política	Prest serv	Total
Clarissa (1933)	1	1							2
Caminhos Cruzados (1935)	5	5							10
Música ao longe (1935)	3								3
Um lugar ao sol (1936)	3	3	2						8
Olhai os lírios do campo (1938)	1	2		1			1	1	6
Saga (1941)	6	1	7	3	2				19
O Resto é Silêncio (1943)	3	2		3		2			10
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>14</b>	<b>9</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>58</b>

Fonte: Elaboração própria

Ao se analisar os quadros observa-se, com clareza, a evolução histórica e de programação do veículo. Nos três primeiros romances, de 1933 e 1935, o rádio surge como a nova tecnologia presente na vida social e símbolo de status de possuir um aparelho, além da possibilidade de se ouvir música. As cantoras de rádio são citadas pela primeira vez no romance de 1936 e o escritor ainda não utiliza o veículo como outras possibilidades. A partir do quarto romance, de 1938, já aparecem citações sobre as notícias, a política e a prestação de serviços. No livro de 1941 a publicidade aparece no enredo e, por fim, na obra de 1943 a radionovela é utilizada na trama e coincide com a introdução do gênero na Rádio Difusora Porto-Alegrense, mostrando a sintonia que Erico Verissimo tinha com o que ocorria efetivamente no rádio da cidade. Conforme Ferraretto (2002):

Até 1943, no radioteatro gaúcho, preponderavam *sketches* e peças isoladas. Naquele ano, adquirem contornos mais definidos as narrativas noveladas – em que o enredo se desenvolve, de forma encadeada, ao longo de vários capítulos – e seriada – na qual a cada episódio, embora os personagens básicos sejam os mesmos, apresenta-se uma estória com início, meio e fim. (FERRARETTO, 2002, p. 184).

De acordo com o autor, a primeira novela a ser irradiada foi “no dia 28 de março de 1943, um domingo às 20h, quando os ouvintes da Rádio Difusora Porto-Alegrense começaram a acompanhar o Folhetim Sonoro da PRF-9, com o drama *O Solar dos Alvarenga*, novela escrita por Roberto Lis” (FERRARETTO, 2002, p. 184). É interessante lembrar, ainda, que em 1941, tinha sido radiofonizada a primeira novela no Brasil, “Em busca da felicidade”, do cubano Leandro Blanco, adaptada por Gilberto Martins (HAUSSEN, 2017).

### **Uma cronologia**

Em 1933, quando *Clarissa* é lançado, Porto Alegre contava com uma emissora, a Rádio Sociedade Gaúcha, fundada em 1927 (as outras duas a serem implantadas seriam a Rádio Difusora, em 1934, e a Rádio Farroupilha, em 1935). Erico Verissimo estava com 28 anos de idade, e sua adolescência e juventude haviam acompanhado o nascimento e implementação do veículo no país. Este fato esclarece, de certa maneira, as referências ao rádio como símbolo de status e nova tecnologia, preponderantes nos romances dos anos 30 e 40 do autor. Numa das citações sobre o rádio em *Clarissa* observa-se a importância que era conferida a quem possuísse um aparelho de rádio e o sentimento de injustiça que tomava o personagem Levinsky:

Pois ali naquele palacete mora um homem rico, que tem dinheiro no banco, que tem muitos filhos que andam bem-vestidos e bebem bastante leite. Um homem que tem uma casa, rica, cheia de quadros, de vasos, de tapetes, de rádios, vitrolas, gatos, cachorros. Agora eu pergunto: isto está direito? Isto é justo? (VERISSIMO, 1999, p. 188).

Por outro lado, a magia propiciada pelo rádio de poder se ouvir, através das ondas curtas, a música e a locução de outro país, era sentida por Clarissa:

Do rádio da casa vizinha vem a voz do *speaker*. – LR 3, *Rádio Nacional de Buenos Aires*. Uma voz grave e sonora. Buenos Aires ... – pensa Clarissa.

Deve ser bonito ... Casas altas, muito altas, muita gente, teatros, cinemas, praças ... Viajar ... Ir pelo mundo, ver coisas novas (...) Outra vez a voz do *speaker*: – *Se va a transmitir ahora el Nocturno nº 2 de Chopin. Gravación.* Um violoncelo começa a gemer. (VERISSIMO, 1999, p. 166).

*Caminhos cruzados* (1935) faz dez alusões ao rádio, sendo cinco sobre música e cinco sobre o aparelho e o hábito de ouvir o veículo. Nas relativas à música, o autor descreve a personagem que dança ao som da música, o motorista que ouve rádio no carro e a dona de casa que aprecia música. Já personagens como o professor Clarimundo têm uma visão contraditória sobre o veículo, ao mesmo tempo que admiram o progresso científico apresentam críticas aos excessos do uso das novas invenções.

O progresso é horrível: bondes, automóveis, gramofones, rádios, máquinas, máquinas e mais máquinas. A admiração de Clarimundo pela ciência, que tornou possível todas estas máquinas, fica limitada dentro dos limites da teoria. Um rádio não é admirável porque nos faça ouvir música, mas sim porque é um milagre da ciência. (VERISSIMO, 1940, p. 180-181).

No livro de 1935 Verissimo já faz alusão ao rádio no carro:

O motor começa a trabalhar: um tamborilar macio e surdo. O carro arranca. D. Dodó respira (...) – Jacinto, ligue o rádio. O chauffeur obedece. O alto-falante produz um tiroteio breve cortado de assobios. Depois uma onda de música invade o carro. Uma valsa. (VERISSIMO, 1940, p. 63-64).

Assim como o aparelho de rádio em casa, o dos automóveis também era sinônimo de status e modernidade:

Dentro duma baratinha Dodge um rádio jorra para o ar luminoso os mesmos sons que neste mesmo instante os músicos da Banda Municipal produzem no auditório Araújo Viana. Verdi. (...) Todos os músicos da Banda Municipal agora se manifestam num final grandioso. Parece que o alto-falante do rádio da baratinha vai arrebentar. (VERISSIMO, 1940, p. 161).

Em *Música ao longe* (1935) há três referências ao rádio e todas remetem à nova tecnologia. A década de 30 do século XX ainda reflete as grandes descobertas do final do século anterior e se deslumbra com as novas invenções, como aponta o texto de Verissimo (1981):

O velho Leocádio Santarém é o homem mais instruído da cidade. Inventou um calendário perpétuo, descobriu uma constelação nova no céu e comunicou a descoberta a uma sociedade francesa de astronomia. Faz sonetos, sabe grego e

aramaico, é charadista de primeira ordem e muito antes de Marconi sonhar com o sem-fio já ele andava fazendo experiências no pátio de casa com um aparelho muito semelhante aos de radiotelefonia. (VERISSIMO, 1981, p. 71).

O encantamento com as novas invenções era sentido no mundo inteiro, e apontava para grandes transformações, como destaca Sarlo (1997):

O impacto tem a ver com a possibilidade ao mesmo tempo tecnológica e cultural do meio: com efeito, trata-se não só de uma inovação espetacular senão um novo gênero cultural em sentido estrito. Como inovação realiza fantasias que não são apenas tecnológicas: a comunicação sem fio à distância, a captação de ondas invisíveis, a manipulação da recepção, sobretudo em aparelhos a galena, a presença da voz e a música sem corpo, que remete à desmaterialização e ao trânsito de uma cultura baseada na visão não mediada a uma cultura sustentada sobre a mediação. (SARLO, 1997, p. 16-17).<sup>38</sup>

Para a autora, se o rádio dos anos iniciais “é um invento milagroso, outros inventos, os mais adoidados ou os mais triviais, ocupam técnicos e aficionados. A própria figura do inventor como tipo moderno implanta-se na imaginação dos jornalistas, comerciantes e cidadãos habilidosos” (SARLO, 1997, p. 17).

Em 1936, Verissimo publica *Um lugar ao sol* e no romance há citações sobre a música, o aparelho de rádio e, pela primeira vez, aparece o tema das cantoras de rádio. Em sua trama o autor aborda o conflito que surge nas famílias em que as moças queriam fazer carreira no veículo. Lu, a filha, tinha sonhos:

Era moça, queria aproveitar a vida. Um dia a velhice chegava e tudo ficava perdido para sempre. Não havia moças que tinham automóveis, que cantavam no rádio, que viajavam, que dançavam, que possuíam vestidos bonitos? (VERISSIMO, 1978, p. 192).

**Dona Magnólia, mãe de Lu, pensa diferente:**

“Seus olhos entristeciam. A filha era desobediente, má, atrevida. Queria viver na pândega. Namorava um rapaz perdido com jogo e com mulheres. Queria cantar no rádio. Sentia-se atraída por tudo quanto era divertimento de Satanás”. (VERISSIMO, 1978, p. 226).

*Olhai os lírios do campo*, lançado em 1938, apresenta seis inserções sobre o rádio, de temas variados. Entre eles, aparece pela primeira vez o rádio como prestador de serviços, no caso, a busca de informações sobre um desaparecido:

---

<sup>38</sup> Tradução do espanhol pela autora.

Comprou um jornal no primeiro *stand*, abriu-o e procurou a página dos pequenos anúncios. Lá estava a nota que mandara publicar. “Deseja-se saber o paradeiro de Ernesto Fontes. (Seguiam-se os sinais). Quem der uma informação segura ao Dr. Eugênio Fontes, Rua da Paz, 675, receberá boa gratificação”. Mandara ler aquelas mesmas palavras nas estações de rádio locais. Havia de achar Ernesto, custasse o que custasse. (VERISSIMO, 2003, p. 182).

O romance *Saga*, de 1941, é o que mais traz citações sobre o rádio, 19 no total. Nele, volta o tema das cantoras de rádio assim como o da presença do aparelho nos diversos locais e a sua importância como a principal tecnologia de então. Também são citadas a publicidade, a música e as notícias. Sobre a publicidade nota-se a crítica aos excessos do apelo ao consumo:

Os anúncios publicados nos jornais, berrados nos rádios ou pessoalmente por meio de vendedores renitentes convencem a esposa de Anacleto que ela precisa ter um novo refrigerador com *fecho de metal cromado*. Inventam uma nova espécie de vergonha: a de não ter em casa um refrigerador com esse “novo dispositivo”. (VERISSIMO, 1985, p. 300).

Há, também uma primeira citação à televisão do personagem dom Miguel, ferido na guerra e hospitalizado junto com Vasco (personagem principal), em que se destaca o espírito do tempo:

Os homens complicaram muito a vida. Veja ... Rádio, jornais sensacionalistas, televisão, aviões. Pressa, muita pressa. Vive-se depressa, morre-se depressa, come-se depressa, ama-se depressa. É como se quiséssemos chegar o quanto antes a um ponto determinado. No fim veremos que não há nenhum objetivo sério. E os homens, cansados e gastos, vítimas das máquinas e dos mitos que eles mesmo criaram, chegarão à certeza de que é preciso procurar outra coisa... (VERISSIMO, 1985, p. 125).

O autor também aborda a publicidade, com as características da época, e a apresentação das cantoras de rádio:

Ouve-se a voz do *speaker*: – Vamos agora apresentar aos nossos ouvintes a “Pequena Prodígio”. – E com uma ênfase pernóstica, destacando bem as sílabas: Mo-des-ti-na Bra-ga, num programa do Xarope Bronquialívio, o melhor remédio contra a tosse. Prezados ouvintes, não se esqueçam: Quando Romeu subiu no balcão da sua amada numa noite de inverno e apanhou tremendo resfriado, teve suas declarações de amor interrompidas várias vezes por um acesso de tosse. E a bela Julieta lhe murmurou ao ouvido: “Meu amor, por que não tomas Bronquialívio?” – Com voz mais forte e gloriosa conclui: – Bronquialívio, o remédio que podia merecer um poema de Shakespeare! Ouve-se ao fundo a orquestra tocar em surdina uma valsa lenta. (VERISSIMO, 1985, p. 232).

Em relação às notícias, há referência ao início da guerra: “Domingo à tarde, na casa de Noel e Fernanda. Acabamos de ouvir pelo rádio as últimas notícias da Europa. A guerra foi declarada. Estamos deprimidos. Sete caras sombrias” (VERISSIMO, p. 305). Por outro lado, o medo em relação às consequências do conflito, já são sentidas pelo personagem de Vasco:

Não deixarei que os jornais continuem entrando nesta casa ou que o rádio todos os dias aí esteja a narrar os horrores da guerra. Porque não quero que o meu filho antes de nascer comece já a sofrer através da mãe, as dores de um mundo sombrio e doido. (VERISSIMO, 1985, p. 343).

No último romance analisado para este artigo, *O resto é silêncio*, de 1943, há dez citações sobre o rádio, relativas ao aparelho, às notícias, à música e às radionovelas. Sobre a influência dos meios de comunicação e das radionovelas, as considerações são do personagem padre Marcelo, que faz anotações para o seu próximo sermão: “Mencionar as novelas escritas para alimentar o apetite sensacionalista do público – apetite este alimentado pelos próprios americanos do norte através do rádio, do cinema, do livro, dos jornais e revistas”. (VERISSIMO, 1981, p. 182). O padre tem uma visão crítica sobre os meios de comunicação: “Necessidade de opor uma força a essa invasão que nos vem através do cinema, do rádio, do livro e da imprensa. O país se despersonaliza, absorvendo “americanices” todo o dia pelos olhos e pelos ouvidos”. (VERISSIMO, 1981, p. 183).

Por fim, percebe-se o rádio, como em todos os romances analisados anteriormente, sendo visto como fazendo parte de um hábito arraigado no cotidiano: “Passadas no andar superior, Rita martelando no piano, Nora cantarolando no quarto, Lívia dando ordens na cozinha, o rádio aberto na sala de estar, e de vez em quando, algum vendedor batendo palmas lá fora...” (VERISSIMO, 1981, p. 59).

### **O escritor e o imaginário**

O imaginário que Erico Verissimo apresenta em seus romances aponta para a vida cotidiana da primeira metade do século XX, com seus indicativos de modernidade: as máquinas, as invenções tecnológicas, a pressa, a publicidade

começando a incitar o consumo, o desejo de participar dessa nova sociedade. Neste sentido, são interessantes as observações da escritora Simone de Beauvoir (1982) sobre a produção do escritor:

Quer se trate de um romance, de uma autobiografia, de um ensaio, de uma obra de história, ou do que que seja, o escritor procura estabelecer uma comunicação com os outros a partir da singularidade de sua experiência vivida; sua obra deve manifestar sua existência e trazer sua marca: e esta, ele a imprime através de seu estilo, seu tom, o ritmo de sua narrativa. Nenhum gênero é, *a priori*, privilegiado ou condenado. A obra – se é uma realização – define-se, de toda maneira, como um universal singular, existindo sob a forma de imaginário. (BEAUVOIR, 1982, p. 128).

Os escritores, ao darem forma às suas ficções, utilizam-se, muitas vezes, de dados concretos da realidade para conferir sentido aos enredos criados. Ao fazê-lo, buscam no imaginário próprio ou no social, material para as suas construções. O imaginário, portanto, é a base dessas criações literárias. Neste sentido, Morin (1984) considera que o imaginário não só delinea o possível e o realizável, "mas cria mundos impossíveis e fantásticos" (MORIN, 1984, p. 81).

Por sua vez, Silva (2003) destaca que "no imaginário, nunca há verdade, pois nele tudo é invenção, narrativa, seleção, bricolagem, modo de ser no mundo. No imaginário, em consequência, não há verdadeiro nem falso. Como num romance, todos os enredos são possíveis e legítimos" (SILVA, 2003, p. 50). Para o autor,

Os melhores cartógrafos de imaginários são os escritores, os romancistas, os cronistas do cotidiano e os repórteres. Todos aqueles que procuram captar os flagrantes do vivido, livres da obsessão explicativa, impulsionados pelo vírus da empatia, da compreensão, da descrição, da fotografia. O imaginário é sempre irreduzível. Não se reduz ao utilitário, ao explicável, ao ideológico, à crença, à razão, ao científico, ao cognitivo, à cultura (...). Pelo imaginário, cada um faz da sua vida uma obra de arte. O autor, no caso, cria, involuntariamente, seus próprios parâmetros, seu público, seu cânone e a sua forma de narrar. (SILVA, 2003, p. 51).

É preciso lembrar, ainda, que no texto do ficcionista encontra-se também o receptor (ou a ideia que o autor faz deste receptor), como salienta Zilberman (1984):

No gesto que move o ficcionista, o cineasta, o desenhista de quadrinhos ou o roteirista de televisão, define-se de um lado o milenar gesto de narrar, testemunhar; do outro, sua esperança de contentar a inesgotável sede de fantasia e imaginação de seu leitor/espectador. (ZILBERMAN, 1984, p. 6).

Nos conteúdos das obras de ficção, portanto, encontra-se, também, a percepção relativa ao possível consumidor daquela produção. Neste sentido, Verissimo em sua obra inclui tanto os fatos reais e a sua percepção dos mesmos como a própria influência que o público exerce neste olhar do ficcionista. Em relação aos romances analisados, observa-se que o autor traz o imaginário do seu tempo, relativo principalmente à nova tecnologia radiofônica e a sua absorção pelo público no seu cotidiano. A importância de possuir um aparelho, o hábito de ouvir rádio, principalmente a música e as notícias, as novidades da publicidade e o fascínio das jovens por se apresentar no rádio fazem parte dos romances que retratam esse período inicial do veículo.

### **Considerações finais**

A aproximação entre rádio e literatura mostra que ficção e realidade se misturam para dar forma ao conteúdo projetado pelo escritor. No caso em análise neste artigo, observa-se que Erico Verissimo apoia-se na realidade quando se utiliza do rádio para compor os seus enredos ao mesmo tempo em que a ficção é introduzida. O rádio que aparece nos sete romances é o mesmo que se criava e solidificava naquele momento, e o deslumbramento com a nova tecnologia era uma realidade vivida pela sociedade.

Neste sentido, concorda-se com Sarlo (1997), quando a autora se refere às experiências com as tecnologias e o seu significado (tanto técnico quanto mítico):

*A aura técnica é um fenômeno novo, que se produz apenas quando uma área da tecnologia está suficientemente próxima para que outra pareça distanciada e inalcançável. Nesta defasagem entre o efetivamente incorporado à vida cotidiana e o que é apenas uma promessa, instala-se a imaginação ficcional, à qual interessam menos as explicações detalhadas dos processos do que o relato do que estes processos tornarão possível quando os dominemos por inteiro. (SARLO, 1997, p. 132).*

Um bom exemplo encontra-se em *Música ao longe* (1935), nas observações do personagem Leocádio Santarém, citado anteriormente, que, na ficção do autor, muito antes de Marconi já fazia experiências com um aparelho semelhante ao da radiotelegrafia.

Portanto, não é estranhável que, nos romances analisados, a inclusão do rádio como nova tecnologia seja constante em todos eles. O veículo, nos anos 30 do século XX, encontrava-se em implantação e, nos anos 40 se consolidaria. Neste sentido, a produção literária de Erico Verissimo, correspondente ao período entre 1933 e 1943, traz um rico panorama do desenvolvimento do rádio, além de uma admirável ficção.

### Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone. **Balanço final**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Editora da ULBRS, 2002.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **A Feira do Livro, os escritores e o rádio**, 2017. Disponível em: <http://www.radionors.jor.br/1999/12<sup>a</sup>-feira-do-livro-escritores-e-o-radio.html>. Acesso em 05 maio 2021.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e Política**. Tempos de Vargas e Perón. Porto Alegre: Edipucrs, 2017.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio e imaginário na obra de Erico Verissimo: uma análise de *Incidente em Antares*. **Revista Logos**. Rio de Janeiro, 2011, pp. 96-106. Disponível em: [www.e-publicacoes.uerj.br](http://www.e-publicacoes.uerj.br).
- HOHLFELDT, Antônio. **Erico Verissimo**. Porto Alegre: Tchê Comunicações. Coleção "Esses gaúchos", 1984.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. O espírito do tempo – 1. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- VERISSIMO, Erico. **Caminhos cruzados**. Edição Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.
- VERISSIMO, Erico. **Clarissa**. Edição São Paulo: Globo, 1999.
- VERISSIMO, Erico. **Um lugar ao sol**. Edição Porto Alegre: Ed. Globo, 1978.
- VERISSIMO, Erico. **Música ao longe**. Edição Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1981.
- VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. Edição São Paulo: Globo, 2003.
- VERISSIMO, Erico. **Saga**. Edição São Paulo: Globo, 1985.
- VERISSIMO, Erico. **O resto é silêncio**. Edição Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1981.
- SARLO, Beatriz. **La imaginación técnica. Sueños modernos de la cultura argentina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.
- SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina. 2001.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura e o apelo das massas. In: AVERBUCK, Ligia. **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo: Nobel, 1984.

## ENTREVISTA

### SONIA VIRGÍNIA MOREIRA

*Por: Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky, Eduardo Vicente e Lena Benzecry*



“Ao mesmo tempo que você fala para o local, você está falando para o nacional, você está falando para o mundo. Então, o estudo das geografias, em parte, também tem origem nessas avaliações e leituras minhas sobre o rádio local, regional e de como isso se traduz em muitos trabalhos do Grupo”.

### **Do espectro radiofônico aos espaços geográficos da Comunicação, uma pensadora que desbravou fronteiras**

**O** fundamental da pesquisa são os pesquisadores. É através deles e delas que se organiza o campo, que se articulam os projetos, que se constroem conceitos e que se desenvolvem metodologias. É muitas vezes por iniciativas individuais que se muda o caminho a seguir na área. Foi

assim no caso dos estudos de rádio e mídia sonora no Brasil. Há pouco mais de 30 anos, em 1991, duas pesquisadoras deram os primeiros – e cruciais – passos para o que hoje conhecemos como Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Sonia Virginia Moreira e Doris Fagundes Haussen iniciaram, como vocês puderam ler no dossiê desta edição da Radiofonias, o caminho dos estudos radiofônicos brasileiros.

Nesta entrevista, conversamos com Sonia Virginia Moreira, pesquisadora com uma larga trajetória nos estudos de rádio, responsável por produções seminais na área e pela formação de pesquisadores – tanto no GP quanto nas universidades em que atuou como docente.

Além de contar um pouco dessa história, Sonia Virginia Moreira analisa o contexto atual e os desafios que o GP Rádio e Mídia Sonora e o campo de estudos têm pela frente.

A versão completa dessa conversa está disponível em áudio, no podcast Papo Federal, da Rádio UFRJ, que pode ser ouvido [aqui](#).

**Radiofonias: Sônia, conta pra gente, como foi o processo de criação do grupo lá em 1991?**

**Sonia Virginia Moreira:** Olha vocês sabem que quando a gente marcou essa conversa eu comecei a pensar exatamente naquele momento, e me veio à memória uma coisa que geralmente a gente fala pouco. Eu fiquei pensando na Dóris (Fagundes Haussen), fiquei pensando em mim e em que momento de vida a gente estava ali. E é interessante porque eu acho que o surgimento do grupo de rádio ele vem de duas coisas: eu acho que do momento pessoal acadêmico da Dóris e meu naquele momento, no início dos anos 90, e também de

uma evolução eu acho que da própria Intercom. A Dóris com a experiência do curso na Ciespal<sup>39</sup>, que foi sobre rádio, com a atividade dela na Federal do Rio Grande do Sul e, em seguida, na PUC do Rio Grande do Sul. E eu chegando, na segunda metade dos anos 80, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) para dar aula. A primeira disciplina era de sistemas internacionais de comunicação e a segunda era radiojornalismo, já com o currículo específico de jornalismo que havia sido criado. Então é dessa vivência pessoal de nós duas que a gente começa a conversar sobre essa possibilidade de fazer um grupo de

---

<sup>39</sup> Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina, no Equador.

estudo ou um grupo de trabalho sobre rádio. Pelo lado institucional da Intercom, eu acho que é interessante a gente também pensar que era um processo em andamento desde a segunda metade da década de 80, quando começam os preparativos para a vinda do Congresso da IAMCR (International Association for Media and Communication Research), um congresso internacional que pela primeira vez se realizaria no Brasil.

Esse lado eu acho que é interessante, porque tem uma inspiração muito grande que é do José Marques de Melo, da Ana Maria Fadul e da Margarida Kunsch. Eu acho que a Immacolata (Vassallo de Lopes) também estava junto, costurando essa vinda de um congresso internacional de comunicação pela primeira vez no Brasil. E ele efetivamente acontece, em 1992, no Guarujá. Então, eu acho que essas aproximações com uma associação científica estrangeira também vão dar a base do que seriam os grupos de pesquisa. E há aquela constatação, no caso do rádio, de que a gente precisava investir na produção científica, no conhecimento do que era a história do rádio, os personagens do rádio... Então acho que havia uma confluência de interesses. Éramos ainda um grupo pequeno. Nos primeiros encontros eram seis ou oito pessoas e isso comparado com o grupo de hoje é uma coisa fantástica.

**Radiofonias:** **Aproveitando esse gancho, Sonia, queríamos perguntar para você sobre o cenário da pesquisa em rádio no Brasil naquela época. A gente sabe que tem uma mudança considerável com a chegada do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom e com a valorização da pesquisa**

**científica com um novo perfil, e não mais o daquela produção bibliográfica de caráter mais memorialístico, que existia naquele momento. Como o grupo ajudou a mudar esse cenário?**

**Sonia Virginia Moreira:** O Grupo de Pesquisa em rádio muda completamente esse cenário, que é o que você está dizendo. Era um trabalho de memórias, de gente que tinha feito o rádio e que, por algum motivo, achou interessante ou se sentiu impelido a registrar aquilo na forma escrita. Então o grupo de rádio vai começar a trazer as características da pesquisa científica para os estudos. E, no caso, não é ser autorreferencial o tempo todo, mas é só para falar do processo. Quando eu comecei a disciplina de radiojornalismo e fui atrás das bibliografias, eu via que, por exemplo, o Almirante, o Henrique Foréis Domingues, uma figura fantástica da história do nosso rádio, com muitos trabalhos sobre música popular brasileira, uma maravilha de produtor de programas radiofônicos e muito vinculado ao Brasil, tinha dados maravilhosos sobre o rádio. E os dele eram os mais corretos, porque quando você tem um texto que é um texto de memória, muitas vezes as pessoas se confundem, confundem as datas. E eu acho que esse é um dos exemplos do que o grupo de pesquisadores de rádio vai começar a fazer, a contar a história exatamente da maneira como ela aconteceu e quando aconteceu. Na verdade, acho que esse processo vem até hoje. O Luiz Artur Ferrareto, por exemplo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do GP de Rádio e Mídia Sonora, um grande pesquisador de rádio no Brasil e, principalmente, da história do rádio, é uma

pessoa muito atenta e está constantemente reorganizando essas informações. Mas naquele momento era isso. Então, além de organizar o que existia sobre rádio, o que existia de bibliografia, os pesquisadores de rádio vão começar a ver o rádio, a analisar o rádio de outras formas. Então essa é a grande vantagem e a grande qualidade do grupo. Se a gente pega os primeiros textos e os textos atuais, a gente vai ver que tem um processo muito longo e interessante, fantástico, de evolução dos estudos sobre mídia sonora em geral. E o rádio como a estrela principal.

**Radiofonias:** Essa evolução que a gente percebe, essa continuidade e esse desdobramento, esse avanço dos estudos radiofônicos a partir do grupo de rádio... a gente percebe também que o grupo atuou em várias frentes. Ele não é necessariamente um grupo que atua só nos estudos radiofônicos, ele é um grupo de muita diversidade que olha também para o mercado, para os acontecimentos, para a perspectiva legislativa, isso durante toda a trajetória do Grupo. Nessa trajetória que você acompanha desde o início, quais seriam os acontecimentos ou as ações do grupo que você particularmente destacaria?

**Sonia Virginia Moreira:** Eu acho que uma coisa interessante é o próprio nome do grupo, que passa a se chamar Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora. Aí você já aumenta o guarda-chuva e mostra que o grupo de pesquisadores não estava falando única e exclusivamente de um meio de comunicação ou de pessoas que trabalhavam numa determinada mídia. Eu

acho que quando “Mídia Sonora” entra no nome do Grupo, isso já dá uma ideia bem mais precisa de que o conteúdo que estava sendo pesquisado e mostrado nos encontros anuais já tinha uma perspectiva bem mais ampla e poderosa. Eu acho que talvez nesse processo, a gente possa destacar o rádio como parte da indústria de mídia no Brasil e também a questão da legislação. Isso é uma coisa muito séria no Brasil, porque nós temos um quadro legal que ainda é antigo e a gente não consegue avançar nisso e não tem uma lei geral das comunicações que trate do audiovisual e que trate da internet. A própria tecnologia foi evoluindo e eu acho que o Brasil foi ficando para trás nessa questão normativa. Em alguns momentos, eu acredito que isso influi também no próprio meio e eu acho que os pesquisadores do Grupo de Rádio se interessaram muito por isso. E eu destacaria um terceiro ponto também, que é a questão do rádio regional e do rádio local e também as regiões, porque quando você tem um grupo que cresce com a participação de gente de instituições de vários pontos do Brasil, como é o Grupo de Rádio, isso necessariamente vai se refletir na produção do conhecimento.

**Radiofonias:** Sônia, você falou nessa trajetória da capilaridade que o grupo de pesquisa acabou assumindo, com pesquisadores de todo o Brasil. Hoje são mais de cem pesquisadores participando ativamente do grupo, dos encontros, dos congressos anuais, do Simpósio Nacional do Rádio e trocando experiências, ideias e reflexões sobre esse meio que nos mobiliza

**tanto. Mas de certa maneira, o rádio continua sendo meio que um patinho feio nos estudos de comunicação no país. Como é que você percebe esse papel do rádio e da mídia sonora como um todo nos estudos de comunicação no Brasil? Você acha que avançamos ou ainda falta avançar mais?**

**Sonia Virginia Moreira:** Eu acho que avançamos muito e tem que falar de uma outra área e característica dos estudos e das pesquisas do grupo, que é a área das tecnologias, os trabalhos sobre podcasting. E lá nos anos 90 e início de 2000, com a questão do rádio digital também, em que o Grupo de Rádio foi muito ativo. Então eu acho que essa história do rádio ainda ser considerado um patinho feio, não vou nem dizer um “meio menor”, na verdade é desconhecimento. Eu acho que quem conhece o rádio, e essa é uma coisa bem interessante porque todos os que participam do Grupo de Rádio, os pesquisadores, são totalmente apaixonados pelo meio de comunicação, pela forma de você produzir conteúdo. Por esse aspecto que é totalmente democrático do rádio, no fazer e no acessar, que é barato, e as rádios livres lá atrás, nos anos 80, mostraram isso, que era muito simples e fácil você ter uma emissora FM de baixa potência. E depois o rádio comunitário também trabalhou sempre nesse sentido. Então acho que é um pouco desconhecer a realidade de um meio de comunicação e é também um pouco ignorar a força que um meio como esse tem num país como o nosso. Então eu acho que o estudo de rádio no Brasil fala muito do Brasil. De uma maneira geral, a gente consegue mapear os momentos da

pesquisa em comunicação de um modo muito claro nas pesquisas de rádio, porque elas também vão acompanhando as tendências dos estudos de comunicação. E também tem uma evolução metodológica muito significativa. Então eu acho que é talvez ignorar um meio de comunicação que ainda é poderoso e por muito tempo vai ser poderoso. Essa última pesquisa do Kantar Ibope mostra que as pessoas ainda escutam rádio no aparelho tradicional apesar de poderem fazer isso pelo celular. Enfim, isso mostra que é um meio de comunicação que tem um vínculo que é muito específico com o seu ouvinte. Isso passa inclusive pelo aparelho que é usado. Mas eu acho que com tanta coisa que o Grupo, que os pesquisadores de rádio já fizeram, eu acho que isso mudou, mudou bastante nos últimos anos. Acho que hoje é uma mídia muito importante e eu acho que as pessoas têm no geral uma noção mais aproximada do que seja o meio.

**Radiofonias:** **Essa é uma frase muito boa de ouvir, Sônia. Muito bom escutar você dizendo: olha, hoje nós não somos mais os patinhos feios. Eu acho que a gente tem evoluído muito nesse sentido, de consolidação da nossa área e ampliação do espaço que a gente ocupa no campo de estudos da comunicação. Eu concordo muito com você nessa diversidade dos estudos radiofônicos e como os estudos radiofônicos representam também a diversidade brasileira. Acho que é um cenário que a gente sempre teve no rádio e hoje a gente vê refletido também nos estudos de rádio, e isso é muito bom. Mas a**

**partir disso, eu queria te perguntar como é que você vê o futuro do campo de estudos radiofônicos, pensando na perspectiva de rádio e mídia sonora no Brasil e também no exterior. O Grupo Rádio e Mídia Sonora revela bastante sobre essa capilaridade nacional, mas como é que você vê também no exterior, neste momento e como perspectiva futura?**

**Sonia Virginia Moreira:** Bom, eu acho que a tendência do grupo é sempre explorar esses novos meios, essas novas possibilidades de pesquisa. Eu acredito que, entre nós, a questão das mudanças que a tecnologia traz é provavelmente uma constante. No exterior, em países latino e ibero-americanos, eu acredito que a gente tenha uma produção que tem muito a ver com a constituição do próprio sistema radiofônico, porque eu acho que tem muitos estudos sobre emissoras públicas ou sistemas públicos de radiodifusão. Com o momento que a gente vive hoje, por exemplo, de indefinição em relação à EBC, que foi uma empresa criada para cumprir um item da Constituição, que é uma das possibilidades do rádio – ele é educativo, ele é comercial, ele é público –, eu acredito que a gente tenha que investir bastante agora no que seja essa produção radiofônica pública no Brasil. No exterior, eu acho que isso é explorado de uma maneira bem mais frequente, tanto pelas experiências como pelas possibilidades que um sistema público de radiodifusão pode trazer. E aí também especificar que nós não estamos falando de um sistema público de comunicação, que nós estamos falando de um sistema público de radiodifusão. E

radiodifusão, para nós, ainda é uma forma de comunicação muito presente e eu acho que vai se manter por muitos anos apesar de todos os avanços tecnológicos. A gente vive num país em que, na Amazônia, o rádio à manivela ainda é uma realidade. Aliás eu tenho um aqui comigo e tenho usado para ver quanto tempo dura a energia. Ele tem uma bateria solar e é uma coisa fantástica, em qualquer lugar e em várias faixas de ondas você consegue ter algum tipo de comunicação. Então é maravilhoso, é uma coisa linda.

**Radiofonias:** **Você acabou se afastando do Grupo de Pesquisa Rádio Mídia Sonora nos últimos anos para se dedicar à construção de um novo campo de pesquisas, a geografia da comunicação. Em que medida essa abordagem da geografia da comunicação, que leva em conta os aspectos geográficos, que pensa a economia da mídia, pode contribuir, no seu entender, com os estudos radiofônicos?**

**Sonia Virginia Moreira:** Pode contribuir em relação às escalas. Eu acho que a questão das geografias vem por aí, vem pelas escalas, porque o fato do rádio ser local é uma característica muito interessante de um meio de comunicação. Porque a gente não pode esquecer nunca que, antes de mais nada, o rádio fala com essa proximidade do seu ouvinte. E ainda que a gente tenha hoje outras possibilidades de produção e de escuta radiofônica, eu acredito que a característica local do rádio é muito presente e isso faz com que a linguagem do rádio também seja bastante influenciada por ela. E é uma dualidade, na verdade. Ao mesmo tempo que

you talk for the local, you are talking for the national, you are talking for the world. Then, the study of geographies, in part, also has its origin in these evaluations and readings mine about the local radio, regional and how this translates in many works of the Group. I stayed thinking about this, that people needed more attention, a larger space, for the question of scales, because together with the scales comes a whole discussion of territory, and people can talk about the geographical territory, the regions, and can talk about the territories of media too. And the radio does a lot of this. What type of territory is this radio territory, of sound, of audio? Then the geographies also have a little in the studies of radio.

**Radiofonias:** Esse debate sobre territórios pode ser construído sob pontos de vista muito variados. Como você estava dizendo, ele se relaciona diretamente com o rádio, principalmente se a gente considera o território não só na perspectiva geográfica, mas também na perspectiva midiática, tecnológica. Nesse contexto em que a gente está, de transição tecnológica, com um aumento da hegemonia das plataformas digitais na distribuição de conteúdo, que se relaciona diretamente com esse debate do rádio local, da distribuição de conteúdo local e da diversificação de conteúdo a partir do público, como é que você vê esse rádio?

**Sonia Virginia Moreira:** Eu tenho escutado as rádios universitárias e rádios que não posso chamar de públicas, porque que são estatais, e eu vou usar isso como exemplo. Por quê? Porque a gente vive isso, vive essa

characteristic of the radio, lives in this universe of the radio that is broad, fantastic, that people have the possibility of doing a lot of things. And in a country like ours, that still has many things to be resolved in terms of education, I feel a huge pain that people do not use more the radio for this. I am reading two authors. I am reading Darcy Ribeiro, understanding a little more of Brazil. And I am also reading Anísio Teixeira. And Anísio, educator, had a very interesting characteristic. It was Darcy very much oriented for the national and Anísio very much oriented for the local. And he used the radio, education through the radio, Rádio Escola Municipal do Distrito Federal. He did this in an era of very great difficulties, because the students had to do the tests and then deliver them to the station, for the teachers to be able to correct. Then today people have a technological apparatus that gives us a much more interesting and easy base to be able to work with this. Then, escaping a little from the question, I think that this bias of education we lack a lot in the radio. Because when I am saying this? Because I think that we need to have differentiated radios. For example, I feel a lack in Rio and in other places, of a programming that is more regional. For example, music. If our radios, that are not commercial radios, could give more space for two types of music... Popular Brazilian music, which is a very rich thing and which I think that there are generations that need to know more about this our production, this Brazilian musical universe in a general way, and also for the regional musics. But the regional musics

fora dessas que são massificadas. Então, eu sinto muita falta nas programações de rádio, deixando o jornalismo de fora, porque eu acho que o rádio de um modo geral explora muito bem a questão da informação local, isso é geral, em todo o Brasil. Mas eu acho que, na parte musical, por exemplo, a gente poderia trabalhar muito mais e ter uma formação cultural dos nossos ouvintes muito mais ampla e bem mais extensa. Sinto falta disso.

---

### Sobre a entrevistada

Após graduar-se em Comunicação Social, em 1977, **Sonia Virgínia Moreira** realizou o mestrado em Jornalismo na Universidade do Colorado, no Condado de Boulder, Estados Unidos, no início dos anos 1980. Concluiu o doutorado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (USP) em 1999 e fez carreira como professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando nos cursos de graduação da Faculdade de Comunicação e como docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação na mesma instituição. Após aposentar-se pela UERJ, foi professora visitante titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (entre 2018 e 2020).

Suas pesquisas têm ênfase em geografia da comunicação, indústria de mídia, infraestrutura de telecomunicações, mídia local e regional, jornalismo, radiodifusão, sistemas públicos de radiodifusão, audiovisual e radiojornalismo. Já foi agraciada com diversos prêmios por sua atuação como pesquisadora e orientadora de teses.

A maturidade acadêmica de Sonia Virgínia é reconhecida por sua atuação constante em instituições e associações de pesquisa do Brasil e do exterior, sendo membro permanente do conselho curador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e representante da América Latina como membro do comitê gestor do World Journalism Education Council (WJEC). É pesquisadora sênior das redes internacionais de pesquisa The Worlds of Journalism Study (Universidade de Munique – LMU) e The International Media Concentration Research Project (Universidade de Columbia, NY). Lidera o Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação (CNPq), além de compor o Conselho Editorial de diversas revistas acadêmicas nacionais e internacionais.

Entre sua vasta produção bibliográfica, destacam-se no campo dos estudos radiofônicos os livros *Rádio Palanque* (1998); *O rádio no Brasil* (2000); *Rádio em Transição – tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil* (2002); *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*, escrito em parceria com o saudoso radialista e pesquisador Luiz Carlos Saroldi (2005). Foi também organizadora de importantes contribuições do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, como: *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas* (1999) e *Desafios do Rádio no século XXI* (2001), ambos organizados em parceria com a professora Nélia Del Bianco (UNB). Com Círculo Peruzzo organizou a publicação *Intercom 25 anos* (2002) e, ao lado de Aníbal Bragança, publicou os livros: *Mídia, Ética e Sociedade*, pela PUC Minas (2004) e *Comunicação, acontecimento e memória* pelo selo Intercom (2005). Também

com Aníbal Mendonça e na ilustre companhia de outros grandes nomes do campo, José Marques de Mello e Maria Immacolata Lopes de Vassalo, coordenou a celebre coletânea *Pensamento comunicacional brasileiro* (2005). Sua publicação mais recente no campo dos estudos de rádio é *70 anos de radiojornalismo no Brasil – 1941/2011* publicado pela EdUERJ (2011). De lá pra cá, Sonia tem se dedicado mais aos estudos de Indústria de Mídia e ao campo de Geografia da Comunicação. Em 2013, publicou *Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas*, em 2015, foi a vez de *Indústria da Comunicação no Brasil – Dinâmicas da academia e do mercado* e, em 2018, organizou ao lado de Daniela Cristina

Ota o livro *Comunicação, mídia e cultura: Estudos Brasil-Estados Unidos*.

Sonia Virgínia Moreira é uma referência dos estudos em Comunicação com atuação e experiência nacional e internacional. Desde o começo da carreira acadêmico-profissional vivenciou intercâmbios e trocas com outros países, abrindo caminhos e inspirando toda uma geração de pesquisadoras e pesquisadores.

---

>> **Como citar este texto:**

LOPEZ, Debora Cristina; VICENTE, Eduardo; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Os desafios da perspectiva de gênero no rádio universitário. Entrevista: Sonia Virgínia Moreira. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 167-176, mai./ago. 2021.

## Referências

MOREIRA, Sonia Virgínia; OTA, Daniela Cristina (org.). **Comunicação, mídia e cultura: Estudos Brasil-Estados Unidos**. São Paulo / Campo Grande: Intercom / Editora da UFMS, 2018.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Indústria da Comunicação no Brasil – Dinâmicas da academia e do mercado**. Rio de Janeiro / São Paulo: UERJ / Intercom, 2015.

FAUSTINO, Paulo J.; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Estratégias, Economia e Administração de Empresas de Mídia e Criativas**. Lisboa: Editora Media XXI, 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas**. São Paulo: Intercom, 2013.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **70 anos de radiojornalismo no Brasil – 1941/2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MOREIRA, Sonia Virgínia; BRAGANÇA, Anibal (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia.; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MELO, José Marques de; BRAGANÇA, Anibal (org.). **Pensamento comunicacional brasileiro**. São Paulo: Intercom, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia; SAROLDI, Luis Carlos. **Rádio Nacional, o Brasil em sintonia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia; BRAGANÇA, Anibal (org.). **Mídia, Ética e Sociedade**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio em Transição** – tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

MOREIRA, Sonia Virgínia; PERUZZO, Cicilia (org.). **Intercom 25 anos**. São Paulo: Intercom, 2002.

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nelia Rodrigues (org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo / Rio de Janeiro: Intercom / Uerj, 2001.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nelia Rodrigues (org.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro / Brasília: EdUERJ / Editora da UnB, 1999.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Palanque** – fazendo política no ar. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

ARTIGO LIVRE

## Rádio Unama FM – Uma experiência de produção de conteúdo em uma universidade particular da Amazônia

*Rádio Unama FM – A content production experience at a private university in the Amazon*

*Radio Unama FM – Una experiencia de producción de contenido en una universidad privada en Amazonía*

Rodolfo Silva Marques, Ivana Oliveira e Mário Camarão França Neto

### Resumo

Pensar rádios universitárias, no Brasil, gera um desafio na observação de seus planejamentos e de seus funcionamentos. O objeto de estudo deste artigo é mostrar a experiência da Rádio Unama FM, no ar desde 2005, que pertence à Universidade da Amazônia. Nos eixos de análise, observam-se quatro pontos essenciais: o fato de ela ser uma experiência de rádio universitária na Amazônia; o planejamento e a execução do radiojornalismo da emissora; a rádio universitária como espaço para experimentação e formação de novos profissionais; e a programação para buscar audiência além dos limites universitários. Usam-se os métodos da revisão de literatura e do estudo de caso, enquadrando a Unama FM como uma emissora educativa de perfil universitário em uma instituição particular na Amazônia. Como conclusões, entende-se a necessidade da ampliação do escopo das rádios universitárias, como um espaço de expansão de conhecimento – e a responsabilidade da Unama FM em ampliar as pautas amazônicas.

**Palavras-Chave:** rádios universitárias; Unama FM; radiojornalismo; experimentação; conhecimento.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 28/02/2021 aceito em: 08/09/2021.

>> **Como citar este texto:**

MARQUES, Rodolfo, OLIVEIRA, Ivana, CAMARÃO, Mario. Rádio Unama FM – Uma experiência de produção de conteúdo em uma universidade particular da Amazônia. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 177-199, mai./ago. 2021.

### Sobre os autores

**Rodolfo Silva Marques**

[rodolfo.smarques@gmail.com](mailto:rodolfo.smarques@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-5855-0393>

Docente da Universidade da Amazônia (Unama) e da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (Feapa). Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA); bacharel em Comunicação Social pela Unama.

**Ivana Oliveira**

[ivana.professora@gmail.com](mailto:ivana.professora@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-3194-7529>

Professora-doutora da Unama. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Culturas da mesma instituição. Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), no Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

**Mário Camarão França Neto**

[mariocamarao@gmail.com](mailto:mariocamarao@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-9763-6408>

Professor-adjunto da Unama. Coordenador dos Cursos de Comunicação Social da mesma universidade. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (UM/Portugal), onde atualmente, cursa doutorado em Cibercultura e Redes de Informação – Ciências da Comunicação.

### **Abstract**

Thinking about college radios in Brazil creates a challenge in observing their plans and operations. The object of study of this article is to show the experience of Rádio Unama FM, which went on air in 2005 and belongs to the University of the Amazon (Unama). In the analysis axes, four essential points are observed: the fact that it is a college radio experience in the Amazon; the planning and execution of broadcast radio journalism; college radio as a space for experimentation and training of new professionals; and programming to seek audiences beyond university boundaries. The literature review and case study methods are used, framing Unama FM as an educational broadcaster with a university profile in a private institution in the Amazon. As conclusions, we understand the need to expand the scope of college radios, as a space for expansion of knowledge – and the responsibility of Unama FM in expanding the Amazonian agenda.

**Keywords:** college radios; Unama FM; radio journalism; experimentation; knowledge.

### **Resumen**

Pensar en las radios universitarias en Brasil crea un desafío en la observación de sus planes y operaciones. El objeto de estudio de este artículo es mostrar la experiencia de Rádio Unama FM, que salió al aire en 2005 y pertenece a la Universidad de la Amazonía (Unama). En los ejes de análisis se observan cuatro puntos esenciales: el hecho de que se trata de una experiencia radial universitaria en la Amazonía; la planificación y ejecución del periodismo radiofónico; la radio universitaria como espacio de experimentación y formación de nuevos profesionales; y programación para buscar audiencias más allá de los límites universitarios. Se utilizan los métodos de revisión de literatura y estudio de caso, enmarcando a Unama FM como una emisora educativa con perfil universitario en una institución privada en la Amazonía. Como conclusiones, entendemos la necesidad de ampliar el alcance de las radios universitarias, como espacio de expansión del conocimiento –y la responsabilidad de Unama FM en expandir la agenda amazónica–.

**Palabras clave:** radios universitarias; Unama FM; periodismo radial; experimentación; conocimiento.

## **Introdução**

Este artigo tem como escopo trazer a discussão a respeito das rádios universitárias no Brasil, tendo como objeto de estudo a Rádio Unama FM, localizada em Ananindeua, Região Metropolitana de Belém<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> A Unama FM 105,5 MHz tem seus estúdios no campus Ananindeua da Universidade da Amazônia (Rodovia BR 316,

É importante justificar a escolha do objeto a partir do caráter único de seu perfil. De acordo com dados preliminares de cartografia das rádios universitárias no Brasil (MUSTAFÁ, KISCHINHEVSKY e MATOS, 2017), havia em, 2016, 61 emissoras em funcionamento no Brasil e apenas duas estavam localizadas na região Amazônica: a Rádio Universidade FM (MA) e a Rádio Unama (PA), em uma área que soma mais de 5 milhões de km<sup>2</sup> e relaciona 14 universidades públicas e 6 privadas<sup>41</sup>.

A Rádio Unama FM, com frequência 105,5 Mhz, tem sua concessão vinculada à Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (Fidesa)<sup>42</sup>, e é a primeira rádio educativa do Pará vinculada a uma instituição de ensino superior, a Universidade da Amazônia. É parte integrante do Grupo Ser Educacional. Entrou no ar em 21 de outubro de 2005, a partir da autorização do Ministério das Comunicações e sob a fiscalização da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)<sup>43</sup>.

A transmissão de programas educativos e culturais delineia o perfil da emissora e é seu maior carro-chefe durante esses primeiros 16 anos, com a divulgação preponderantemente educacional, cultural e de orientações profissionais. De acordo com McLeish (2001), essa modalidade de radiodifusão tem por papel principal estar presente nos ambientes educacionais e uma programação cidadã, voltada à comunidade, com foco na informação e na cultura.

---

quilômetro 3, s/n, térreo – Ananindeua-PA) e seu parque transmissor está sediado na rua Alfredo Calado no bairro Miritizal em Marituba, na região metropolitana de Belém. O prefixo da emissora é ZYR 505. As informações estão disponíveis em [Unamafm.com](http://Unamafm.com). Acesso em 20 jan. 2021.

41 Censo da Educação Superior do Brasil realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia vinculada ao Ministério da Educação. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Apresentacao\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf) Acesso em: 12 jun.2021.

42 A Fidesa é uma entidade privada sem fins lucrativos, que foi instituída pela Unama em 1997 e tem como objetivo fomentar atividades de pesquisa, extensão e de capacitação de recursos humanos, especialmente na Amazônia, e promover o ensino a distância e atividades artístico-culturais, visando ao desenvolvimento da qualidade de vida e o saber da população da Amazônia.

43 Portal Unama FM. Disponível em [Unamafm.com](http://Unamafm.com). Acesso em 20 jan. 2021.

### Imagem 1: Logotipo da Unama FM



Fonte: Portal Unama FM. Disponível em [www.Unamafm.com](http://www.Unamafm.com). Acesso em 20 jun. 2021.

### Imagem 2: Logotipo da Universidade da Amazônia (Unama)



Fonte: Portal Unama. Disponível em [www.Unama.br](http://www.Unama.br). Acesso em 20 jun. 2021.

Nesse contexto, entende-se, de forma efetiva, que estudar a realidade de uma rádio universitária é um desafio constante, principalmente com suas interligações com os diferentes tipos de públicos e suas peculiaridades editoriais. Produzir conhecimento e publicizá-lo, em uma emissora como a Rádio Unama FM, são processos que compõem a rotina diária de profissionais e professores de jornalismo, do radialismo e de estudantes universitários.

Dentro dessa discussão, há, pois, a responsabilidade de se pensar em rádios universitárias no país de uma maneira ampla, mas também buscando algumas especificidades. As emissoras universitárias datam, no Brasil, dos anos 1950. Nas duas primeiras décadas do século XXI, considerando tanto os formatos em *dial* quanto o *online*, identificam-se mais de 100 emissoras, distribuídas em quase 90 instituições diferentes de educação superior, com cerca de 70 nos espectros AM (Amplitude Média) e FM (Frequência Modulada), representando programações abertas (KISCHINHEVSKY, MUSTAFÁ, PIERANTI e HANG, 2018).

Encontra-se em Zuculoto (2010) uma proposta para compreender a história do rádio educativo no Brasil a partir das transformações e as emissoras referenciais com os modelos de programações e linhas editoriais. Destacam-se cinco fases, de acordo com Zuculoto (2010): a "Pioneira" (década de 1920 ao início dos anos 1940); o "Ensino pelas ondas radiofônicas" (anos 1940 até o começo da década de 1970); a "Era de Ouro" (início dos anos 1970 até final da década de 1980); a "Explosão das FMs educativas e universitárias" (anos 1990); e a fase "Em busca do Sistema Público de Rádio", a partir da implantação do rádio digital com a fase (anos 2000).

O rádio tem inerente a si o fato de ser um veículo de comunicação acessível e democrático e que precisa contemplar diferentes vertentes e comunicar-se com diferentes públicos. As rádios universitárias cresceram em maior escala nos primeiros anos do século XXI, após um incremento percebido nos anos 1980 e 1990.

Mesmo com essa forte expansão, muitas vezes as emissoras universitárias enfrentam limitações orçamentárias, ausência de profissionais e/ou estudantes qualificados e variações e incongruências institucionais (KISCHINHEVSKY, MUSTAFÁ, PIERANTI e HANG, 2018; SPENTHOF, 2013; LEAL, 1999; SANTOS, 2019).

Pertencendo a universidades públicas ou a instituições de educação superior particulares, as emissoras universitárias, muitas vezes, encaixam-se no contexto de enfrentamento e da contestação social, ao se buscar permanentemente a (des)construção dos novos e antigos conhecimentos, revisão de valores culturais e a promoção da inclusão sociocultural (SPENTHOF, 2013; SANTOS, 2019).

Os primeiros anos do século XXI fazem emergir muitos conflitos na gestão da informação e na maneira de se relacionar com os diferentes públicos de interesse diante das mídias tradicionais e dos canais alternativos de informações e de entretenimento. Há, no Brasil, assim como em outras nações do mundo, um conflito claro entre a produção contínua do conhecimento

científico e a desinformação – e o uso dos meios de comunicação é essencial dentro desse processo de se avançar no processo de cidadania.

A chamada pós-verdade (D'ANCONA, 2018), em que as várias opiniões se sobrepõem aos fatos, muitas vezes sem checagem e sem os questionamentos necessários, traz enfrentamentos e dilemas para a radiodifusão, no âmbito geral, e para o campo das rádios universitárias (SPENTHOF, 2013; SANTOS, 2019). De acordo com D'Ancona (2018), essa “era da pós-verdade” está em um ambiente de colapso de confiança, já que as sociedades humanas precisam ter um grau razoavelmente elevado de honestidade para a defesa da lei, dos princípios e da preservação da ordem, considerando-se a amplitude dos aspectos.

Spenthof (2013), aliás, destaca os quatro objetivos básicos para o funcionamento das emissoras de rádio universitárias: o processo de tornar pública – e acessível – a produção acadêmica, o direcionamento das políticas de extensão das universidades, a atividade nos laboratórios de comunicação e a democratização do conhecimento e das informações.

Nesse contexto, vamos focar nos dois pontos que emergem como os mais relevantes dentro da estrutura da Rádio Unama FM – a divulgação da produção científica para além dos “muros da universidade” e as atividades laboratoriais e experimentais no curso de Comunicação e de outras graduações, no sentido de aproximar o ambiente acadêmico com a sociedade como um todo.

De acordo com dados da própria Unama FM, em seu site oficial (<http://Unamafm.com>) – e no qual, também, reproduz a programação ao vivo, 24 horas por dia –, a cobertura geográfica no estado do Pará atinge a região Metropolitana de Belém (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara e Santa Isabel do Pará), partes da região Nordeste do Pará (Castanhal, São Francisco, Inhangapi, etc.) e nas regiões do Salgado (Bragança, Salinópolis, por exemplo) e do Baixo Tocantins (Cametá, Baião, Abaetetuba, entre outros)<sup>44</sup>.

A missão institucional da Unama FM tem o seguinte enunciado: “oferecer

---

<sup>44</sup>Idem.



No item seguinte, debate-se sobre o contexto da programação da Unama FM na busca de audiência para além dos limites universitários, no sentido de ampliar públicos e atingir diferentes nichos. O trabalho se encerra com as conclusões e com as referências usadas para a construção do artigo.

### **Unama FM e o radiojornalismo**

O conteúdo informativo na rádio Unama FM é conduzido por dois jornalistas que produzem diariamente programas noticiosos para um radiojornal e intervalares, chamado "Hora de Notícia", além da produção de entrevistas especiais ao vivo e coberturas de eventos acadêmicos e pontuais. O trabalho é também produzido por estagiários, que se revezam para pautar e gravar as reportagens, flashes e entrevistas. Hoje a rádio Unama FM tem oito estagiários bolsistas, que são responsáveis pela apuração, pela produção de pautas e elaboração de reportagens e entrevistas especiais.

**Tabela 1: Programas jornalísticos veiculados pela Unama FM (fevereiro de 2021)**

PROGRAMA		VEICULAÇÃO	CONTEÚDO
01	RADIOJORNAL 30 MINUTOS	13h às 13h30	Noticiário
02	HORA DE NOTÍCIAS	A cada 1 hora	Flashes informativos
03	Unama ESPORTE	10 minutos – 13h20	Noticiário esportivo
04	PLURARTE	10 minutos – Sexta-feira	Entrevista/ entretenimento
05	ENTREVISTA ESPECIAL	15h e 18h	Entrevistas com pesquisadores

**Fonte:** Autoria própria, a partir da programação disponível no site

O "Radiojornal 30 minutos" é um dos programas mais antigos da emissora. Criado em 2006, é o "carro-chefe" do jornalismo e tem trinta minutos da grade de programação de segunda a sexta-feira. Atualmente vai ao ar, ao vivo, às 13h, e conta com reportagens factuais, conteúdos especiais, flashes e eventuais entrevistas realizadas no estúdio (ao vivo ou por híbrida). O programa jornalístico mantém toda a plástica tradicional dos radiojornais do gênero, com

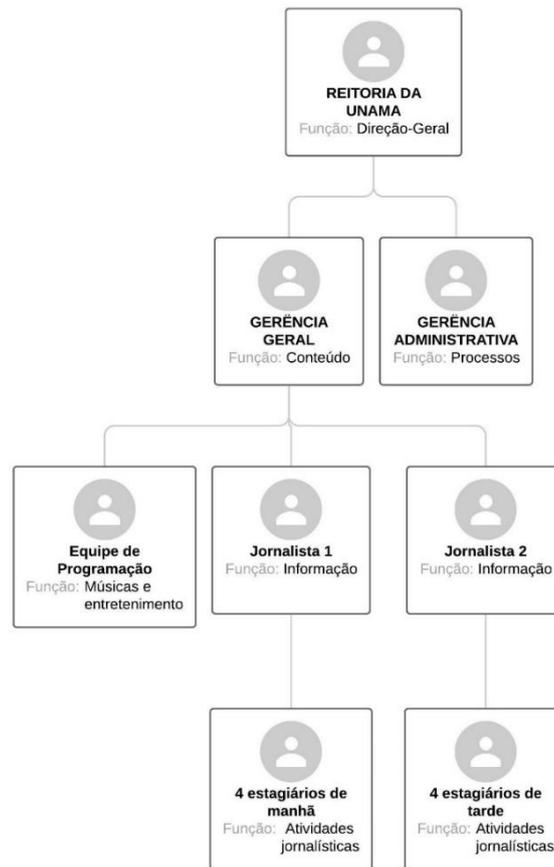
trilhas, cortinas e BGs tradicionais.

A estrutura do noticiário segue também o mesmo modelo tradicional dos grandes radiojornais do país, com estrutura linear: escalada, cabeças, matérias, passagens de blocos e intervalos. No Radiojornal, há espaço para a previsão do tempo local e ainda notícias do esporte e agenda cultural. O Radiojornal 30 minutos é produzido e apresentado pelos jornalistas Maria Rita Kapazi e Celso Freire, que são contratados da emissora. Conta ainda com a participação dos estagiários da emissora e o locutor Ruy Montalvão, que apresenta a programação cultural da cidade e do estado do Pará.

Além desse conteúdo, o Radiojornal tem um quadro de entrevista especial, chamado "Plurarte", que vai ao ar todas as sextas-feiras, conduzida pela artista paraense Sandra Dualibe. Ela é uma convidada externa e trabalha em sistema de parceria com a rádio, levando entrevistas multiplataforma com artistas paraenses – cantores, escritores, atores e demais profissionais ligados à cultura.

Todavia, é o boletim "Hora de Notícias" (HNs) que mobiliza a maior participação do jornalismo na grade da emissora. A cada hora são apresentadas ao vivo as principais notícias do dia, com factuais e notícias do momento. A instantaneidade e agilidade são características principais dos HNs, que apresentam atualização de fatos, trânsito do dia e também agenda de interesse público. Os boletins são, eventualmente, produzidos a partir de sonoras e entrevistas com intervenientes da notícia do momento, como fontes oficiais, analistas, pesquisadores e a comunidade.

**Imagem 4: organograma simplificado da Unama FM**



**Fonte:** Autoria própria, a partir do aplicativo LucidChart

As fontes também são um dos principais diferenciais do jornalismo da Unama FM. Quando se tem uma participação maior no noticiário da emissora de pesquisadores, professores e acadêmicos da Universidade da Amazônia, nomeadamente dos programas de pós-graduação stricto e lato sensu, além da graduação. A participação deles é maior no Programa “Entrevista Especial”, que é diário e sempre no horário da tarde (ver tabela 1). As entrevistas têm duração de 5 minutos e são produzidas a partir de temáticas especializadas e da agenda do dia e do cotidiano.

Na sua produção jornalística diária e semanal, ao mobilizar os estudantes e vinculá-los a práticas de apuração da informação e dos princípios de geração de conteúdo, a Unama FM busca cumprir o seu papel enquanto parte integrante de uma instituição de educação superior. Isso se observa, principalmente, a

partir da premissa de que a produção do conhecimento feita nas salas de aula e nos corredores universitários também precisa chegar ao grande público através da radiodifusão. Em tempos de ataques à ciência, a produção jornalística universitária se torna uma “trincheira” de enfrentamento e de assertividade.

### **Espaço para experimentação e formação de novos profissionais**

Outro eixo essencial da presente discussão é a questão da possibilidade que a Rádio Unama FM tem de ampliar os processos de experimentação e de formação de novos profissionais, principalmente nas áreas vinculadas aos cursos de Comunicação Social, no contexto das emissoras universitárias. Entre os vários projetos da emissora, há, anualmente, cerca de 80 estagiários dos cursos de Comunicação se envolvendo nos projetos de extensão, com produções radiofônicas.

Na realidade da Universidade da Amazônia, há quatro cursos vinculados à Comunicação Social: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Marketing e *Filmmaker*. Os dois primeiros estão no campo dos bacharelados/graduações e os dois últimos são cursos superiores e tecnológicos. Como há estagiários de Jornalismo e dos outros cursos da área de Comunicação na equipe da emissora, há um espaço para a experimentação, nos textos, nos programas e nas formas de abordagem.

Dentre as atividades básicas existentes nesta emissora universitária, há a concepção de programas, a programação musical, a roteirização de conteúdos, a gravação de falas e a apresentação de programas. Dentro do processo de experimentação, a Unama FM abre espaços não apenas para ter conteúdos específicos – como programas temáticos –, mas também para o desenvolvimento pessoal e profissional de seus estudantes, em um processo de “laboratório de talentos e de projetos”.

Laboratórios são, pois, espaços destinados para estudos experimentais de quaisquer áreas da produção científica, ou ambientes para uma relação teórico-prática a partir de conhecimentos já adquiridos e das técnicas desenvolvidas (MARTÍN-PENA, PAREJO CUÉLLAR e VIVAS MORENO, 2016).

No campo da comunicação, como em uma emissora de rádio universitária, há a ideia de prática laboratorial não só no ambiente em si, mas também pelos instrumentos utilizados e pelos formatos escolhidos para a apresentação dos conteúdos radiofônicos (MARQUES DE MELLO, 1985; SANTOS, 2010).

Para Kempf (2003), os estudantes de jornalismo precisam ter ampla liberdade para desenvolver programas informativos e para planejar produtos radiofônicos originais. Os alunos, nas emissoras, podem analisar o comportamento da audiência, percebendo a importância do público e conhecendo mais ativamente as fontes de informação (KEMPF, 2003).

Há uma perspectiva, assim, de valorização do aspecto educacional das emissoras universitárias, com uma ampliação de liberdade para o desenvolvimento dos estudantes, com novos conhecimentos e exercício de criatividade para as futuras atividades profissionais nas áreas da divulgação das informações e da produção de conhecimentos (KEMPF, 2003).

Kempf (2003) reforça a necessidade da formação profissional dos estudantes de jornalismo – e o espaço de “treino” e experimentação nos laboratórios que são as emissoras universitárias é o ambiente adequado para tais processos. Spenthof (2003) complementa, ressaltando que o exercício de experimentação e de atividades práticas se converte na realização de importantes operações e transformações no processo de formação dos estudantes.

Dentro do processo laboratorial, os equipamentos são os “meios” e a prática profissional por parte dos estudantes de jornalismo seria o “fim”, reforçando a ideia de que o laboratório é muito mais do que o espaço, mas as atividades de (re)descobrir e de produzir conteúdos informativos em caráter experimental. No contexto acadêmico, a emissora universitária também contribui para uma conformação dos vários conteúdos disciplinares desenvolvidos no curso de graduação e estimula essa correlação entre teoria e prática (SPENTHOF, 2013; ZUCULOTO, MATTOS, LONGO e CLASEN, 2017).

Na Unama FM, os estudantes cumprem as atividades de produção, apuração, gravação e edição de reportagens, presencialmente, por telefone e/ou via WhatsApp, conforme o contexto e a disponibilidade. E ficam sob a responsabilidade de supervisão dos jornalistas e dos demais profissionais da emissora – três locutores, uma programadora, uma gerente administrativa e dois operadores/editores de áudio.

A produção multidisciplinar (SPENTHOF, 2013), aliás, não só no processo de formação dos jornalistas, mas também nos conteúdos produzidos pela Unama FM, mostra a necessidade de interlocução das diversas áreas do conhecimento para o desenvolvimento profissional e para a produção de conhecimento. As rádios universitárias precisam ter, portanto, em sua essência, uma diversificada produção interdisciplinar, com profissionais de várias áreas e diferentes saberes em conexão.

### **Programação na busca da audiência para além dos limites universitários**

É previsto em lei que as rádios educativas são responsáveis pela transmissão de programação educativo-cultural e atuam preponderantemente no ensino superior, voltada para a educação básica e divulgando a cultura local e nacional. Desse modo, verifica-se uma inclinação para a produção de conteúdos diferenciados das outras modalidades de rádio, seja ela comercial ou comunitária, principalmente em relação aos formatos de programas e da programação musical.

Na rádio Unama FM, a programação é diversificada e segue a premissa da visibilidade ao conhecimento, seja através do ensino, da pesquisa, do desporto ou da cultura. A presente análise é exploratória, com base na escuta e verificação da grade fornecida pela emissora e também disponível no site [www.unamafm.com](http://www.unamafm.com), em abril de 2021.

Na Unama FM, a programação é dividida em três áreas específicas: musical, jornalismo e programas. Os programas têm um formato próprio e são ancorados por apresentadores-locutores; já os programetes (espécies de intervalares de curta duração em formato informativo com temas

especializados) são produzidos pela produção da rádio e/ou por convidados externos ligados à área acadêmica; além dos programas jornalísticos, que são produzidos por jornalistas e estagiários da graduação da Unama, e os programas musicais. Portanto, as características principais da programação são da combinação de programas de duração e formatos variados, com viés educativo-cultural e produzidos por diversos agentes internos, como as equipes de produção e jornalismo da emissora e agentes externos, quando tem participação de professores, preceptores e alunos da Universidade da Amazônia.

Atualmente, a rádio Unama FM conta com 12 colaboradores, entre técnicos, jornalistas e estagiários, que se revezam para manter a programação 24 horas no ar, em dois departamentos coesos: produção e jornalismo. Além dos colaboradores, a rádio conta ainda com voluntários e parceiros externos que produzem e apresentam programas temáticos e que seguem a linha editorial da emissora. Alguns deles agregam características do rádio contemporâneo, ao trazer experiências *crossmedia* (desenvolver conteúdos ao mesmo tempo em várias mídias), em que o programa de rádio dialoga com a internet e com programa de TV.

A preocupação com a linha editorial é constante. A rádio tem forte ligação com a academia e possibilita a manutenção de conteúdos voltados para a educação, ciência, pesquisa e conhecimento. De certo modo, prevalece a programação que escapa do mainstream e foca no diferencial educativo, algo que as rádios comerciais costumam ignorar.

Além disso, observa-se uma prevalência de ser uma emissora que está voltada para o universo do ensino superior, mas também, para fora dos muros da universidade – e dialogando assim, com o ensino básico, a cultura e o regionalismo. No próprio slogan da rádio se evidencia o conceito que percorre toda programação: *O som da Amazônia*.

O *slogan*, criado em 2016, reforça o perfil da rádio que privilegia o regionalismo, ao mesmo tempo, que, apresenta abertura para o novo, a

experimentação e o híbrido. Por outro lado, é identificado o caráter público da emissora, que valoriza a participação da comunidade através de parcerias com profissionais do mercado da comunicação local.

Um aspecto fundamental dentro do contexto das emissoras universitárias é a divulgação da produção científica das instituições de educação superior. É ir além da assessoria da imprensa e produzir conteúdos diferenciados e mostrar o investimento em pesquisa, ensino e extensão por parte da Universidade.

De acordo com Kunsch (1992), as universidades, como centros de produção contínua e sistematizada de conhecimentos, têm a necessidade de direcionar seus produtos e suas potencialidades para prestar serviços à comunidade acadêmica e ao público externo. As produções acadêmicas precisam atingir a opinião pública e fomentar o aprofundamento de pesquisas, em um sistema planejado de comunicação para a difusão da programação científica para a sociedade (KUNSCH, 1992).

O tratamento da emissora, em geral, é predominantemente jornalístico e o conteúdo deve ir além das barreiras universitárias, atingindo diferentes públicos (SPENTHOF, 2013). A Unama FM, por ser, também, uma emissora aberta, segue essa "cartilha" em, praticamente, sua integridade. Como foi falado anteriormente, a programação da rádio tem como base a pluralidade, seja por sua concepção, seja por sua configuração pública e universitária. Logo, a grade tem programas heterogêneos e que são produzidos em parte pela equipe da emissora, por pesquisadores, docentes e alunos da Unama e por colaboradores externos, ligados ou não à academia. Todos os programas, apesar de diversos nos formatos, contemplam os interesses editoriais da emissora, mesclando um hibridismo com novos formatos.

**Tabela 2: Programas produzidos pela Unama FM (fevereiro de 2021)**

PROGRAMA	VEICULAÇÃO	CONTEÚDO
01 CAFEZINHO	Diária	Musical com MPB

02	BACANA NEWS	Diária	Programa de opinião
03	SONAR	Diária	Musical adulto-jovem contemporâneo
04	ENERGIA 105	Diária	Programa jovem diverso
05	RÁDIO LOBO	Diária	Programa esportivo de clube de futebol
06	TREND LIKES	Diária	Musical jovem / Billboard
07	DEPOIS DA CHUVA	Diária	Musical Pop Rock / Regional
08	CONVERSA COM IMORTAIS	2 vezes por semana	Programa da Academia Paraense de Letras (APL)
09	CINEMATIC	2 vezes semana	Programa sobre cinema
10	ESTÚDIO BR	1 vez por semana	Musical MPB atual
11	ZONA ROCK	2 vezes por semana	Musical de rock nacional, internacional e regional
12	JAZZ & OUTRAS BOSSAS	1 vez por semana	Musical com pesquisa musical
13	LOVE U	2 vezes por semana	Musical romântico nacional e internacional
14	BATUQUES	2 vezes por semana	Especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Unama
15	CAFÉ COM PUPUNHA	2 vezes por semana	Programa dos cursos de Nutrição e Gastronomia da Unama
16	SAMBAÍ	1 vez por semana	Musical com pesquisa sobre o ritmo samba
17	GLOBALIZANDO	1 vez por semana	Programa do curso de Relações Internacionais da Unama

18	NOTÍCIA 360	2 vezes por semana	Programa de debate jornalístico
19	CLUBE DA INSÔNIA	2 vezes por semana	Musical da madrugada variado

**Fonte:** Autoria própria, a partir da programação disponível no site

Os programas produzidos pela emissora contam com três locutores principais que se revezam para conduzir, uma vez que a maioria deles são pré-gravados. Somente um dos programas é ao vivo, no horário da tarde, o programa “Depois da Chuva”, que está no ar desde o início da emissora. O programa é musical e tem como foco a *playlist* adulto-jovem contemporânea, com bandas de *pop rock*, *indie*, *folk* e experimentais regionais, nacionais e internacionais. O locutor anuncia as músicas, traz notícias do mundo da música e do cenário cultural paraense. O nome do programa é uma referência direta ao horário comum da manifestação desse fenômeno natural – a chuva – nas tardes de Belém. O mesmo locutor apresenta o musical “Sonar”, com perfil comercial e lançamentos.

Na emissora também são produzidos programas musicais temáticos, como o “Cafezinho”, “Cinematic”, “Zona Rock”, “Love U”, “Sambaí”, “Jazz & Outras Bossas”, “Estúdio BR”, “Trend Likes” e “Clube da Insônia”. São programas com *playlist* temática, com duração de 1 hora em média e apresentados por Izabel Chaves e Celso Freire. Esses programas mesclam música e informação. Alguns deles são baseados em pesquisas musicais prévias e seguem um perfil determinado de conteúdo. Há músicas autorais e artistas locais, sempre explorando gêneros e subgêneros musicais, de acordo com a temática do programa. No caso do “Cinematic”, por exemplo, observa-se a presença de temas e trilhas dos principais filmes da indústria cinematográfica atual e da história.

A vertente da pesquisa e da academia são presentes nos programas “Batuques”, “Globalizando” e “Café com Pupunha”. Eles são produzidos a partir da pesquisa e criação de conteúdos de pesquisadores, professores e alunos dos

cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade, que ficam responsáveis por todo processo de produção, desde a pesquisa dos temas e assuntos, da programação musical, da estética do programa e da edição.

Já os programas de parceiros da emissora são produzidos em conjunto a partir de contrato com base em apoio cultural. Tais programas ocupam espaços específicos na emissora e trazem conteúdos jornalísticos e de entretenimento temático. O Programa "Bacana News" ocupa dois horários diferenciados da grade, das 7 às 9 da manhã e das 17 às 19 horas, com conteúdos de variedades e jornalismo ao vivo, direto do estúdio da emissora. O programa é jornalístico, com viés opinativo, e musical. Recorre a profissionais especialistas temáticos para debater os temas do dia, como os pesquisadores da Universidade. A produção em parceria é liderada pelos jornalistas Marcelo Marques e Henrique Miranda, idealizadores do projeto.

Outro programa diário em formato similar é o "Energia 105". Programa *Talk Show* e variedade musical, é apresentado pelo radialista Mauro Cléber. O programa tem parceria com a Unama FM e utiliza a estrutura para produção. O mesmo acontece com o Programa "Rádio Lobo", que é um espaço para o clube Paysandu Sport Club, com notícias e entretenimento esportivo. O programa conta com a participação de estagiários do curso de Jornalismo da Unama, que ajudam na produção e edição do programa diário.

Os alunos também estão presentes na parceria com a jornalista Priscilla Castro, que comanda o "Notícia 360º", programa no estilo "Profissão Repórter", com debate com especialistas. Os assuntos temáticos da semana repercutidos sobre os vários pontos de vista. O programa é produzido em conjunto com o Curso de Comunicação Social, da Unama. Os alunos são responsáveis pelas pautas e pela condução do programa, que recebe vários entrevistados para debater um tema específico. O programa vai ao ar sempre uma vez na semana, com reprises.

Por fim, na busca de gerar um conteúdo diversificado para atingir as diferentes audiências, para além do espaço universitário, a Unama FM tem os programetes, que focam na diversidade de conteúdos. Segue a lista dos

programetes da emissora, de acordo com a grade disponível no site [www.unamafm.com](http://www.unamafm.com), em fevereiro de 2021:

- **MOCHILÃO:** programete de um minuto, com dicas de turismo alternativo e barato na região metropolitana de Belém e no Pará. A ideia é focar locais e programas pouco divulgados e conhecidos;
- **MESTRE CUCA:** programete de um minuto, com dicas de receitas rápidas e petiscos especiais conduzidos por alunos e professores do curso de Gastronomia dos campi Alcindo Cacela e Ananindeua da Unama;
- **EU CURTO RÁDIO UNAMA:** intervalar com alunos, futuros alunos, professores e colaboradores da Universidade, dedicando uma música da playlist;
- **GEEK OU NERD?** Conteúdo de 1 minuto, com dicas de cultura digital, cibercultura e games;
- **MUNDO UNAMA:** programete de 1 minuto, com toda a programação acadêmica, científica, artística, cultural que a universidade estará promovendo. Uma espécie de agenda com atualização contínua e divulgação com uma semana de antecedência;
- **SUPER-SAUDÁVEL:** conteúdo de 1 minuto, com dicas de cuidados e orientações sobre saúde e bem-viver. Produção dos cursos de Nutrição, Enfermagem, Fisioterapia, Psicologia, Odontologia, Educação Física, Farmácia, Fonoaudiologia das Unidades Alcindo e Ananindeua da Unama;
- **ZOO UNAMA:** conteúdo de 1 minuto, com curiosidades de fauna e flora da Amazônia. Produzido pelo curso de Ciências Biológicas do campus Alcindo Cacela da Unama. O programete menciona o Zoo *Unama* da cidade de Santarém, no oeste do Pará;
- **MEU DIREITO:** programete de 1 minuto, com atendimento e orientações sobre o universo jurídico. Em cada programete, há um tema e área jurídica. Programa do Curso de Direito da Unama, através do seu Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ);
- **UNAMA CARREIRAS & EMPREGOS:** programete de 1 minuto, produzido pelo Núcleo de Carreiras, abordando as profissões, tendências e dicas sobre trabalho/ofertas de empregos/mercado;
- **MINUTO GLOBALIZANDO:** programete de 2 minutos que traz

pequenos resumos do Programa “Globalizando”, como dicas de leitura, curiosidades e política internacional. Apresentado por docentes e alunos de Relações Internacionais da Universidade;

- **MINUTO EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO:** programete de 2 minutos sobre educação, Enem e universo estudantil;
- **GRANDES EMPREENDEDORES:** programete de 1 minuto sobre a história rápida e curiosa de grandes empreendedores. Nomes do *business* paraense, brasileiro e mundial;
- **CLOSE CERTO:** Programete de um minuto com dicas de moda, tendências e conceitos regional e nacional. Produzida por professores e alunos dos cursos de Moda e Design da Unama;
- **CUIDADO COM A LÍNGUA:** Programete de um minuto com dicas de uso correto da língua portuguesa e produzido pelo Curso de Letras da Unama; e
- **MEU PET:** programete de 1 minuto com dicas sobre cuidados com animais domésticos e selvagens. Produzido pelo curso de Veterinária da Universidade.

Esses programetes, com conteúdos objetivos e curtos, possibilitam uma conexão maior entre a Unama FM e o ouvinte. De acordo com Herrera Huérfano (2001), as rádios universitárias precisam apresentar algo diferenciado e essencialmente novo, não só como forma de se distinguir das rádios comerciais com suas respectivas propostas, mas como um meio de formação de plateia e do incentivo ao senso crítico.

E Villafaña (1997) reforça que os projetos das emissoras universitárias precisam buscar diversos segmentos de audiência, identificando necessidades dos públicos e buscando metas quantitativas e qualitativas, priorizando o que é efetivamente útil para os ouvintes.

### **Conclusões**

Diante dos aspectos apresentados neste artigo e à guisa de conclusões, é possível afirmar que há uma necessidade de se ampliar o escopo de funcionamento e de ações das rádios universitárias, não apenas pelo contexto da convergência das mídias e da integração do *dial* com a internet, mas em

pensar nelas como espaço efetivo de produção de conteúdos acadêmicos e científicos e vetores para a expansão do conhecimento.

A Unama FM busca cumprir sua missão em produzir conteúdos diversificados para atender não apenas os discentes, os colaboradores e os professores da instituição, mas também ampliar sua área de atuação para os públicos externos, ainda mais com os conteúdos jornalísticos. Expandir o conhecimento científico produzido dentro da instituição é algo que a emissora vem procurando fazer diariamente e, por enquanto, vem conseguindo atingir seus objetivos.

Como foi tratado no decorrer desse texto, em um contexto em que a produção científica é contestada e em que o conhecimento gerado nas universidades recebe ataques de vários gestores públicos e também de particulares, o funcionamento em plenitude de uma emissora educativa com vocação universitária acaba por se tornar um espaço constante de apresentação de novos conteúdos, formas de comunicação e de estímulo ao senso crítico da sociedade. Por óbvio, não se trata de uma tarefa fácil, mas a melhor maneira de uma sociedade evoluir é a partir do conhecimento e da informação, em uma visão integral da cidadania.

A emissora universitária em tela conseguiu congrega, também, a adequação de uma linguagem tradicional radiofônica com o espaço de formação profissional dos estudantes e a convergência midiática com a Internet e as plataformas digitais. Há o cumprimento da finalidade educacional dentro da Unama FM, com suas propostas pedagógicas e nas interações com os diferentes públicos, gerando um intercâmbio de saberes acadêmicos.

Destarte, reforça-se, a responsabilidade da Rádio Unama FM como uma emissora aberta e pertencente a uma instituição de educação da Amazônia, no sentido de ampliar as questões e pautas sobre a região, a partir do conhecimento científico produzido pela instituição.

## Referências

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DO BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Apresentacao\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf) Acesso em: 12 de jun. de 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Tradução: Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

HERRERA HUÉRFANO, Eliana del Rosario. Apuntes para pensar la producción radial desde la academia. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, n.38, p. 64-71, 2001.

KEMPF, Helena de Oliveira. Rádio Universitária Pública: reflexão sobre sua função. 2003. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, mar. 2003.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; PIERANTI, Octavio Penna; HANG, Lorena. Rádios universitárias no Brasil: Um campo em constituição. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, n. 9, p. 132-142. Alaic: 2018.

KUNSCH, Margarida. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992.

LEAL, Maria Cristina. **Nas Ondas da Razão e da Ciência**: a radioeducação como instrumento da modernidade no Brasil dos anos 20 aos 50. Rio de Janeiro: Ed. Moderna, 1999.

MARQUES DE MELO, José. Por uma política pedagógica para os órgãos laboratoriais dos cursos de jornalismo; Laboratórios de jornalismo: conceitos e preconceitos. In: **Comunicação: teoria e política**. São Paulo: Summus, 1985.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo, Summus Editorial, 2001

MARTÍN-PENA, Daniel, PAREJO CUÉLLAR, Macarena, VIVAS MORENO, Agustín. **La radio universitaria** – Gestión de la información, análisis y modelos de organización. Barcelona: Gedisa, 2016.

MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo; MATOS, Cristiana. Cartografia das rádios universitárias do Brasil (1950-2016). In: **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR, 2017.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PORTAL Unama. Disponível em [www.unama.br](http://www.unama.br). Acesso em 20 jun. 2021.

PORTAL Unama FM. Disponível em [www.unama.br](http://www.unama.br). Acesso em 20 jun. 2021.

SANTOS, Elias. UFMG Educativa. In: PRATA, Nair (org.). **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010.

SANTOS, Izabelly. Rádio universitária na Amazônia paraense: um estudo das rádios Unama FM e rádio Web UFPA. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2019.

SPENTHOF, Edson Luiz. (2013). A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios. **Comunicação & Informação** (1), p. 153-166, 2013.

VILLAFANA, Irving Berlin. Las radios universitarias, subversión en los mercados? El caso mexicano: el Sureste. 1997. Dissertação (Mestrado em Comunicação Iberoamericana) – Universidad Internacional de Andalucía, Huelva, España. El Hilo de Ariadna, Mérida, n.3, set.-dez. 1998.

ZUCULOTO, Valci R. M. A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2010.

ZUCULOTO, Valci; MATTOS, Ediane; LONGO, Guilherme; CLASEN, Beatriz. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão em radiojornalismo: a experiência da Rádio Ponto UFSC. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 14, n.2, p.101-112, jul.- dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p101/35880>. Acesso em 20 jun. 2021.

## RESENHA

### **As vozes no radiojornalismo: quem fala nesse contexto expandido?**

*Voices in radio journalism: who speaks in this expanded context?*

*Voces en el periodismo radiofónico: ¿quién habla en este contexto expandido?*

---

Luana Viana

Tão certo quanto  $2 + 2$  são 4, a equação "redução no quadro de profissionais em emissoras radiofônicas" + "apuração à distância" = "limitação do uso de fontes no radiojornalismo" também nos traz pouca novidade. Mas é além desse simples somatório de fatores e buscando compreender a atuação do jornalista contemporâneo que o livro *A seleção das fontes no rádio expandido*, de Luán José Vaz Chagas, nos apresenta um cenário de como ocorre a escolha de quem fala ou não no jornalismo radiofônico.

---

**>> Como citar este texto:**

VIANA, Luana. As vozes no radiojornalismo: quem fala nesse contexto expandido? **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 200-204, mai./ago. 2021.

**Livro resenhado:**

A seleção das fontes no rádio expandido



**Sobre a autora**

Luana Viana

[lvianaana@gmail.com](mailto:lvianaana@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-4927-5219>

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), participa dos Grupos de Pesquisa em Comunicação: Laboratório de Mídia Digital (UFJF) e Convergência e Jornalismo (UFOP).

Diante de um panorama que reforça a precarização do trabalho dos jornalistas nas redações de rádio, “a seleção das fontes nesse ambiente se torna desigual entre agentes que possuem uma relação sofisticada com a imprensa e o cidadão comum, que demanda de apuração na rua, do aprofundamento e da diversidade de interpretações sobre os acontecimentos” (p. 14). Tal frase, presente logo na apresentação da obra, prepara o leitor para as discussões que serão abordadas ao longo do livro e que são guiadas pelo seguinte questionamento: Como as vozes sociais são selecionadas nos ambientes de produção da notícia?

A partir dessa pergunta, alguns conceitos tornam-se fundamentais para que se possa compreender os rumos dessa pesquisa. Destacamos aqueles que aparecem embalados em uma tríade e localizam o leitor no momento contemporâneo em que o rádio se encontra: Rádio Expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), Rádio Hipermediático (LOPEZ, 2010) e a Fase da Multiplicidade da Oferta (BRITTOS, 2002).

Diante do fato do radiojornalismo ser integrado às transformações pelas quais passam toda a tecnologia radiofônica, bem como ao contexto em que o rádio se insere, Chagas (2021) nos lembra de que a multiplicação de modalidades de transmissão e a difusão de conteúdos nem sempre – raramente, na verdade – acompanham a contratação de profissionais e a busca pela inovação nas empresas de comunicação. Essa disparidade reflete diretamente no conteúdo das emissoras, nas fontes que são selecionadas e, conseqüentemente, na realidade que é (re)construída para o ouvinte.

Para abordar essas especificidades, o livro é dividido em cinco capítulos. Os três primeiros, respectivamente intitulados como *A seleção das fontes*; *Diversidade, pluralidade e condições profissionais*; e *As fontes na comunidade interpretativa dos(as) jornalistas*, trazem diversas discussões teóricas a partir de revisões de literatura. Nesta primeira parte, a grande contribuição do autor para os estudos da área encontra-se na proposta de taxonomia das fontes no radiojornalismo. Essa classificação possibilita uma cartografia das diferenças

de posição, de interesse, de ação política, participação e acesso aos temas pelos quais o jornalismo circula.

O quarto capítulo, *A seleção das fontes no radiojornalismo expandido*, reflete a opção de Chagas por uma abordagem multimetodológica na coleta de dados que proporciona uma discussão aprofundada sobre a escolha das vozes para a elaboração de matérias. O autor cruza os dados obtidos em entrevistas realizadas com jornalistas da Bandnews Rio, CBN Rio e CBN Ponta Grossa com uma análise de conteúdo da programação ao vivo das emissoras.

As entrevistas permitem a análise de questões como o perfil profissional e suas dinâmicas na comunidade interpretativa, a atuação profissional na seleção das fontes, seus critérios de noticiabilidade e os constrangimentos organizacionais na redação. Já a análise de conteúdo mostra um olhar prático em que as disparidades no uso de fontes são evidenciadas.

A partir disso, algumas diferenças se destacam, como a incorporação de novas ferramentas na redação para a procura de diferentes vozes sobre o acontecimento *versus* o uso cotidiano e indiscriminado dos materiais originários de assessorias, agências, sites e outras plataformas. No entanto, prevalece uma característica intrínseca às três rádios estudadas: a maioria das fontes utilizadas faz parte de uma estratégia mais próxima das emissoras, e não da relação com o jornalista.

É a partir dos dados coletados e sistematizados na quarta parte do livro que as reflexões embasadas pela constatação prática nascem. No capítulo cinco, *Especificidades do radiojornalismo na seleção das fontes*, Chagas nos oferece mais contribuições epistemológicas.

A primeira delas se materializa em um perfil de *gatekeeping* e *gatewatching* específico para o radiojornalismo (o Mr. Rádio Gate), que foi construído a partir da realidade do trabalho no cotidiano dos jornalistas envolvidos na produção noticiosa das três emissoras radiofônicas estudadas. Com base nos caminhos que levam à construção dessas figuras, percebe-se que o fluxo de produção, diferentemente dos meios impressos, da web ou

televisivos, possui características não lineares, mas que predominam as escolhas dos jornalistas que estão em diferentes funções na redação. Aqui, ainda é importante destacar que, segundo o autor, o perfil desse profissional é o de uma atuação multitarefa e que dentre outros motivos, tal qual a escassez de recursos humanos, exerce suas atividades “sentado” (PEREIRA, 2004) e longe do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010).

Como nos comprova Chagas, os modelos de construção da notícia voltados para o impresso – pirâmide invertida (TRAQUINA, 2005) – e para a web – pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2007) e *news diamond* (BRADSHAW, 2006) – não dão conta do processo de elaboração noticiosa do radiojornalismo. Com base nisso, a outra contribuição do autor para o campo é um modelo próprio para se pensar o jornalismo de rádio ao vivo: a estrutura em espiral, que se estabelece com a continuidade de debates a partir de contextualizações, seleção de fontes e a utilização de formatos como notícias, reportagens, boletins, entre outros.

No entanto, ressalta-se que apesar do rádio ao vivo seguir um movimento espiral, ainda assim necessita do aprofundamento e da contextualização por meio da pluralização e diversificação das fontes. É a partir dessa perspectiva que entramos na quarta contribuição epistemológica: pensar na diferença entre essas duas dimensões, necessidade que surge após a análise do autor sobre a distribuição dos tipos de fontes nos programas locais.

Como bônus, Chagas nos presenteia com o posfácio *Quem fala no radiojornalismo?*, onde estão reunidas de forma sistematizada as pontuações mais interessantes e relevantes de toda a pesquisa. Essa apresentação permite que o leitor revise os processos de seleção de fontes, bem como as possíveis consequências para uma atuação limitada do jornalista que restringe a percepção do acontecimento a uma apuração de dentro da própria redação.

Se de maneira geral *A seleção das fontes do rádio expandido* fornece bases para se pensar tanto a teoria quanto a prática do radiojornalismo contemporâneo, de maneira específica, constitui-se naquilo que Marcelo

Kischinhevsky optou por trazer como título do prefácio do livro: “Um clássico instantâneo dos estudos de rádio e jornalismo”.

## Referências

BRADSHAW, Paul. **Model for a 21st century newsroom – redux: how digitisation has changed news organisations in a multiplatform world**. [s.i]: Leanpub, 2012. Disponível em <https://leanpub.com/21stcenturynewsroom>.

BRITTOS, Valério Cruz. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. **Verso & Reverso**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35, p. 31 -54, jul.-dez. 2002.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana (org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

PEREIRA, Fábio Henrique. O jornalista sentado e a produção da notícia online no Correio Web. **Em Questão**, v. 10, nº 1, p. 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.